



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

MARIA APARECIDA DA FONSECA LIMA

REDES DE MEMÓRIAS DE UMA MULHER ARTISTA:
EM BUSCA DE 'UM LUGAR AO SOL'...

FORTALEZA
2023

MARIA APARECIDA DA FONSECA LIMA

REDES DE MEMÓRIAS DE UMA MULHER ARTISTA:
EM BUSCA DE 'UM LUGAR AO SOL'...

Dissertação apresentada ao Mestrado em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Poéticas da criação e do pensamento em artes.

Orientadora: Profa. Dra. Jo A-mi Rodrigues da Silva Maia
Coorientadora: Profa. Dra. Claudia Teixeira Marinho

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L899r Lima, Maria Aparecida da Fonseca.
Redes de memórias de uma mulher artista : em busca de 'um lugar ao sol'... / Maria Aparecida da Fonseca Lima. – 2023.
111 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Jo A-mi Rodrigues da Silva Maia.
Coorientação: Profa. Dra. Cláudia Teixeira Marinho.
1. Redes de Criação. 2. Narrativa de Memória. 3. Autobiografia. 4. Mulheres Artistas Cearenses . 5. Artistas Guerreiras. I. Título.

CDD 700

MARIA APARECIDA DA FONSECA LIMA

REDES DE MEMÓRIAS DE UMA MULHER ARTISTA:
EM BUSCA DE 'UM LUGAR AO SOL' ...

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Artes da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre. Área de concentração: Poéticas
da criação e do pensamento em artes.

Aprovada em 29/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jo A-mi Rodrigues da Silva Maia (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Claudia Teixeira Marinho (Coorientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Joana D Arc de Sousa Lima
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe

Aos meus filhos Gabriel e Gustavo (*in
memoriam*)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Jo A-mi Rodrigues da Silvia Maia, pela excelente orientação.

À Profa. Dra. Claudia Texeira Marinho, pela também excelente orientação.

À Profa. Dra Joana D Arc de Sousa Lima, pela grande colaboração, reflexões, críticas e sugestões.

À Profa. Dra. Thereza Cristina Rocha Cardoso, pela grande colaboração, reflexões, críticas e sugestões no projeto de qualificação.

Ao Prof. Dr. João Vilnei de Oliveira Filho, pela grande colaboração, reflexões, críticas e sugestões.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

A todos quanto contribuíram de uma forma ou de outra para o sucesso dessa caminhada, minha infinita gratidão, especialmente a Paula Lenz Costa Lima, Ivonice Montezuma, João Dionisio de Melo Neto, Janaina Marques Melo, Francisco Chacon Silva e Girleiwe Moreira Marques, pelo apoio, carinho e paciência no decorrer de todo esse processo.

RESUMO

Nesta dissertação, discorre-se sobre um percurso artístico, através de autobiografia, onde se faz a narrativa de memórias, problematizando a busca de 'um lugar ao sol' como mulher, poetisa, escritora e pintora. Baseado no conceito de "Redes da criação" como processo da construção das obras de arte (Salles, 2004, 2006), resgatam-se as redes que realizam um processo de criação, redes de um caminho de uma artista, trazendo o entrelaçamento do percurso dessa artista com outras, a saber: Nice Firmeza, Heloisa Juaçaba e a própria mãe. Para esta narrativa – autobiográfica e biográfica –, utilizam-se, além de memórias, fontes bibliográficas, iconográficas e documentos como jornais, revistas, artigos científicos, cartas pessoais, dentre outros. O texto está organizado em duas partes: na primeira, apresentam-se as redes de base do caminho da artista em evidência; e, na segunda, resgatam-se os fios das obras de pintura e literatura dessa artista. Este trabalho trouxe como alguns de seus resultados, ainda, a oportunidade de aproximação da artista com o próprio processo (ao perceber sua rede de criação, totalmente inacabada) e com outras redes de processos que se coletivizaram no percurso.

Palavras-chave: redes de criação; narrativa de memória; autobiografia; mulheres artistas cearenses; artistas guerreiras.

ABSTRACT

This dissertation discusses an artistic journey, through autobiography, where the narrative of memories is made, problematizing the search for 'a place in the sun' as a woman, poet, writer, and painter. Based on the concept of 'Creation Networks' as a process of construction of works of art (Salles, 2004; 2006), it is rescued the networks that carry out a process of creation, networks of an artist's path, bringing the intertwining of the path of this artist with others, namely: Nice Firmeza, Heloisa Juaçaba and her own mother. For this narrative - autobiographical and biographical -, in addition to memories, bibliographical and iconographic sources and documents such as newspapers, magazines, scientific articles, personal letters, among others, are used. The text is organized into two parts: in the first, the basic networks of the artist's path are highlighted; and, in the second, the threads of this artist's painting and literary works are rescued. This work also brought, as some of its results, the opportunity for the artist to get closer to the process itself (when perceiving her own creation network, completely unfinished) and with other networks of processes that were collectivized along the way.

Keywords: creation networks; memory narrative; autobiography; women artists from Ceará; warrior artists.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Uma das cartas de minha mãe.....	19
Figura 2 – Fotos da minha mãe e do meu pai	20
Figura 3 – Pintura de Nice Firmeza	24
Figura 4 – Pintura em linha, 2007, Crochê e renda, Nice Firmeza	24
Figura 5 – Obra de Heloísa Juaçaba, Sem título – 1983	27
Figura 6 – Exposição de Cartões de natal na Casa de Cultura Raimundo Cela	31
Figura 7 – Artistas da SCAP, S/d. Fortaleza-CE	33
Figura 8 – Letra da música <i>Menino Bagunceiro</i>	35
Figura 9 – Capa do panfleto e o cartaz da apresentação da peça <i>A Gaiola</i>	36
Figura 10 – Grupo Avoante	37
Figura 11 – Fotos do panfleto da peça <i>A Gaiola</i>	38
Figura 12 – Carteira de Artista fornecida pelo Ministério da Justiça	39
Figura 13 – <i>Marcel Duchamp e eu</i>	40
Figura 14 – <i>Beatriz Milhazes e eu</i>	41
Figura 15 – <i>John Hamon e eu</i>	42
Figura 16 – <i>Nice Firmeza e eu</i>	43
Figura 17 – <i>Yves Klein e eu</i>	44
Figura 18 – <i>Hélio Oiticica e eu</i>	45
Figura 19 – <i>Camille Claudel e eu</i>	46
Figura 20 – <i>I'm a real artist</i>	48
Figura 21 – A Fonte, Marcel Duchamp, 2017	49
Figura 22 – Pássaro. Aquarela.....	51
Figura 23 – Visão (Um ensaio no Surrealismo) Ano 1977, Óleo sobre tela	52
Figura 24 – Os pés cansados do viandante	53
Figura 25 – A Margem. Desenho sobre papel canson.....	53

Figura 26 – Detalhamento do desenho A Margem	54
Figura 27 – Diplomas de participação no Salão de Abril	56
Figura 28 – Regulamento do Salão de Abril.....	57
Figura 29 – A espera, 1977	58
Figura 30 – Exposição das obras <i>Claustrofobia I</i> e <i>Claustrofobia II</i> , de 1977	59
Figura 31 – Salão de Abril, Fortaleza-CE, 1943	61
Figura 32 – Cartões de Natal	62
Figura 33 – Declaração da Fundação Bradesco	63
Figura 34 – Material em aquarela.....	64
Figura 35 – Projeto <i>Guerreiras ou Artistas</i>	66
Figura 36 – Projeto <i>Guerreiras ou Artistas</i> na mídia.....	66
Figura 37 – Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba	67
Figura 38 – Idealizadoras e participantes da <i>Exposição Marias</i>	68
Figura 39 – Cartaz da exposição <i>Multiplicidades</i>	69
Figura 40 – Exposições sobre visibilidade, igualdade das mulheres	70
Figura 41 – Sem Título. Aquarela sobre papel Canson	71
Figura 42 – Pássaro Azul. Aquarela sobre papel Canson	72
Figura 43 – Bom Dia. Aquarela sobre papel Canson.....	73
Figura 44 – Maternidade	74
Figura 45 – Menina no cavalo. Aquarela sobre papel Canson	75
Figura 46 – Palhaço. Aquarela sobre papel Canson	76
Figura 47 – Sem Título.....	77
Figura 48 – Flores do Campo.....	78
Figura 49 – Sem Teto. Arte Híbrida: fotografia e pintura	79
Figura 50 – Mulher Azul. Acrílica sobre madeira	80
Figura 51 – Mulher e Pássaro Vermelho. Técnica: Acrílica sobre madeira.....	80
Figura 52 – Manon e Koquito. Aquarela sobre papel Canson	81

Figura 53 – Sem Título. Aquarela e Poesia sobre papel Canson	82
Figura 54 – Mulher e Pássaros. Figurativo: acrílica sobre tela	83
Figura 55 – Mulher com Girassóis. Figurativo acrílica sobre tela	84
Figura 56 – Cartaz do Projeto <i>Quatro Estações</i>	85
Figura 57 – Cartaz da Exposição <i>Espelho, Espelho Meu</i>	86
Figura 58 – Eu e Meu Espelho, Espelho Meu	87
Figura 59 – Dedicatória de Mia Couto no livro <i>Vozes Anoitecidas</i>	89
Figura 60 – Livro <i>Em Silêncio</i>	92
Figura 61 – Lançamento do livro <i>Em Silêncio</i> , 1981	92
Figura 62 – Carta de Moreira Campos	93
Figura 63 – Poema Transparente.....	94
Figura 64 – Registro da Carteira de Trabalho	95
Figura 65 – Carta de aprovação para impressão do livro <i>Síntese de mim</i>	96
Figura 66 – Livro <i>Síntese de Mim</i>	97
Figura 67 – Lançamento do livro <i>Síntese de mim</i> , 1986.....	98
Figura 68 – Cidinha Fonseca em auto-retrato, de Sinésio Cabral	99
Figura 69 – Cidinha Fonseca e o poder de falar alto, de Lau Siqueira	100
Figura 70 – Comentários de Lau Siqueira sobre o livro <i>Síntese de Mim</i>	101
Figura 71 – Poemas destacados por Lau Siqueira do livro <i>Síntese de Mim</i>	101
Figura 72 – Cidinha Fonseca no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras	103

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PARTE I - PINTANDO AS REDES DO MEU CAMINHO DE ARTISTA..	18
2.1	Nice Firmeza, Heloísa Juaçaba e eu	22
2.2	Entidades de formação em artes e divulgação de artistas cearenses	29
2.3	O movimento moderno cearense sob a óptica das scapianas	33
2.4	Passeando um pouco pelas artes da cena	36
3	PARTE II - EM BUSCA DE UM LUGAR AO SOL'	48
3.1	Em busca de um lugar ao sol' ... na pintura	48
3.2	Em busca de 'um lugar ao sol' ... na literatura	88
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
	REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

Ó arte! Onde está a tua verdade?

(Cida Fonseca, parodiando Shakespeare)

Neste trabalho, faço a narrativa das memórias de uma artista cearense em busca de um lugar ao sol como mulher, poetisa, escritora, pintora... Sou eu esta artista. Nesta minha narrativa, em que rememoro o percurso que me tornou a artista que sou, tento entender minha arte, analisar minhas obras nas artes visuais, sinalizar as instituições que tiveram relevância na minha formação (como são importantes para o aperfeiçoamento e conhecimento de estilos e formas para o artista!!!), resgatar minhas experiências com duas mulheres artistas, cearenses, com as quais convivi e que me influenciaram de alguma forma (mulheres que tiveram papéis importantes na construção da arte contemporânea cearense), tudo o que teceu e tece a minha rede de criação.

Nasci em uma época feliz para as mulheres, pois, segundo a história, nas primeiras décadas do século XX, já havíamos conquistado espaços na sociedade em relação à liberdade sexual e de expressão. Se, de um lado, isto é um fato – e houve grandes avanços a partir do momento em que as mulheres puderam estudar e votar, só para citar dois pontos de extrema importância para a liberdade da mulher; de outro lado, há ainda muito a se questionar e por lutar. A presença e influência masculina ainda predominam nas mais diversas áreas da sociedade. Embora o título de ‘rainha do lar’ já não seja mais utilizado, a mulher continua presa ao seu papel de mãe e dona de casa, em vários sentidos, a despeito de seus interesses.

Resgato minha história!!!

A palavra ‘memória’ vem do latim *monere*. Refere-se a lembranças, recordações de fatos e acontecimentos que não queremos que se apaguem nas brumas do esquecimento e desejamos transportar para o campo do conhecimento.

Tempos atrás, a biografia e a autobiografia eram tidas como gêneros menores. Contudo, na contemporaneidade, ambas se tornaram algo muito difundido, galgando o nível da arte (Zimmermann, 2020). A autobiografia é um texto no qual

escrevemos ou contamos acontecimentos efetivamente vividos por nós, através de uma história ou episódios. Trata-se de uma biografia escrita pelo próprio autor a respeito de si mesmo¹, contemplando suas impressões e sentimentos de fatos vividos ou desejados, cujas fontes podem advir de vários tipos de documento, como bem relata Arfuch (2010):

Biografias. Autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, por mais de dois séculos, dessa obsessão de deixar impressões, traços, inscrições, dessa ênfase na singularidade que é ao mesmo tempo uma busca de transcendência (Arfuch, 2010, p. 15).

Essa teoria enfoca a ideia de que as autobiografias e biografias são essencialmente narrativas pessoais. Ela examina como as pessoas constroem narrativas de suas próprias vidas ou vidas de outros e como essas narrativas dão sentido e significado a experiências com a globalização e a ampliação das vozes representadas na mídia e na literatura. As biografias e autobiografias oferecem uma plataforma para compartilhar uma ampla variedade de experiências e identidades, incluindo as de grupos historicamente marginalizados.

A memória, por outro lado, é alavanca para o presente, para o futuro, pois através das experiências armazenadas nos renovamos trazendo o melhor, senão a excelência, para o presente. Quando fazemos o ato de imersão na memória, refletimos o quanto andamos ou ficamos estáticos. Sendo assim, farei um entrelaçamento da minha história pessoal, narrando meu percurso artístico através da minha vida, das dificuldades e vitórias no caminho, com as trajetórias artísticas de mulheres scapianas². Contar essas histórias passa, conforme discorre Arfuch, por:

Três graus de análise da narração de uma vida: íntimo, privado, biográfico. Efetivamente, se adotamos a metáfora do “recinto” da interioridade, o íntimo seria talvez o mais recôndito do eu, aquilo que roça o incomunicável, o que se ajusta com naturalidade ao segredo. O privado, por sua vez, parece conter o íntimo, mas oferece um espaço menos restrito, mais suscetível de ser compartilhado, uma espécie de antessala ou reservado povoado por alguns outros. Finalmente, o biográfico compreenderia ambos os espaços, modulados no arco das estações obrigatórias da vida, incluindo, além disso, a vida pública (Arfuch, 2010, p. 133).

Para resgate da memória nessa minha narrativa autobiográfica, busco material de participação em eventos artísticos, obras gerais realizadas (pinturas,

¹ A palavra é um composto de três elementos gregos: autós (próprio, ‘de si mesmo’); bios (vida); e gráphein (‘escrever’), que é o autor, que descreve a história de sua própria vida. (D’Onofrio, 2002, p. 124).

² Artistas que participavam da Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP.

poesias, peças, músicas), recortes de jornais, fotografias, diário, cartas pessoais, dentre outros³.

O relato de 'memórias' torna-se uma ferramenta de pesquisa em Artes que, entretanto, só terá validade “[...] se o passado for entendido e absorvido na memória e pela memória individual e coletiva” (Rocha, 2008-2009, p. 353). Assim, o futuro é construído a partir do que se sabe sobre o passado e o que se vivencia no presente numa construção da História, pois como diz Bosi (1973):

O presente existe porque houve um passado, não podemos enterrá-lo; seja potente ou não sua importância é evidente.
Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escreve Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido conduzido pelo passado (Bosi, 1973, p. 18).

A partir do que Bosi (1973) nos leva a refletir, percebo que a contemporaneidade parece querer estrangular o passado, pondo em evidência apenas a arte contemporânea. Certa vez, em uma Exposição na minha cidade, um espectador que a visitava sentiu falta da pintura, e perguntou a esmo: “Onde está a pintura?” Diante de tantos trabalhos contemporâneos, onde víamos instalações, performance e outros, nada existia de pintura. Será que devemos marginalizar essa pessoa por não entender a falta do passado naquela Exposição? Não, a pessoa não era velha. Apenas, diante de tanta novidade, sentiu falta do passado ou da origem do contemporâneo, digamos assim. Conforme Bosi:

A lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização ela seria uma imagem fugidia. Mas o ancião não sonha quando rememora, desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar águas revoltas do presente alargando suas margens (Bosi, 1973, p.19).

Não faço aqui, no entanto, apenas relato de fatos. Busco elementos para entender as minhas próprias redes de criação e, com isto, trazer contribuições aos estudos sobre o processo criativo.

Cecilia Salles (2004, 2006) aborda a criação artística, focando na ideia de obras como objetos móveis e inacabados, no sentido de que existe um movimento entre o que se apresenta no início da criação de uma obra e o que se expõe como obra final. No sentimento do artista, a obra exposta ao final também não está

³ Muitas peças fazem parte do meu acervo pessoal, mas consegui resgatar algumas peças de amigos.

finalizada, completa; sempre pode ser aperfeiçoada. Para estudar esses processos, a autora destaca a importância dos registros deixados pelos artistas, como diários, esboços, anotações, maquetes, projetos, roteiros etc., no entendimento do processo criativo. Segundo ela, “[...] na relação entre esses registros e a obra entregue ao público, encontramos um pensamento em construção” (Salles, 2006, p. 5).

Nessa abordagem, portanto, a obra é vista como rede de conexões em constante evolução, ganhando complexidade à medida que novas realizações são proporcionais ao longo período criativo. Propõe-se uma leitura não linear e tradicional da criação artística, valorizando a ideia de inacabamento como características intrínseca ao processo criativo. A incompletude da obra não é vista como limitação, mas sim como valor dinâmico que impulsiona a busca constante por novas expressões e significados.

As redes de criação reconhecem a importância dos documentos deixados pelos artistas, além das interações culturais na formação de obras de arte e os diálogos entre os artistas, tanto do passado quanto do presente. Referências de movimentos artísticos, de outros artistas podem fazer parte das redes de criação.

É baseada nesse conceito de redes da criação, como processo da construção das obras de arte (Salles, 2004, 2006), que resgato em minha história as redes que realizam meu processo de criação, redes do meu caminho de artista, trazendo o entrelaçamento do meu percurso com as artistas Nice Firmeza, Heloisa Juaçaba e minha mãe.

Organizo o trabalho em duas partes. Inicialmente, na “PARTE I - PINTANDO AS REDES DO MEU CAMINHO DE ARTISTA”, coloco-me na jornada da minha prática artística, em que observo que criar uma obra de arte vai muito além das pinceladas em tela, ou papel. É uma dança complexa de influências, conexões e colaborações que transformam minhas visões em realidade. Meus trabalhos de arte são resultados não apenas do meu esforço pessoal, mas de uma emaranhada rede de criação que se entrelaça em todo meu processo criativo, como deixa claro Salles (2006, p. 12): “A criação artística é marcada por sua dinamicidade que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade”. Imagino a criação artística como uma teia de aranha, com cada fio representando uma influência, um contato ou uma inspiração. Esses fios se estendem por uma variedade de campos, desde o meu olhar de criança dos afazeres da minha mãe, à literatura, à música, aos meus diálogos com outros

artistas, além do mundo que me cerca.

Nessa perspectiva, deixei minhas memórias fluírem, sem controlar tempo ou espaço, e sem análises críticas. Inevitavelmente, em outros momentos, faço a revisão da minha história pessoal com as trajetórias biográficas de duas mulheres que foram expoentes nas artes visuais, precursoras do modernismo cearense: Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba. Essas artistas, mulheres das artes cearenses, superaram todos os obstáculos, sobressaíram-se no cenário artístico, e representam de forma grandiosa, a meu ver, os sonhos, as lutas e vitórias das mulheres de suas épocas, potencializando outras na contemporaneidade, incluindo a mim. Entretanto, elas são ainda pouco referendadas na história das artes.

Envolver a história das mulheres scapianas, ícones da arte cearense neste trabalho, tem o propósito de levantar a problematização sobre a luta da mulher artista contra a invisibilidade e sua busca por espaço e reconhecimento. As narrações autobiográficas e biográficas buscam nos levar a compreender os caminhos traçados por essas mulheres artistas, nossas precursoras, e a vislumbrar potentes contribuições que nos auxiliam em nossos caminhos na contemporaneidade.

A pesquisa sobre as artistas foi realizada por meio de fontes bibliográficas, iconográficas e documentos como jornais, revistas, artigos científicos, incluindo também minhas memórias resgatadas de convivências pessoais com Nice Firmeza e com a filha de Heloisa Juaçaba. Mostro imagens de obras das respectivas artistas, coletadas em revistas especializadas ou obtidas com seus familiares. Relato o contexto e as circunstâncias para as artes na época dessas mulheres e a importância de suas histórias para o surgimento de novas percepções na contemporaneidade.

Também abordo um pouco a luta das mulheres por adentrar o mundo artístico em busca de ocupar um lugar entre aqueles que desenvolvem essa atividade, sendo acolhidas e respeitadas, não como pessoas vistas como incapazes, por serem mulheres, mas como seres inteligentes e criativos. Alinho-me ao grande objetivo das estudiosas feministas, conforme Louro, de “[...] tornar visível aquela que fora ocultada”. Segundo a autora, “[...] a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da ciência” (Louro, 1997, p. 16). Complemento: e como sujeito da ciência e das artes. Este é, portanto, um trabalho fundamentado na reconstrução da memória, “[...] como algo vivo, em permanente mutação, construído tanto localmente como mundialmente, aberto e conectado em todos os seus pontos”

(Leão, 2016, p, 125).

Diante disso, começo expondo as minhas memórias e a minha luta por ser reconhecida como pintora e poetisa, expondo fatos importantes que me levaram a buscar os conhecimentos acadêmicos a respeito da luta das mulheres para se envolverem no mundo das artes, considerado como exclusivo dos homens. Como afirma Salles:

[...todos os registros deixados pelo artista são importantes, na medida em que podem oferecer informações significativas sobre o ato criador. A obra não é fruto de uma grande ideia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso. Há criação em diários, anotações e rascunhos (Salles, 2006, p. 30).

Depois, tentei organizar melhor o meu percurso e categorizar minhas obras de uma forma menos caótica. Identifiquei que minhas obras eram de naturezas diferentes – embora semelhantes. Não separo uma obra da outra (as partes têm caráter meramente didático), pois todas retratam minha alma e o meu olhar de mundo em momentos diferentes. Algumas são experimentos em mídias diferentes, outras são superposição de mídias em uma mesma. Apesar disso, por questões didáticas, separei como se fossem dois mundos, embora sejam um só.

Já na “PARTE II - EM BUSCA DE ‘UM LUGAR AO SOL’...”, apresento minhas vivências com a pintura e a literatura: trata-se, inicialmente, do meu percurso na pintura, incluindo as artes aplicadas. Estas, as artes aplicadas, preencheram o grande vazio que me sobrou durante um enorme período, dadas as circunstâncias da minha vida. Em seguida, tento resgatar minhas poucas experiências com a literatura e as poesias, peça de teatro, música e performance.

Assim, esta pesquisa busca resgatar a memória dos acontecimentos vividos por mim como artista, minhas lutas e produções literárias e artísticas enquanto acontecimento que se coletiviza como luta de mulheres pelo acesso ao mundo das artes, principalmente das cearenses, com algumas das quais convivi. Uma luta de artistas mulheres que me antecederam e que tiveram de ser além de artistas guerreiras para fazerem valer a sua arte, independente dos preconceitos de gênero, cor e classe social. Essa luta ainda está presente nos dias de hoje, apesar de avanços. Sigo o caminho apontado por Louro:

Assim, os estudos iniciais se constituem, muitas vezes, em descrições das condições de vida e de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços. Estudos das áreas de Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura etc. apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas,

econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino. Contam, criticam, e, algumas vezes, celebram as 'características' lidas como femininas (Louro, 1997, p. 14-36).

2 PARTE I - PINTANDO AS REDES DO MEU CAMINHO DE ARTISTA

Sou Maria Aparecida da Fonseca Lima, mas carinhosamente tratada pelos amigos como Cidinha. Já nos meus trabalhos, apresento-me como Cida Fonseca. Desde pequena, meus irmãos me chamam Cidinha e adotei esse nome para assinar meus trabalhos de escrita e pintura. Nasci no dia 08 de julho de 1955, embora no meu registro de nascimento tenham sido transcritos como nascida em 08 de junho de 1955, pois houve um erro de escrita que, suponho, do escrevente, que ouviu mal as declarações do meu pai e colocou errado o mês. Mas, comemoro meu aniversário no dia e mês certo do meu nascimento.

Nasci de uma família simples. Meu pai era almoxarife de uma empresa de importação, L. Figueiredo, e minha mãe era doméstica, mas tinha muitas habilidades que talvez tenha herdado de minha avó, que fazia crochê e tricô, mas ela sabia bordar à mão. Minha mãe fazia crochê, tricô, costurava e ainda fazia desenhos em papel e tecido com lápis e caneta.

Houve um tempo em que ela entrou em um curso de culinária e, mais tarde, já com bastante idade, passou a escrever cartas para as pessoas da família e outros conhecidos (Figura 1), embora, nem sempre, os destinatários respondessem, o que não a entristecia, pois continuava a escrever. Cheguei a compará-la à Dora, personagem do filme *Central do Brasil* (1998), representada por Fernanda Montenegro, que escrevia cartas, na rodoviária, para as pessoas que não sabiam escrever, sendo remunerada por essas. Minha mãe, no entanto, escrevia cartas para algumas pessoas apenas por prazer ou por sentir-se só. Minha mãe gostava de escrever para parentes e amigos, e, mesmo sem obter respostas, ela continuava a escrever. Era como se isto a mantivesse próximo a eles, mantendo o diálogo (monólogo, na verdade), divulgando os acontecimentos na família, seus sentimentos, perguntando pelo bem-estar de cada um. Escrever era bom. Talvez isto tenha me levado a escrever tanto, sem esperar respostas. Escrever é bom. Herdei de minha mãe? Não sei. Mas, de alguma forma, tínhamos afinidades.

Figura 1 – Uma das cartas de minha mãe

Fevereiro 24 de Dezembro 20 19

Caro filho meu grande abraço
de seu pai, que sempre
abracou te soube um bom filho
até a morte de tua mãe
que eu esta pensando
e sempre de nós e da
que Deus te proteja e te faça
muito feliz filho
e que o papai sempre
traga um bom presente
em nome do Vô Rita de Faria
a mãe: Neuzia

Fonte: Acervo pessoal

Tenho semelhanças a meus pais, como se pode notar em suas fotos (Figura 2). Meu pai nos deixou muito cedo, pois faleceu com apenas 38 anos, quando eu estava com 11 anos de idade, e tinha 6 irmãos. Assim, éramos 7 órfãos. Diante da morte de meu pai, minha mãe precisou trabalhar, enquanto regularizava os papéis no INSS para receber o benefício ao qual tinha direito. Ela se chamava Rita, mas, desde cedo, por não gostar desse nome, denominou Neuzia. Meu pai se chamava Isaías.

Minha mãe não gostava do nome Rita porque, conforme nos contava, desde muito cedo, este nome a fazia se lembrar da história de Santa Rita, que foi muito sofredora, e ela não queria sofrer e ficar viúva. Imaginem que, mesmo ela tendo se autotizado de Neuzia, ficou viúva muito cedo, aos 39 anos. Ela era um ano mais velha que meu pai. O fato da minha mãe ter um nome e ser chamada por outro não interferiu em nada na minha vida, porque desde que nasci Neuzia era o nome que eu ouvia meu pai e os outros chamá-la. Contudo, essa curiosidade pode ter influenciado algumas de minhas obras.

Figura 2 – Fotos da minha mãe e do meu pai



Fonte: Acervo pessoal

Minha mãe passou a costurar para uma pequena clientela e continuou com essa atividade mesmo depois de resolver a questão da pensão, pois tinha que suprir as necessidades dos 7 filhos. Penso que o gosto pela arte eu herdei de minha mãe – o que percebi no decorrer do tempo, até muito tarde, após sua morte. Infelizmente, nunca conversei com ela a respeito disso, sobre essa herança genética, que é definida pelos genes que determinam o nosso DNA com todas as informações sobre todas as nossas características físicas e psicológicas e até os nossos interesses. Na verdade, herdamos muito dos nossos pais, modos, maneira de ser, tanto pelo DNA, como pela imitação, apreendida na vivência com eles.

A Arte para mim significa muito. Através dela, busco contribuir com a vida, com as pessoas fazendo arte, traduzindo meus sentimentos, questionando a vida, os acontecimentos, as dores, o amor através das experiências vividas ou vistas e amadurecidas, além da inspiração que muitas vezes bate forte em nós. Para isso, uso a pintura, a poesia e, ainda, de forma rara, alguma performance.

Muitas artistas que me antecederam me influenciaram, entre as quais cito Artemisa Gentileschi, Camille Claudel, Frida Khalo, Georgia O’Keeffe, Anitta Mafalti,

Tarsila do Amaral, Dayse Grieser, Nice Firmeza, Heloisa Juaçaba, essas duas últimas, entrelaçadas à minha história, chamaram-me atenção por suas obras e luta pela visibilidade e igualdade. Sabemos que, desde sempre, as mulheres lutam pela igualdade em todos os setores da vida, inclusive no campo das artes e como 'poetas da vida cotidiana' (Maturana, 2001, p. 195).

Nós humanos vivemos experiências estéticas em todos os domínios relacionais nos quais lidamos,

[...] devido ao fundamento biológico da experiência estética, bem como ao fato de que tudo o que vivemos como seres humanos pertence à nossa existência relacional, que a arte se entrelaça em nossa existência social e nosso presente tecnológico em qualquer época (Maturana, 2001, p 195).

Falando sobre algumas artistas que me antecederam e ocuparam um espaço oficial na História da Arte e me serviram como exemplos, cito Artemísia Gentileschi (1593-1656), que representou temas trágicos, cujas personagens femininas se sobressaíam como heroínas, tornando-se uma figura singular, num cenário artístico marcado predominantemente por homens. Este fato fortaleceu meu empenho de falar através dos meus trabalhos sobre invisibilidade e desigualdade da mulher no meio artístico, que vigora ainda em nossos dias.

Camille Claudel chamou-me a atenção por suas obras magníficas, pois há quem diga que Rodin se apropriou de algumas de suas obras, aproveitando-se de sua situação como modelo, assistente, amante e rival da artista. Só depois de muitos anos foi reconhecida, e há poucos anos, finalmente, construíram um museu com seu nome e obras – Camille Claudel. Já não era sem tempo!!!

Em *Minha História das Mulheres*, Perrot (2009, p. 101) escreveu que “[...] foi difícil, pintar, compor música, criar arte ainda mais difícil. Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo”. As mulheres eram impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma dessa orquestração do universo? As mulheres podiam apenas copiar, traduzir, interpretar.

Frida Kahlo, uma das personagens mais marcantes da História do México, teve uma vida de superações e sofrimentos: sua vida e obra se confundem. Sua obra foi construída majoritariamente por autorretratos que refletem essa condição. Não obstante, sua significativa produção artística, durante muito tempo, esteve à sombra da sua grande paixão, o pintor muralista mexicano Diego Rivera.

As artistas mulheres cearenses da SCAP me inspiram fortemente, servindo

de modelos para mim, pelas suas lutas, por se fazerem presentes na História da Arte Cearense. Assim, cito Maria do Carmo Firmeza, que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, e cujas obras inspiram a minha pintura. Ela foi a primeira mulher a ingressar na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), enfrentando muitas barreiras da família e da sociedade, pois naquela época (1950) não era recomendável uma mulher frequentar um espaço absolutamente de homens. Cito também Heloisa Juaçaba, que também ingressou na SCAP e teve uma participação ativa na arte moderna cearense. Ambas nos deixaram um grande legado, como verdadeiras guerreiras.

Essas duas mulheres artistas foram homenageadas por mim e meus colegas das artes visuais no Curso Superior de Arte do IFCE, no Dia Internacional da Mulher. Levamos até o evento Nice Firmeza, de corpo e alma, em março de 2013, no mesmo ano em que ela partiu para a eternidade. Heloisa Juaçaba não esteve presente ao evento, mas foram destacados seus trabalhos em prol da arte cearense e apresentado o seu legado nas artes visuais.

Ambas já foram objeto da minha monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, no IFCE, para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais, em 2017. Discorro, a seguir, sobre elas, brevemente, apontando alguns entrelaçamentos entre nossos sonhos, obras e vidas. Após, apresento as instituições que tiveram grande importância na vida artística, quer pelos papéis que desempenharam na minha formação como artista, quer pelo potencial de reconhecimento da minha arte.

2.1. Nice Firmeza, Heloísa Juaçaba e Eu

As informações biográficas de Nice Firmeza e Heloísa Juaçaba baseiam-se principalmente nas obras de Estrigas (1983, 1992), Estrigas, Jordana e Muniz (2009), Fonteles, Estrigas e Firmeza (2014), Lima (2017), Machado (2008), Santos (2012), Silva (2016, 2017, 2018, 2020) e Teixeira (2014, 2015), bem como os artigos de jornais de Gutiérrez, Marques e Amorim (2021), Sales (2021) e Tréz (2021). Mas, relato também fatos advindos de conversas pessoais com Nice e Estrigas, em minha convivência no sítio em Mondubim, bem como de conversas informais com Ana Virgínia Juaçaba, filha de Heloísa.

Maria do Carmo Firmeza, conhecida por Nice Firmeza, nascida em 1921 e

falecida em 2013, desde a infância mostrou interesse pelo Desenho. Entretanto, na escola em que estudou, não gostava dos exercícios de cópia por ampliação passados pela professora, Irmã Margarida. Nunca fazia esses exercícios, mas, ao contrário, sempre rabiscava seus próprios desenhos. Após alguns meses, a professora chamou sua mãe e disse que não adiantava fazer aquele Curso de Desenho, pois Nice deveria ter defeito visual, visto que sempre desenhava completamente diferente do que a professora pedia. Entretanto, ainda na infância, a Irmã Margarida reconheceu que estava errada, depois que um artista de passagem por Aracati, sua cidade natal, elogiou os trabalhos da menina.

Mais tarde, Nice veio morar em Fortaleza. O pintor João Maria Siqueira a matriculou no Curso Livre de Desenho e Pintura da SCAP. Segundo Nice, ela foi a primeira aluna matriculada, enfrentando muitas barreiras da família e da sociedade, uma vez que a SCAP, por não ser uma escola formal, não era recomendável para moças de família. Ao ingressar na SCAP, em 1950, Nice tornou-se a primeira mulher scapiana como aluna do Curso Livre do Desenho e Pintura e de Iniciação à História da Arte.

Nice casou-se com Nilo de Brito Firmeza (1919-2014), crítico de arte, pintor, ilustrador, que, desde os tempos de estudante do Liceu do Ceará, adotou o apelido de Estrigas. Formado em Odontologia, mas frequentador da SCAP, desde 1950, onde realizou seus primeiros cursos de pintura e desenho, tornou-se membro da diretoria, em 1953. Em 1969, Nice e Estrigas fundaram o Minimuseu Firmeza, em Mondubim, no sítio em que residiam, próximo à capital cearense. Dois anos depois, realizaram exposição no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC).

O Minimuseu Firmeza passou a receber artistas, escritores, estudantes de arte, tornando-se uma referência cultural, artística e ecológica. Seu acervo abriga uma importante coleção de mais de quinhentas obras das artes plásticas cearenses. Acompanha o acervo uma pequena, mas significativa, biblioteca com livros, catálogos, revistas e recortes de jornais.

É nesse universo que se insere a obra de Nice Firmeza, marcada por temas pitorescos, como podemos ver em suas pinturas. Na Figura 3, por exemplo, a pintora retrata um dia alegre, em família, com cores vibrantes, e um movimento musical. Nice consegue transformar o cotidiano em algo ingênuo, quase infantil, mas tocante.

Figura 3 – Pintura de Nice Firmeza



Fonte: Sales, 2021.

Além disso, Nice mostrou grande habilidade na Arte do bordado à mão, que considerava pintura em linha. Trabalhos como esses, tais como o apresentado na Figura 4, poderíamos considerar como pintura expandida.

Figura 4 – Pintura em linha, 2007, Crochê e renda, Nice Firmeza



Fonte: Unifor⁴.

⁴ Disponível em: <https://unifor.br/web/mundo-unifor/-/21-edicao-da-unifor-plastica-corpo-ancestral-conta-com-palestra-de-curadores-e-solenidade-de-abertura>. Acesso em: 24 jul 2023.

Outros aspectos podem ser ressaltados quanto aos predicados da artista Nice Firmeza, principalmente no que diz respeito ao interesse pelo Ensino da Arte. Mas, o fato é que a artista, silenciosamente potente, nos deixou um grande legado na arte. É ícone na arte cearense.

Tive a graça de conhecer Nice e ser acolhida por ela e Estrigas, seu marido, em sua casa, quando busquei conhecer o Minimuseu Firmeza. Algumas vezes, voltei lá em busca de conselhos artísticos, pedidos também ao Estrigas Firmeza. Nessas ocasiões, pude compartilhar da aura leve e simples de Nice, e desfrutar de seu jardim, que suponho ter sido fonte de inspiração e pesquisa para suas obras. A tranquilidade de Nice, em unidade com o seu jardim florido e as obras de muitos artistas do Minimuseu Firmeza nos fazia entrar em clima de união perfeita entre natureza e arte. Sua simplicidade e sabedoria me levaram a compreender sua arte colorida e espontânea, expressão de suas experiências cotidianas, num colorido forte, de exaltação das cores, em forma de pintura, bordados e mandalas, deixando-nos um legado poético atemporal. O carinho, a amizade e a confiança me fizeram ir à casa dela muitas vezes, sem medo, embora estivesse diante, por assim dizer, de uma entidade, pois Nice era e continua sendo tudo isso. Não tinha receio de mostrar minhas pinturas e de ouvir isso de bom ou aquilo de não tão bom, buscando melhorar.

Na homenagem que eu e um grupo de amigos, alunas e alunos de graduação do IFCE, resolvemos fazer, no dia 8 de março, às mulheres artistas, começamos por ela. Pela sua magnitude e simplicidade, foi maravilhoso para nós alunos e professores ter Nice Firmeza conosco, conversando, falando de sua vida artística.

Temos muitas afinidades, eu e a Nice Firmeza. Penso eu, primeiro, na questão da arte, pois desde cedo despontou em nossas almas o amor à arte, ao desenho e à pintura. Também no teatro, pois, quando pequena, ela aprontou sobre isso fazendo peças. Já eu escrevi uma peça e levei ao teatro de bolso da Emcetur, *A Gaiola*. E, na busca de aprender arte, ela se matriculou no curso de desenho da SCAP. Eu fui à Casa de Cultura Raimundo Cela. Ela foi uma artista que explorou a pintura figurativa, a natureza, expandiu a pintura, a arte em outros suportes, tais como bordados, mandalas, até na culinária com seus doces. Eu também. Ela lutou para realizar a arte, ser artista, e eu também. Porém, trago juntamente a bandeira da “Visibilidade para as Mulheres Artistas”, quer sejam daqui da minha região, Nordeste, ou de outras partes do mundo.

Heloisa Juaçaba (1926-2013), como também descrevo na minha monografia (Lima, 2017), foi uma grande artista cearense: considerada a dama das artes do Ceará. Nasceu em 1926, na serra de Baturité em Guaramiranga, Sítio Canabrava. Em 1967, com a colaboração de Claudio Valadares, Heloisa inaugurou a Casa de Cultura Raimundo Cela. Suponho que pessoa alguma questionaria o amor de Heloisa Juaçaba pela arte, pois produziu, colecionou e incentivou novos artistas que hoje são conhecidos nas artes visuais do Ceará. Assim como Nice, a artista Heloisa Juaçaba iniciou seus estudos com João Maria Siqueira, retratando pessoas. Participou do Curso Livre de Desenho e Pintura da SCAP – foi aí que iniciou sua carreira artística, em 1950. Da união com o médico Haroldo Juaçaba, veio o compromisso definitivo com a arte, pois ele foi grande incentivador e interessado, dando-lhe todo material necessário para começar suas experiências artísticas.

Heloísa passou a fazer parte ativa da arte moderna cearense ao ingressar na SCAP, não só buscando conhecimento, mas aproximando a arte local da nacional e vice-versa. Pela sua confortável posição social, foi ponte para todos os artistas de sua época, levando-os a serem conhecidos, criando mercado de arte, até então não existente. Conta-se que colocava vários trabalhos dos seus companheiros no carro e saía a vender por Fortaleza. Trabalhou arduamente buscando espaços para Arte cearense no cenário nacional, sempre em contatos com críticos e historiadores de fora. Lutou pela criação do museu da UFC, trabalhando na composição do seu acervo. Como diz Teixeira (2015), Heloísa Juaçaba foi:

Importante expoente da cultura no Ceará. Pintora, escultora, tapeceira e desenhista. Estudou desenho e pintura em importantes escolas, como no Museu de Arte de Luisiana, Nova Orleans, Estados Unidos. Participou da comissão Organizadora do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, 1961. E idealiza o Museu de Arte e Cultura Populares do Ceará, 1973 (Teixeira, 2015, p. 87).

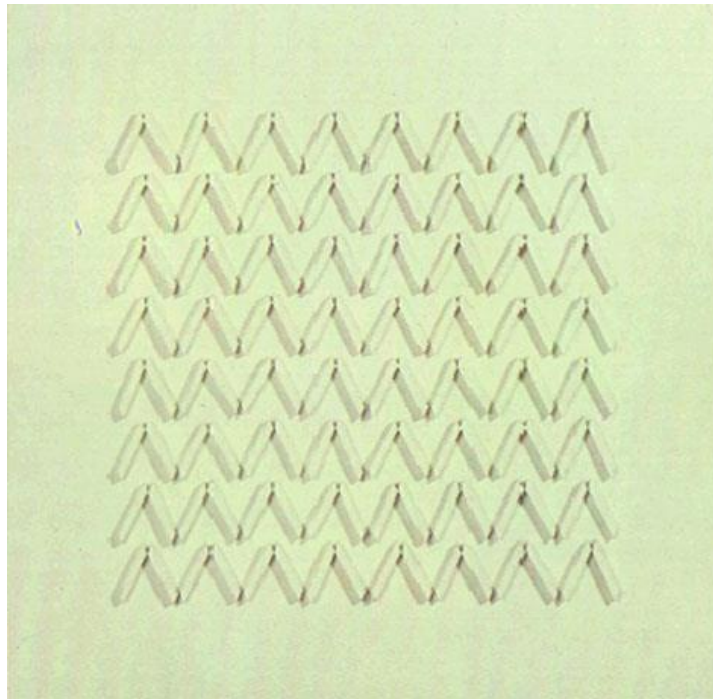
Sobre seu percurso artístico, observa-se uma pesquisadora tenaz, que passou por várias linguagens visuais. De uma poética aberta a pesquisas constantes, indo do “[...] figurativismo ao cubismo, do abstracionismo informal ao formal, do retrato à paisagem, passando pelo sacro, floral, marinha e natureza morta, do desenho à gravura. Da pintura à tapeçaria, do objeto à escultura etc.” (Rolim, 2012, p. 22).

A temática nas pinturas de Heloisa vai além do bonito, pois analisa o mundo e suas diferentes facetas, reconstruindo seus planos e cromatismos. Como artista inquieta e desafiadora, segue diversos caminhos pelos quais orientou sua produção,

trazendo ao discurso artístico elementos do artesanato, tão presentes no Nordeste. Um dia, numa visita ao mercado São Sebastião, ficou impressionada com a beleza dos punhos de redes e comprou alguns para fazer experiências de tecelagem em eucatex perfurado.

Ao associar a linha branca do punho às formas geométricas, chegou ao concretismo, com a série branca (Figura 5). Essa passagem da Arte Popular para a abstração formal marcou a maturidade de sua produção artística.

Figura 5 – Obra de Heloísa Juaçaba. Sem Título, 1983, Madeira Pintada



Fonte: Itaú Cultural⁵

Para o curador da XVI UNIFOR plástica. Pablo Manyé:

Sua série branca deixou que o branco de suas teias fosse pintado pelas sombras. Algo poético e reflexivo, na Terra da luz – e suas sombras, foi eleger esses elementos de trabalho e nada mais, apenas esse par, numa integração Yin-Yang. (Manyé, 2009)

Heloísa Juaçaba é, pois, figura proeminente, que faz parte da História da Arte Cearense e a quem se deve uma significativa contribuição à criação do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) e à inserção do modernismo no

⁵ Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9079/heloisa-juacaba/obras>. Acesso em: 24 jul. 2023.

Ceará, seja como artista, mecenas ou interlocutora cultural. Heloisa Juaçaba, para mim, foi uma luz radiante que abriu caminho para tantos com sua generosidade e desenvoltura no trânsito social além do seu legado artístico.

Como gostaria de ter conversado com Heloisa Juaçaba, trocado ideias com ela. Isto não aconteceu, mas estudei na Casa de Cultura Raimundo Cela, que ela criou. Isto teve muita importância na minha formação. Ela foi curadora de duas exposições das quais participei, embora só tenha me dado conta disso agora, ao pesquisar documentos para escrever minha dissertação.

Ainda sobre o entrelaçamento entre mim, Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba, posso dizer mais algumas coisas. Nice Firmeza pintava de forma figurativa. O estilo de arte concentra em representar o mundo de maneira reconhecível. E reconstruía, na linguagem visual, pessoas, objetos, paisagens e outros elementos de mundo real, de forma facilmente identificável, porém, com o toque ou pincelada poética. Semelhantemente, Heloisa Juaçaba optou pela beleza das paisagens e figuras humanas em suas telas. E eu, da mesma forma, escolho minhas figuras humanas, flores, pássaros...

A natureza, enfim, está presente nas nossas obras, mas não paramos nisso, evoluímos em outras mídias. Nice Firmeza, além das telas figurativas, pintou mandalas, fez bordados e doces. Expandiu o seu ser artístico para além das telas, tornando-se uma artista multimídia. Heloisa Juaçaba passou pelas paisagens, marinhas, cubismo, concretismo e sua tapeçaria. Eu, também, além da pintura figurativa, vou à escrita através da poesia, ora, de fato, poesia, poemas, ora unindo poesia com a arte visual, desenhando um poema com a mesma. Cada uma de nós explora um meio, escolhido com profunda devoção, para realizar a arte transcendendo as limitações de nossas respectivas mídias, e estabelecendo um diálogo com a arte e a cultura da nossa região Nordeste, cearense e do Brasil como um todo.

Em outras palavras, o entrelaçamento das nossas trajetórias – Nice Firmeza, Heloisa Juaçaba e eu, Cidinha Fonseca – mostra a diversidade e a riqueza da expressão artística na região Nordeste, cearense e mesmo do Brasil. Quero destacar a nossa capacidade artística de diferentes meios, períodos de carreira e *status* social, que nos influenciaram mutuamente. Cada uma de nós desempenha um papel potente, crucial, na contínua narrativa artística da região Nordeste, cearense e do país. Assim, criamos um mosaico fascinante: Nice Firmeza com suas pinturas, bordados etc., Heloisa Juaçaba com suas pinturas, concretismo etc., e eu, com

minhas aquarelas e poesias.

Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba lutaram e tiveram grandes vitórias como mulheres artistas em nossa região Nordeste, em específico, no Ceará. Desbravaram o mundo das artes, abriram portas, colaboraram na construção de espaços de arte etc. E nós, outras artistas mulheres decoloniais, temos o dever de dar continuidade a essa luta, vencer barreiras e, enfim, chegar à igualdade de direitos na arte.

2.2 Entidades de formação em artes e divulgação de artistas cearenses

As entidades de formação são muito importantes no desenvolvimento de um artista. Como diz Georgia O’Keeffe (1928, *apud* Como [...], 2021), “[...] a ideia de que artistas podem ser feitos da noite para o dia, que não há nada além de gênio e uma pitada de temperamento no sucesso é uma falácia”.

Assim como Nice Firmeza e Heloísa Juaçaba iniciaram seus estudos na SCAP, muitos artistas como eu, de uma geração mais nova que a delas, tivemos a oportunidade de iniciar o desenvolvimento de nossas habilidades em outras instituições, como o Centro Comunitário Governador Cesar Cals e a Casa de Cultura Raimundo Cela.

No Centro Comunitário, ainda muito jovem, tive contato com a música. Estudei flauta doce com a professora e regente Izaíra Silvino. Na ocasião, houve um festival de música, patrocinado pela então Credimus Caderneta de Poupança. Era 1974. Mesmo sem conhecer direito ainda as notas, escrevi uma música de título “Menino Bagunceiro”. Concorri e fui premiada. A música foi apresentada por Aparecida Silvino. Esses centros comunitários foram de grande importância para os jovens da minha geração, principalmente para aqueles sem muita condição financeira. Havia uma variedade de cursos. Era quase impossível não encontrar algo que interessasse. Essa iniciação me levou a acreditar que eu tinha potencial e me fez buscar outras possibilidades artísticas, como o teatro, por exemplo.

Mas foi na Casa de Cultura Raimundo Cela que tive as experiências mais marcantes na minha formação artística. Na verdade, ela foi de fundamental importância na minha vida de artista.

Depois de buscar uma escola de arte fora da minha cidade, mais precisamente a Escola de Artes Fundação Alvares Penteados, em São Paulo – além de guardar o sonho de estudar na França –, voltando para casa, descobri a Casa de

Cultura Raimundo Cela. Não me lembro ao certo como cheguei lá. Creio que, como jovem curiosa, soube da existência da Casa de Cultura Raimundo Cela através de algum amigo da área das artes ou em conversas com amigos. Fui até lá me informar, saber como participar, ter aulas sobre arte e fazer arte, pois, até então, meus desenhos eram livres. Desde criança, gostava de desenhar e pintar com lápis de cor e sonhava em ser artista.

Na Casa de Cultura Raimundo Cela, tomei conhecimento da arte de maneira formal, dos movimentos artísticos e de seus autores, surrealismo, impressionismo, figurativo, primitivo, desenho, perspectiva, pintura, linha do horizonte.

Meu professor foi o artista plástico (termo usado na época) e bailarino Marcus Jussier. Ele era surrealista, o que me encantou e ainda me encanta. Viajo com o surrealismo. De certa forma, coloco o surrealismo em minhas poesias – penso agora –, porque, nas artes visuais, identifico-me como artista figurativa através das minhas figuras humanas, figuras da natureza (pássaros, flores, quero dizer da minha visão, sonhos, sentimentos e emoções).

Também tive aulas com o artista Mateus, (não me lembro o sobrenome dele). Muitas vezes, fazíamos aula no Passeio Público, no centro de Fortaleza: aulas de modelo vivo. Só que, na realidade, os modelos vivos eram as estátuas existentes no Passeio Público, além da paisagem natural. Isto contribuiu para a minha arte figurativa.

A Casa de Cultura Raimundo Cela foi um marco na minha vida. Além de ter aprendido sobre técnicas de arte, entrei onde tanto queria. Naquela casa, tempos depois, fiz uma exposição de cartões artísticos com tema de Natal, contando com a presença de muitos amigos (Figura 6). Na ocasião, trabalhei com a técnica de aquarela, técnica que desenvolvi após pintar muito a óleo. A beleza e a leveza da aquarela me atraíram e tenho pintado muito em aquarela. Pinto também acrílico, mas muito mais em aquarela.

Meus sentimentos com relação à Casa de Cultura Raimundo Cela são semelhantes aos dos entrevistados por Teixeira (2015), em sua dissertação de mestrado, para entender o papel dessa memorável entidade no que diz respeito à formação de artistas, professores e profissionais da arte e da cultura no estado do Ceará. Criada e idealizada, em 1967, inicialmente, como Centro das Artes Visuais, pelo grande esforço de Heloísa Juaçaba, tornou-se, em 1975, Casa de Cultura Raimundo Cela. Conclui Teixeira:

[...] a Casa de Cultura Raimundo Cela, durante os anos de 1975 a 1989, pode ser considerada o principal espaço de aglutinação de ações de formação de toda uma geração do teatro e das artes visuais do Ceará, que lá experimentou, formou plateia, formou-se e tornou-se profissional da produção e do ensino das artes. [...] De acordo com os depoimentos dos artistas entrevistados, os cursos ofertados na Casa contribuíram diretamente nas suas formações. [...] A experiência da Casa de Cultura Raimundo Cela foi uma espécie de divisor de águas na formação artística e cultural do Ceará. Cumpriu seu papel num tempo em que ainda não se falava em industrial cultural, praticamente não existia teatro profissional no Ceará e as artes visuais passavam por um período de reorganização, a qual não havia lugares de formação, exceto as aulas de ateliê. [...] podemos dizer que a Casa de Cultura Raimundo Cela foi uma escola de arte, que funcionou de forma aberta, sem currículos formalizados oferecendo possibilidades a todos que a buscaram como lugar de formação (Teixeira, 2015, p. 144-146).

Figura 6 – Exposição de cartões de natal na Casa de Cultura Raimundo Cela



Fonte: Acervo pessoal

A Casa de Cultura Raimundo Cela remete a duas outras entidades anteriores que tiveram papel importante no movimento artístico do Ceará: o Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), primeira entidade de artes plásticas do Ceará, e a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Essas duas entidades tiveram papel importante na revelação de talentos como Antônio Bandeira, Aldemir Martins e tantos

outros cearenses de renome atualmente (Sociedade, 2023; Costa, 2009), como Nice Firmeza e Heloísa Juaçaba, e outros não famosos, como eu.

O Salão de Abril foi o principal evento criado pelo CCBA, ganhando força com a SCAP. Por dificuldades financeiras, o CCBA existiu apenas por 3 anos, de 1941 a 1943, dando origem à SCAP, em 1944, quando se juntou ao Clube de Literatura e Arte (CLÃ). A SCAP foi fundamental para o desenvolvimento das artes plásticas cearenses (Costa, 2009), pois, como afirmam Estrigas e colaboradores,

A SCAP, em sua sede, promoveu cursos e palestras, instalou biblioteca, pinacoteca, escola de pintura e desenho no campo e ateliê, e comentários críticos sobre Arte. Externamente, fez e patrocinou exposições, encampou o Salão de Abril que realizou do segundo, em 1946, ao décimo quarto, em 1958. Nesse espaço de tempo e atividade, a SCAP e seus artistas fizeram a consolidação do Modernismo e determinaram o momento em que o termo MODERNO foi colocado oficialmente, no Regulamento do IX Salão de Abril, levando os artistas a se definirem e assumirem de público, a identidade de modernistas. Estava reconhecida e confirmada a existência do Modernismo e dos modernistas no Ceará (Estrigas; Carvalho; Barreto, 2012, p. 16).

Segundo Costa (2009, p. 83), “[...] as dificuldades financeiras, a falta de apoio governamental e as divergências entre os seus membros resultaram no fim da entidade”, mas seu legado permaneceu – já ocorreram 73 exposições do Salão de Abril. Existe há 7 décadas e é de grande importância para as artes visuais do Ceará. Ao longo dos anos, tem evoluído, acompanhando as mudanças no cenário artístico e cultural, além de continuar a desempenhar um importante papel na promoção e celebração das artes visuais no Ceará e no Brasil.

O objetivo do Salão de Abril é premiar os artistas cearenses. Somente artistas nascidos no Ceará, não importa onde moram, podem participar do Salão. O Salão de Abril esteve a cargo da SCAP até 1950, quando passou a ser organizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Em 2017, foi realizado o 68º Salão de Abril Sequestrado, que se deu sem qualquer apoio financeiro, descentralizado e inclusivo, realizado em diversos espaços culturais não governamentais da cidade. Contou com muitos curadores experientes e voluntários.

Inicialmente, a SCAP era de domínio masculino, como se pode notar em suas primeiras reuniões (Figura 7). A inserção das mulheres artistas na SCAP ocorreu com a entrada de Nice Firmeza, como mencionamos acima, e foi de grande significado em um ambiente em que predominava a presença masculina.

Figura 7 – Artistas da SCAP, s/d. Fortaleza-CE



Fonte: Scap⁶

2.3 O movimento moderno cearense sob a óptica das scapianas

A partir da Casa de Cultura Raimundo Cela, participei de algumas edições do Salão de Abril. Minha primeira participação foi em 1976, depois 1977, edições nas quais estive lado a lado com Nice Firmeza, além de outras e outros grandes artistas. A artista Heloisa Juaçaba esteve como curadora. Naquela época, era jovem demais, em idade e em arte, e não me dava conta do cenário onde eu estava inserida. Só recentemente, pesquisando sobre o Salão de Abril, percebi que estive muito próxima

⁶ <http://1.bp.blogspot.com/-9ErRPkFV8PM/VcQrXC06Z1I/AAAAAAAAAEA/PFeKjNLBEIY/s1600/Artistas%2Bna%2Bsede%2Bda%2BSCAP.jpg>. Acesso em: 02 set. 2016.

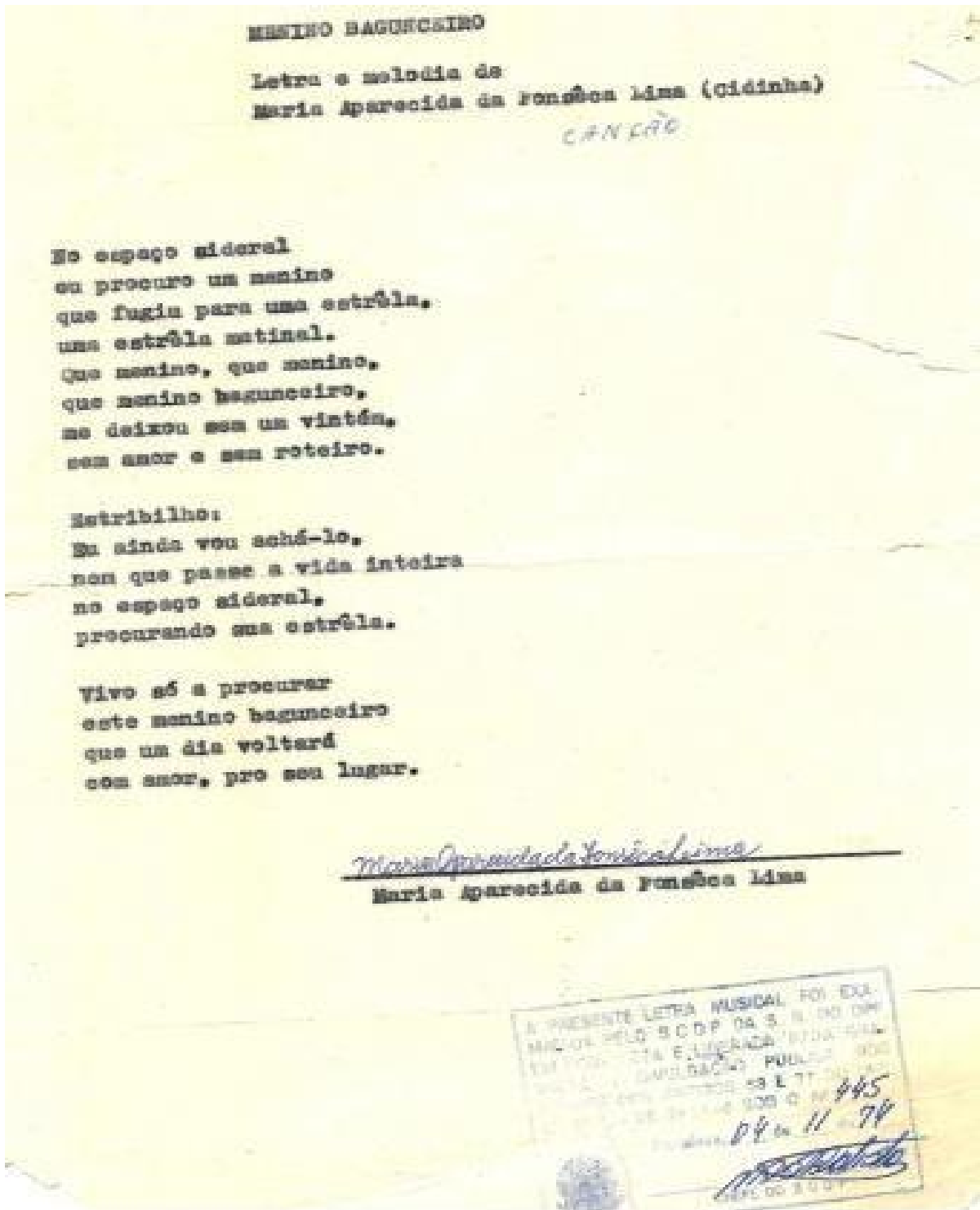
a essas grandes artistas. Como pode?

Naquele tempo, eu pintava a óleo. O trabalho que apresentei em 1976 tinha como título *A Espera*, uma alusão ao tempo. O de 1977 tinha como título *Claustrofobia*, uma alusão ao medo de ficar presa, não só no sentido físico, mas muito além. Voltei a participar do evento no Salão Abril Sequestrado, com um trabalho híbrido, pintura /fotografia, sobre pessoa em situação de rua.

A arte pulsava forte em mim e eu queria fazer algo referente a ela. Assim, matriculei-me no Centro Comunitário Cesar Cals, situado no bairro Henrique Jorge, onde morávamos, para praticar Balé Clássico, cujas aulas eram gratuitas para a comunidade. Porém, não fui adiante. Aprendi apenas alguns passos: *plié*, *pas de bourrée*, *pas de valse*.

Também me matriculei no curso do mesmo centro educacional para aprender a tocar flauta doce. As aulas também eram gratuitas para a comunidade e ministradas pela professora Izaíra Silvino, grande mestra e pessoa maravilhosa, generosa, quem nunca esquecerei. Meu interesse pela arte e pela poesia era tão grande que, naquela época, compus a canção (letra e música) *Menino Bagunceiro* (Figura 8). Talvez envolvida pelo ambiente musical e pela professora tão empenhada a nos ensinar, mesmo sem ainda conhecer direito as notas musicais, instintivamente, compus essa canção. Inscrevi a canção no festival de música da Credimus – Caderneta de Poupança, que existia na época, e conquistei o primeiro lugar. Quem apresentou minha canção foi a cantora e regente Aparecida Silvino, que, àquela época, ainda era uma menina.

Figura 8 – Letra da música *Menino Bagunceiro*



Fonte: Acervo pessoal.

Sobre entender minha arte...

Meu Processo Criativo começa a partir do que vivo, das minhas experiências, reflexões, sonhos, inspirações. Gosto de registrar a natureza, pássaros,

flores, sobretudo figuras humanas. Trago questões emocionais e do mundo em que vivo. Creio que o processo criativo é constante, inacabável e, talvez, evolua continuamente.

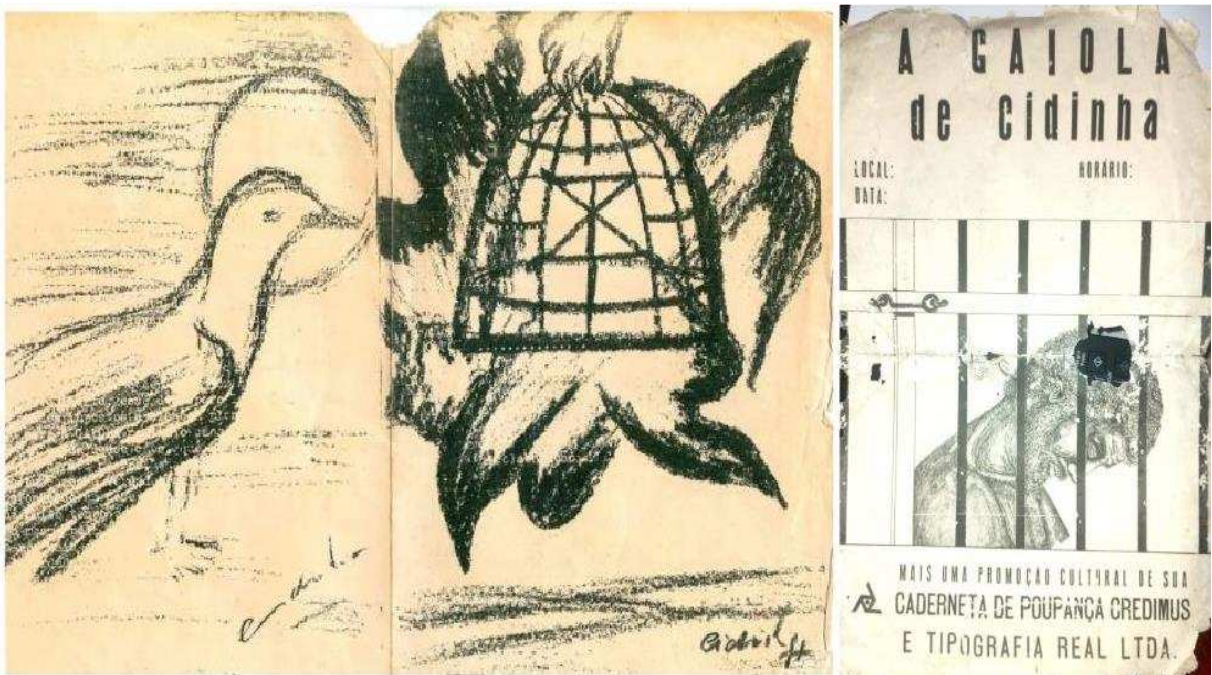
Não consegui recuperar, nas minhas memórias, quem ou o que era esse *menino bagunceiro*, mas certamente existe um significado guardado a sete chaves, pois, conforme Salles,

O criador é um permanente tradutor de suas interpretações - das interpretações que ele faz do mundo que se força sobre ele –em signos que busca o belo, no sentido borgeano como veremos mais adiante. São signos que vão se desdobrando e entram na cadeia de infinita criação (Salles, 2004, p. 13).

2.4 Passeando um pouco pelas artes da cena

Como o desejo e a paixão pela arte persistiam em mim, eu continuava na busca por realizar algo, e escrevi uma peça intitulada *A Gaiola*. Infelizmente, não tenho mais esse texto que se perdeu no tempo, não sei como, restando apenas o panfleto que desenhei e reproduzi para distribuir entre as pessoas que foram prestigiar a peça, no Teatro da Empresa Cearense de Turismo – EMCETUR (Figura 9).

Figura 9 – Capa do panfleto e o cartaz da apresentação da peça *A Gaiola*



Fonte: Acervo pessoal

A peça *A Gaiola* se tornou possível porque eu tinha um amigo, que morava na minha rua, chamado José Werts. Ele era artista e tinha outros amigos artistas atores amadores. Reunimo-nos e resolvemos levar a peça adiante. Criamos o Grupo Avoante (Figura 10). Batalhamos e conseguimos apresentar a peça no Teatro da Emcetur e, depois, no Festival de Teatro, no Crato, sul do Ceará.

Figura 10 – Grupo Avoante



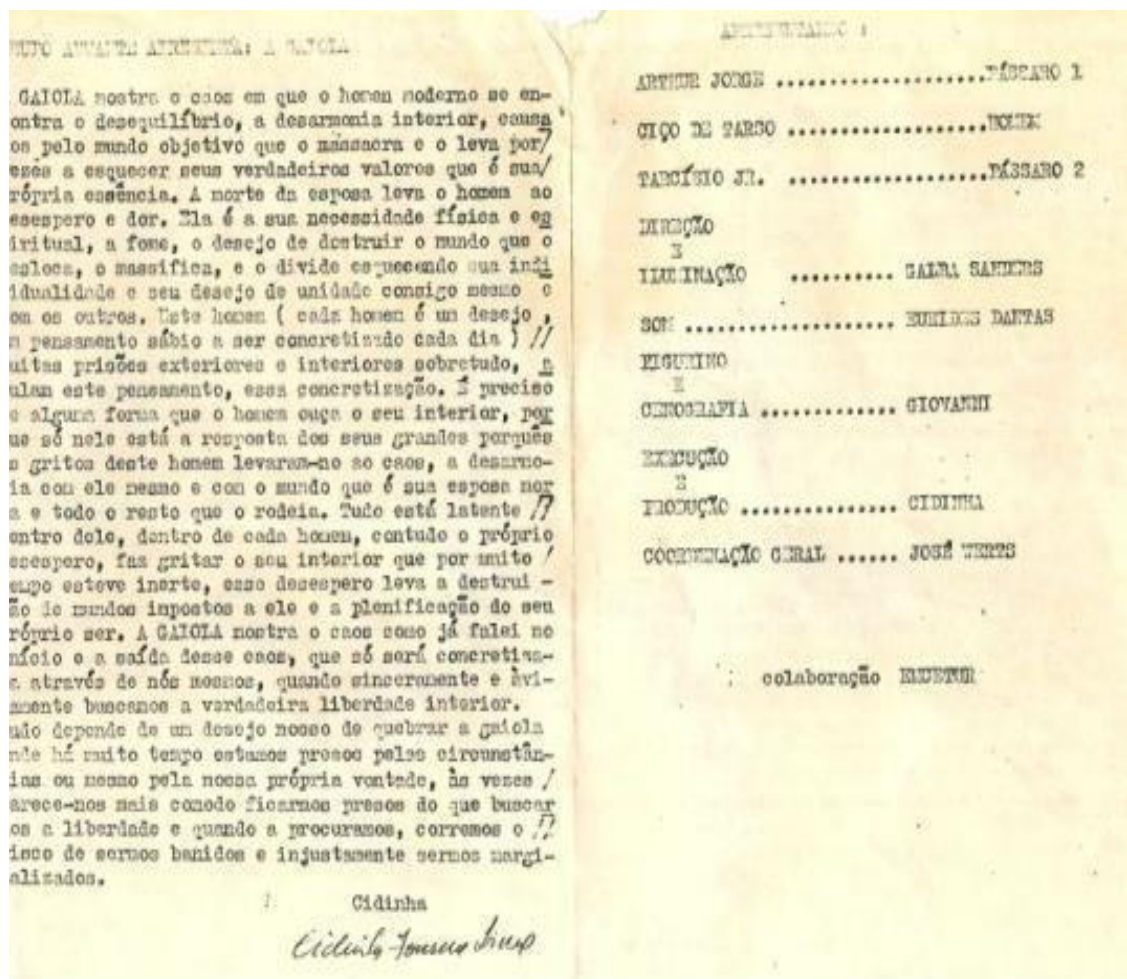
Fonte: Acervo pessoal

Como falei, a arte ardia em mim. De uma forma ou de outra, queria fazê-la. Queria lembrar agora como tudo começou, mas o que sei é que o jovem quer revolucionar, falar, protestar, pois, como diz Vargas Llosa (2010, *apud* Salles, 2004, p. 85- 136), "[...] ninguém que esteja satisfeito é capaz de escrever, ninguém que esteja de acordo com a realidade, cometeria o ambicioso desatino de inventar realidades verbais". Suponho que quis falar dos meus problemas existenciais e dos demais quando escrevi *A Gaiola*. A estória versava sobre um homem que era seu

próprio carcereiro, pelo seu caos interior, preso no medo de libertar-se de si mesmo.

Estávamos em 1976. Naquele tempo, existia a censura, tudo que escrevíamos, como uma peça teatral, precisava ser visto pela Polícia Federal, para ser liberado ou censurado. Antes de levar ao público, era preciso passar pelo crivo dos policiais. Felizmente, não houve problemas, e a peça foi levada a público. Além de Fortaleza, apresentamos essa peça em Juazeiro do Norte. O panfleto continha a descrição apresentada na Figura 11.

Figura 11 – Fotos do panfleto da peça *A Gaiola*



Fonte: Acervo pessoal

Por este trabalho, pude receber minha carteira de artista, fornecida pelo Ministério da Justiça (Figura 12). Era necessário ter essa carteira, por causa da censura, pois não podíamos atuar sem as suas opiniões.

Figura 12 – Carteira de Artista fornecida pelo Ministério da Justiça



Fonte: Acervo pessoal

Fomos bastante aplaudidos por muitas pessoas que assistiram à peça, entre as quais havia alguns turistas. Até hoje, mantenho um amigo paulista, chamado Pedro Zagatto, biólogo e artista visual, que conheci naquela ocasião (1976). Ele estava de férias, em Fortaleza, e assistiu à minha peça. Ele se interessou em conversar comigo a respeito do enredo da peça, que se tratava de um homem atormentado, que não conseguia se libertar de seu caos interior. Foi de grande importância escrever uma peça e levar ao teatro, ainda tão jovem. Com “a cara e a coragem” – e apoio de amigos também jovens e sonhadores –, conseguimos chegar aos Palcos do Teatro da Emcetur e do festival de arte de Juazeiro do Norte. Essa passagem pelo Teatro foi relevante na busca do meu ideal, que desde o princípio era a pintura.

Em 2022, quis experimentar a performance. Sei que a performance é uma forma de expressão artística no próprio corpo do artista, juntando a elementos como movimento, gesto, palavras e som. É utilizada para criar uma experiência artística ao vivo, diante de uma plateia. Contudo, apropriei-me da mesma para fazer alguns registros com minhas fotos e de artistas ou assuntos que me interessam ou me chamam atenção: uma montagem, ou colagem, digamos assim. Nesse sentido, sigo Regina Melim, quando fala:

Desse modo, pretendo mostrar que, atualmente, uma definição possível de performance nas artes visuais contempla uma série infundável de trabalhos, ampliando sobremaneira o seu conceito. Associada a essa noção, surge uma variante de procedimentos, reexaminada por meio de elementos performativos presentes na ordem construtiva de muitos trabalhos apresentados na forma de vídeos, instalações, desenhos, filmes, textos, fotografias, esculturas e pinturas (Melim, 2008, p. 9).

Apresento algumas de minhas performances a seguir. Faço um *Marcel*

Duchamp e eu, na Figura 13, pois admiro Marcel Duchamp, por sua ousadia em apresentar um urinol como arte em uma exposição, depois de não ter sido aceito em uma outra. Com essa atitude, ele revolucionou o conceito de arte. Conforme Varella (2020), “Alguns estudiosos sugeriram que o trabalho original era de Elsa von Freytag-Loringhoven e não de Duchamp, mas essa é uma visão minoritária entre os historiadores. Mas a ideia dos ‘ready made’ já tinha sido criada”.

Figura 13 – Marcel Duchamp e eu



Fonte: Produção própria - Duchamp: Varella, 2020.

Essa é Beatriz Milhazes, Alquimista das cores, artista contemporânea, a quem admiro (Figura 14). Gosto muito do trabalho da Beatriz Milhazes, por ela usar

intensamente as cores, a ponto de ser chamada alquimista das cores.

Figura 14 – Beatriz Milhazes e eu



Fonte: Produção própria - Milhazes: Revista Claudia, novembro de 2007

Essa performance é com a imagem de John Hamon, artista de rua francês, conhecido por postar sua imagem em prédios de Paris e em outros países (Figura 15). “É a promoção que faz o artista ou grau zero da arte”, diz ele (Wikipedia). Tomei conhecimento desse artista em Paris, vendo suas fotos pregadas em um prédio, considerado por alguns como “o rei de Paris”.

Figura 15 – *John Hamon e eu*



Fonte: Produção própria - Hamon⁷

Há também Nice Firmeza, inspiração para performance (Figura 16), ícone da arte da minha região Nordeste: inspiração para mim e para muitas mulheres artistas da nossa região.

⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/john_hamon/. Acesso em: 02 fev.2023.

Figura 16 – Nice Firmeza e eu



Fonte: Produção própria - Nice: Sales, 2021.

Yves Klein. Quis trazê-lo, interpretá-lo com o seu azul (Figura 17), pela sua destreza em criar a cor azul – matiz ultramarino, para suas obras monocromáticas. Tinha obsessão pelo azul, a inspiração que o colocou na história da arte no século 20. Patenteou o tom azul chamando Internacional Klein Bleu.

Figura 17 – Yves Klein e eu



Fonte: Produção própria - Klein: Paula, 2016.

Quis me aliar ao Parangolé de Hélio Oiticica (Figura 18). Seu lema era brincar, trazer o lúdico. Defendia que a arte não era um mero objeto. Helio Oiticica foi admirável, sobretudo pelos Parangolés, que surgiram do seu envolvimento com a comunidade, uma manifestação cultural coletiva.

Figura 18 – Hélio Oiticica e eu



Fonte: Produção própria - Hélio Oiticica: O que [...], 2023.

Tentei incorporar Camille Claudel, lembrando sua dor, seu drama (Figura 19). Considerada pelos críticos e escritores como gênio da escultura, uma revolta contra os padrões estabelecidos para as mulheres, porém foi tragada por Rodin. Muitas de suas obras, conforme a história, Rodin se apropriou. Terminou seus dias confinada em um asilo. Demorou a ser reconhecida, mas, há poucos anos, finalmente Camille Claudel teve um museu com seu nome e suas obras.

Figura 19 – Camille Claudel e eu



Fonte: Produção própria – Camille: Artes e artistas⁸

Como se pode perceber, não estou preocupada aqui com seguir fatos e feitos de forma linear ao tempo, apenas deixo minhas memórias (me) acordarem. Como diz Zamboni (2012):

O processo de trabalho, principalmente em arte, não é algo linear, é um processo de idas e vindas, de intuição e de racionalidade que se interpõem no caminho da reconstrução representativa de uma realidade. É uma etapa eminentemente criativa, e que dá forma material e organizada uma série de ideias, fatos coletados de uma determinada realidade. Embora não seja o

⁸ Disponível em: https://arteartistas.com.br/camille-claudel/#google_vignette. Acesso em: 23 mai. 2022.

momento mais característico, é o momento mais importante do desenvolvimento de uma pesquisa em Arte porque é exatamente quando se materializam as ideias (Zamboni, 2012, p. 55).

Meu caminho nas artes visuais teve paradas. Passei um longo tempo distanciada de eventos, quer como participante de exposições quer como visitante (expectadora), mas não deixei de pintar. Parti para a Aquarela. Pintava cartões, papéis de cartas para amigas e outras pessoas. Nessa prática, vivi muitos anos, até que, nos meus mais de 50 anos, tive um “estalo”, ao ir resolver algo concernente ao meu filho caçula, Gustavo, no Instituto de Ciências e Tecnologias do Ceará – IFCE. Conversando com o Pró-Reitor de Graduação sobre o curso de licenciatura em artes visuais, veio o estímulo, ou desafio, para voltar, ou descongelar os sonhos de ser ou continuar artista, sair da invisibilidade imposta por mim mesma.

Mas o foco não era apenas eu. A ideia era voltar às artes, lutar por minha própria visibilidade e de todas as mulheres artistas de ontem e de hoje. A luta por um amanhã visível traz, no meu entendimento, as artistas da minha região, artistas que, de algum modo, estiveram presentes na minha vida, com algum tipo de convivência, como Nice e Heloisa.

Vivo nessa perspectiva de busca constante da visibilidade e igualdade da mulher artista, como uma artista contemporânea que, embora acredite que já tenhamos adquirido a Maioridade na Arte, reconhece a luta das nossas artistas ancestrais e das que vivenciam, no presente momento, a busca da visibilidade e da igualdade em todos os espaços. Essa bandeira de luta me faz continuar e, por isso mesmo, perseverar.

3 PARTE II - EM BUSCA DE 'UM LUGAR AO SOL'...

3.1 Em busca de 'um lugar ao sol'... na pintura

Desde meus primeiros contatos com o que considerei até agora como arte, há quem me chame de decolonial, por conta dos desafios que precisei enfrentar, pois a decolonialidade desafia as normas condicionais e o *status quo*. Iniciei meu curso de graduação aos 56 anos. Aos 66, iniciei meu curso de mestrado em artes, com muita alegria. Trago aqui a minha trajetória como artista (Figura 20), neste tempo em que a “essência da arte é uma ideia ou um conceito, e que podem existir distintas formas de representá-la” (Tudo [...], 2022).

Figura 20 – I'm a real artist



Fonte: Acervo pessoal

Para entender o conceito de arte na contemporaneidade, precisei significar a arte moderna e contemporânea, e ressignificar o próprio conceito de arte. Acompanhei os questionamentos da equipe editorial da Arte|Ref (Tudo [...], 2022):

Onde está a verdadeira arte?
Tudo pode ser considerado arte?
Por que uma pintura pode ser arte e um mictório não?
É necessária uma entidade (um museu, por exemplo) para validar o que é um objeto artístico?
É necessária uma habilidade técnica para qualificar uma arte?

Essas são questões difíceis de responder, parece-me, embora saibamos que, desde que o dadaísta Marcel Duchamp, em 1917, expôs seu mictório (Figura 21), em Nova York, o conceito de arte bombou, revolucionou, rompeu todas as convenções e abriu possibilidades infinitas para a arte.

Figura 21 – A Fonte, Marcel Duchamp, 2017



Fonte: Varella, 2020.

Movimentos como o dadaísmo e o surrealismo desafiaram as noções tradicionais de arte, incorporando elementos do absurdo, do irracional e do antiartístico em suas obras. Para integrantes de tais movimentos, a própria negação

das convenções artísticas era uma forma de arte.

A arte é fluida e pode variar dependendo da perspectiva de cada pessoa.

Onde há arte é igualmente subjetivo. Em geral, a arte pode ser encontrada em muitos lugares: galerias, museus, espaços públicos, performances, instalações, músicas, literatura. O mais importante é como a arte nos afeta pessoalmente e como ela contribui para a Cultura e a expressão humana. E como afirma Danto:

É parte do que define a arte contemporânea que a arte do passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar. O que não lhes está disponível é o espírito em que a arte foi realizada (Danto, 2006 *apud* Trigo, 2009, p. 173).

A arte figurativa sempre esteve presente nos meus trabalhos, desde os rabiscos: quando pequena, desenhava figuras humanas. Só mais tarde vieram as flores, os pássaros, as borboletas. Em tudo, queria e quero traduzir as emoções, os sentimentos, as experiências e vivências. Joy de Paula diz que:

O figurativismo conhecido como arte figurativa remonta séculos da existência humana, de modo que as pinturas rupestres já indicavam a necessidade de o homem expressar emoções, sentimentos e copiar e reproduzir figuras da natureza (Paula, 2017).

Wölfflin (2000), por sua vez, ao descrever seu trabalho sobre a arte figurativa, diz:

O presente estudo ocupa-se da discussão das formas universais de representação. Seu objetivo não é analisar a beleza da obra de um Leonardo ou de um Dürer, e sim o elemento através do qual esta beleza ganhou forma. Ele também não tenta analisar a representação da natureza de acordo com o seu conteúdo imitativo nem em que medida o naturalismo do séc. XVI difere daquele do séc. XVII, mas sim o tipo de percepção que serve de base às artes plásticas no decorrer dos séculos (Wölfflin, 2000, p. 17).

A arte figurativa carrega uma narrativa ou significados específicos. Sua representação pode transmitir histórias, emoções, questões políticas ou sociais, ou ainda a beleza ou a complexidade da vida humana. Na minha trajetória, trago a beleza, a solidão da natureza e do ser humano, pois, na contemporaneidade, sinto a solidão em ambos, embora não perca a esperança. Por isso, a luta continua tanto pela visibilidade da mulher na arte como também por buscar um mundo melhor. Trago um pouco disto no *Pássaro* (Figura 22): quis falar do momento difícil da natureza, das queimadas que provocam a fuga dos animais do seu habitat.

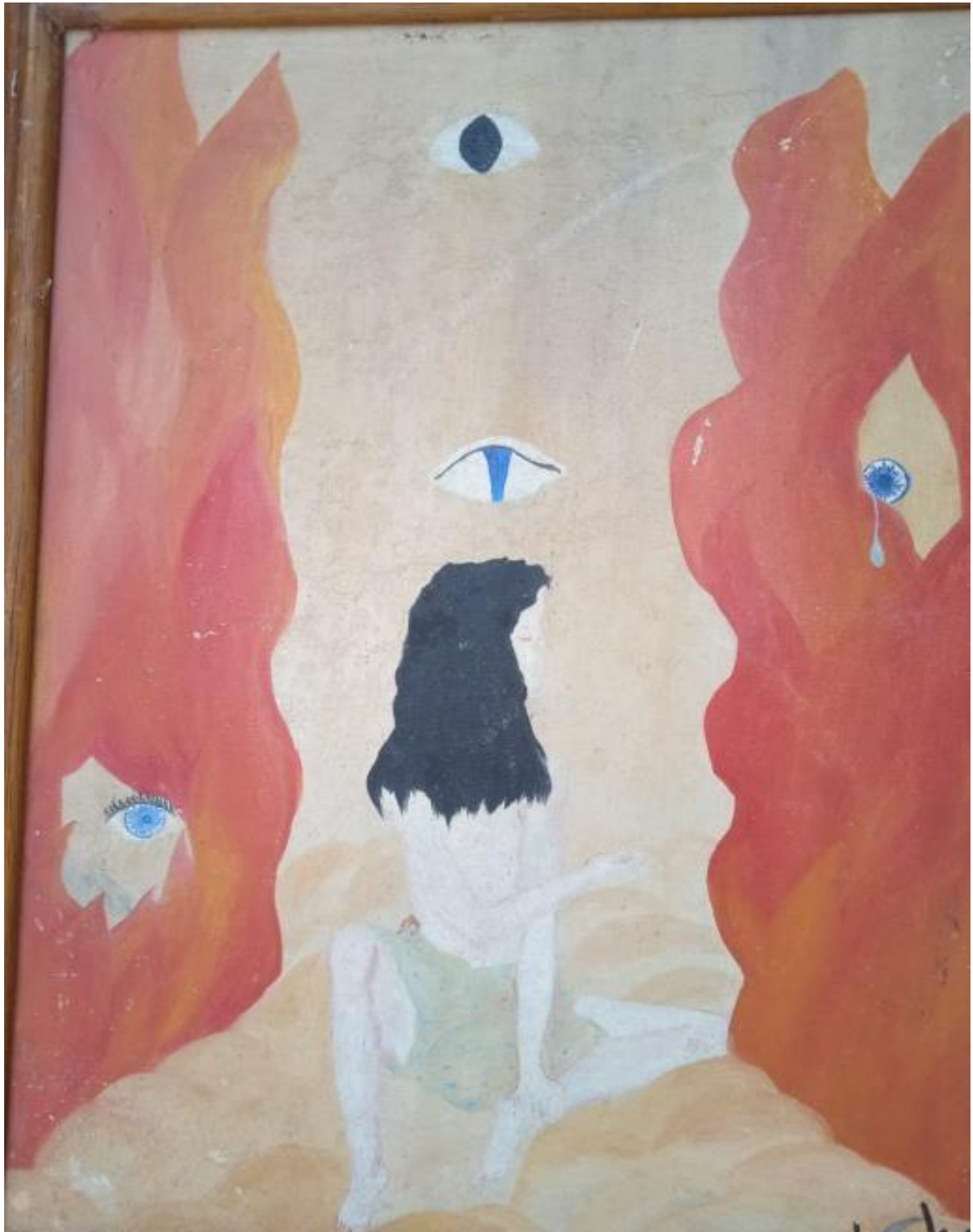
Figura 22 – Pássaro Aquarela



Fonte: Acervo pessoal

Contudo, além da arte figurativa, após entrar na Casa de Cultura Raimundo Cela, o Surrealismo me encantou por meio das aulas com o artista Marcos Jussier. O Surrealismo, visto através de Salvador Dali, Rene Magritte, o inconsciente me pareceu absolutamente incrível, sem desmerecer o Figurativo. Fiz alguma coisa a respeito. No quadro *Visão* (Figura 23), tento reproduzir um pouco do inconsciente que aflora de forma surreal. Representar o inconsciente é incrível, mas o figurativo prevalece, muito embora penso que na poesia traga o surrealismo.

Figura 23 – Visão (Um ensaio no Surrealismo) Ano 1977, Óleo sobre tela



Fonte: Acervo pessoal

No mundo artístico cearense, pessoas e entidades marcaram a minha vivência e a minha transformação em artista. Letras, músicas, performances, pinturas, um pouco de tudo me toca no mundo que me cerca, e reflito este mundo em que vivo

na minha arte. As letras voam para uma fotografia (Figura 24), poesia musicalizada e apresentada no Festival de Música, BB, João Pessoa...

Figura 24 – Os pés cansados do viandante

VIANDANTE

Sou um pouco deste vidro que corta
e joga a fome no ar.
Sou esta nudez medrosa
que se contorce de frio e chora. Sou aflito,
sem casa
Mas quero alcançar estrelas.

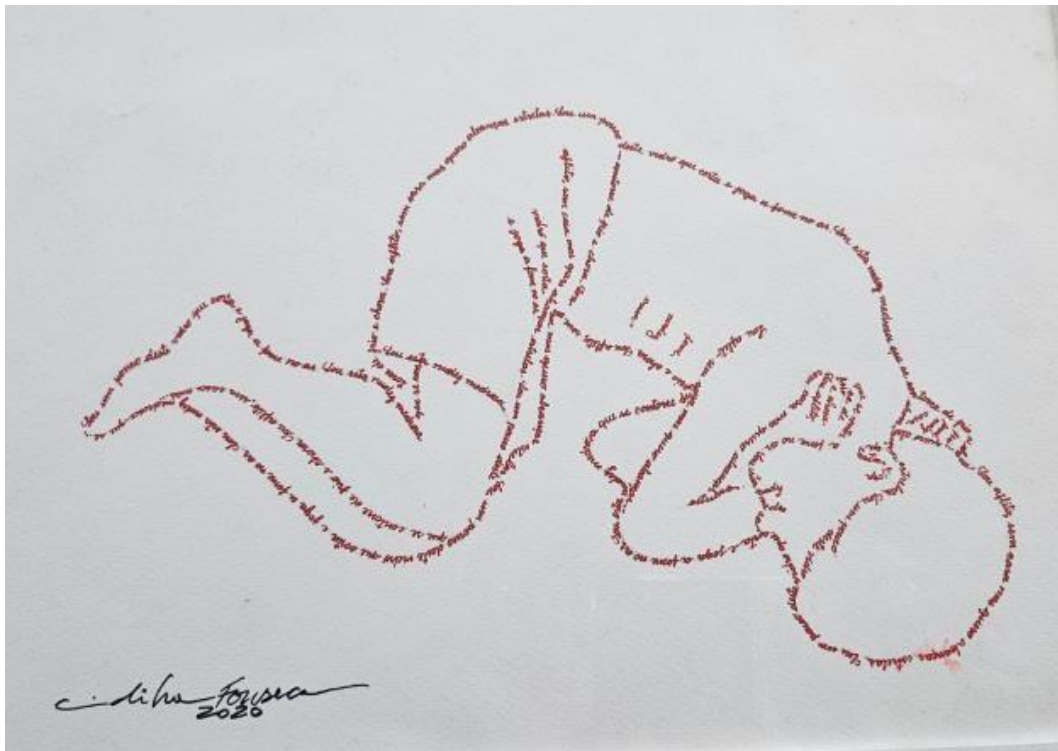
Cidinha Fonseca, 1986.



Fonte: Produção própria

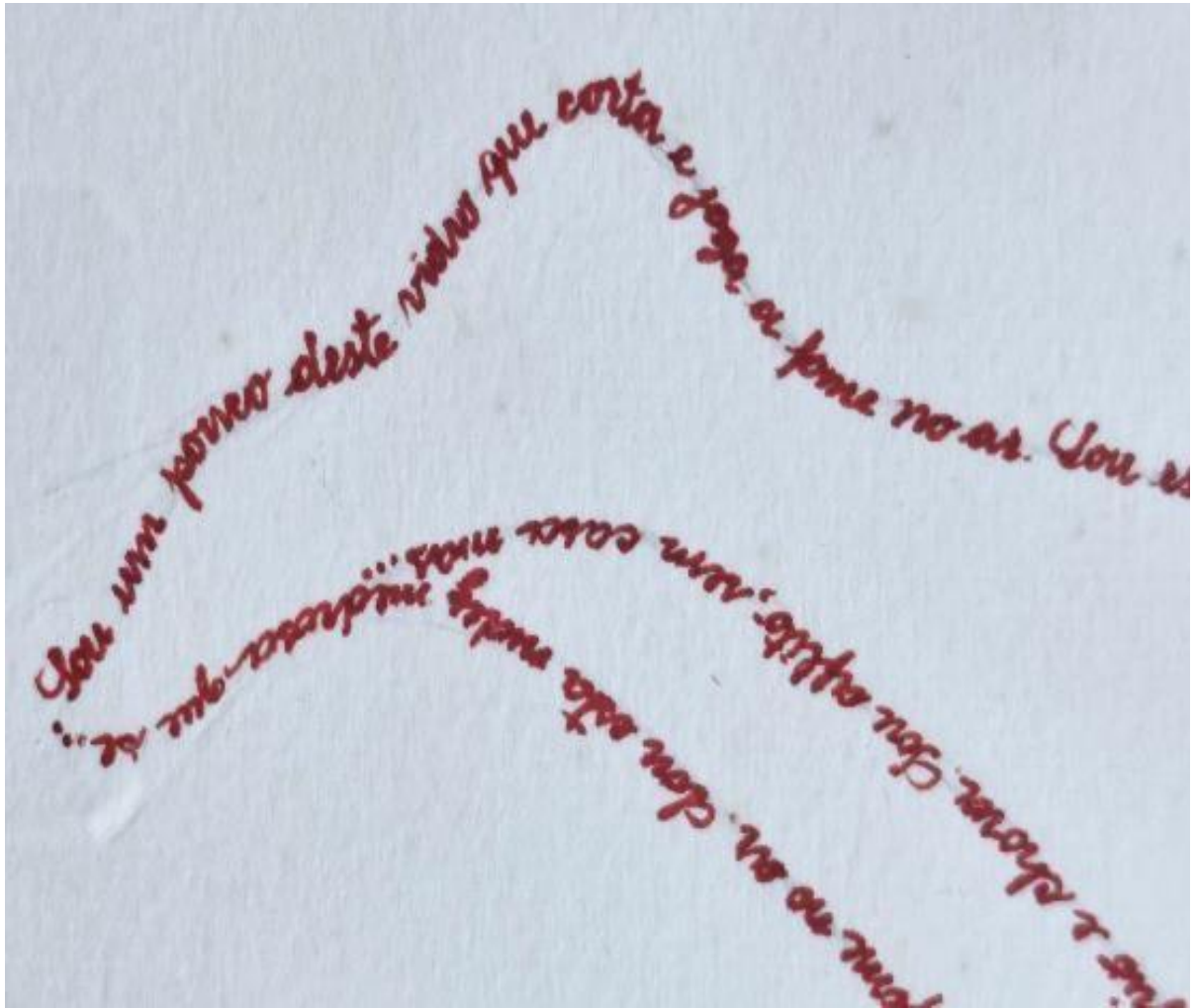
ou para uma personagem em busca de um lugar ao sol (Figuras 25 e 26), apresentada na Mostra 8 de Maio, no Centro Cultural do BNB.

Figura 25 – A Margem. Desenho sobre papel canson



Fonte: Mostra 8 de Maio, Centro Cultural BNB

Figura 26 – Detalhamento do desenho A Margem



Fonte: Mostra 8 de Maio, Centro Cultural BNB

Tudo faz sentido, tudo faz parte, tudo constrói, tudo pode virar arte. Como a maioria dos artistas (ou devo dizer pessoas?), tenho vários lados. Um pouco de literatura, um pouco mais de pintura, um pouco de diletantismo, um pouco de exposição, um pouco de mercado.

Como disse, neste trabalho, narro minhas memórias sobre os percursos que me conduziram ao envolvimento com a Arte. Desde a infância, me interessei pela Pintura. Quando pequena, fazia rabiscos. Na adolescência, busquei uma aproximação maior com o meio artístico. O que tinha visto até então não me era suficiente. Na escola, havia aulas de educação artística e seu conteúdo não me satisfazia, ou não me dizia muita coisa, uma vez que se limitava a cartazes, datas comemorativas, prendas domésticas e outras especificidades. Mas eu queria mais do que aquilo.

Sonhava com uma escola de Artes! Na minha busca, ainda jovem, encontrei a Casa de Cultura Raimundo Cela, onde se praticava o ensino de Artes, por meio de cursos de curta duração, ministrados por artistas como Mateus, Marcus Jussier, Gilberto Cardoso, Salete, Marisa, Jane Lane, dentre outros.

Essas aulas me levaram a um contato mais direto com o universo da Arte e a uma iniciação prática, chegando a participar de algumas exposições, inclusive do Salão de Abril, evento de grande importância na minha trajetória. Sobre ele, Costa (2009) explica:

O Salão de Abril de Fortaleza nasceu, em 1943, na esteira de uma movimentação artística que teve início com a irreverência da Padaria Espiritual (1892-1898), grupo de poetas e escritores que, em acalorados encontros, introduziram o Simbolismo, na capital cearense. Foi com as mostras do Salão que se introduziu a Arte Moderna, que já vicejava em reuniões e mostras da região Sudeste do País (Costa, 2009, p. XX).

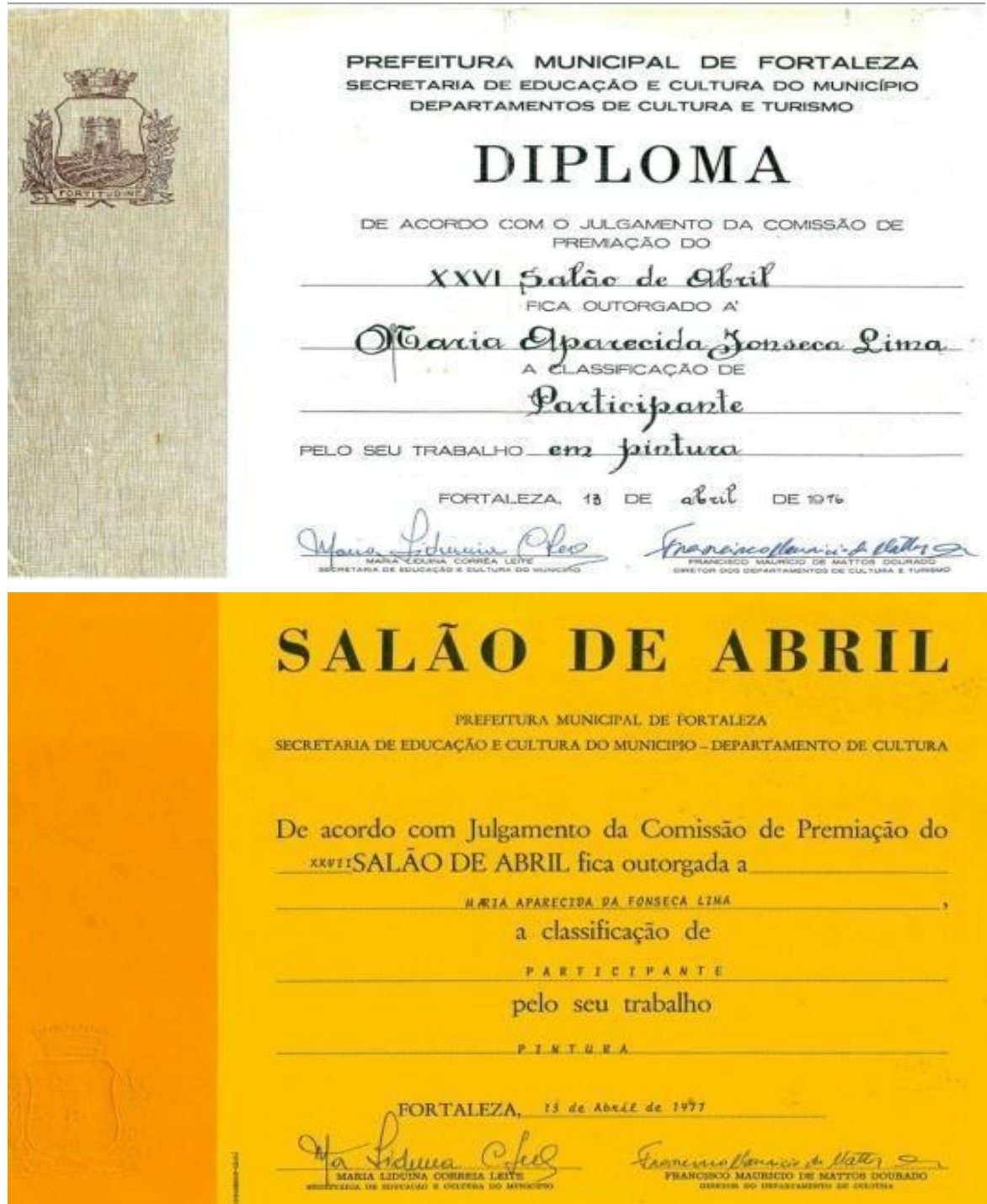
Em 1975, não havia Escola de Artes em Fortaleza, pelo menos que eu soubesse, e eu queria muito estudar arte. Estudar na França era um sonho, mas muito distante da minha realidade. Soube então sobre a Escola de Artes Fundação Alvares Penteado e, como aspirava sonhos mais altos, e como não podia realizar na França, fui a São Paulo, para conhecer e, possivelmente, estudar artes visuais lá. Eu tinha 21 anos quando tomei essa decisão e fiquei na casa de amigos, na Vila Mariana, mas voltei sem cursar o que tanto queria, pela impossibilidade de arcar com as despesas longe de casa. Busquei, aqui no Ceará, a Casa de Cultura Raimundo Cela, onde iniciei minha formação acadêmica e tive aulas com o artista bailarino Marcos Jussier (já falecido) e o artista Mateus Souza. Assim, de alguma forma, eu estava realizando o que tanto sonhava: aprimorando-me nas artes plásticas.

Particpei do Salão de Abril, em 1976 e 1977, cujos Diplomas de Participação apresento na Figura 27.

Essa era uma exposição que reunia muitos artistas cearenses e esteve a cargo da Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). Foi no período de 1943 a 1950, quando então passou a ser organizado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Conforme o regulamento do evento da época (Figura 28), qualquer artista podia participar com até 5 trabalhos de artes visuais (pintura, escultura, arte decorativa, xilogravura, dentre outros). Nas versões da época, não eram contemplados trabalhos de performance ou instalações, como atualmente. Um ponto interessante é que três membros da Comissão de Seleção e Premiação eram escolhidos pelos artistas

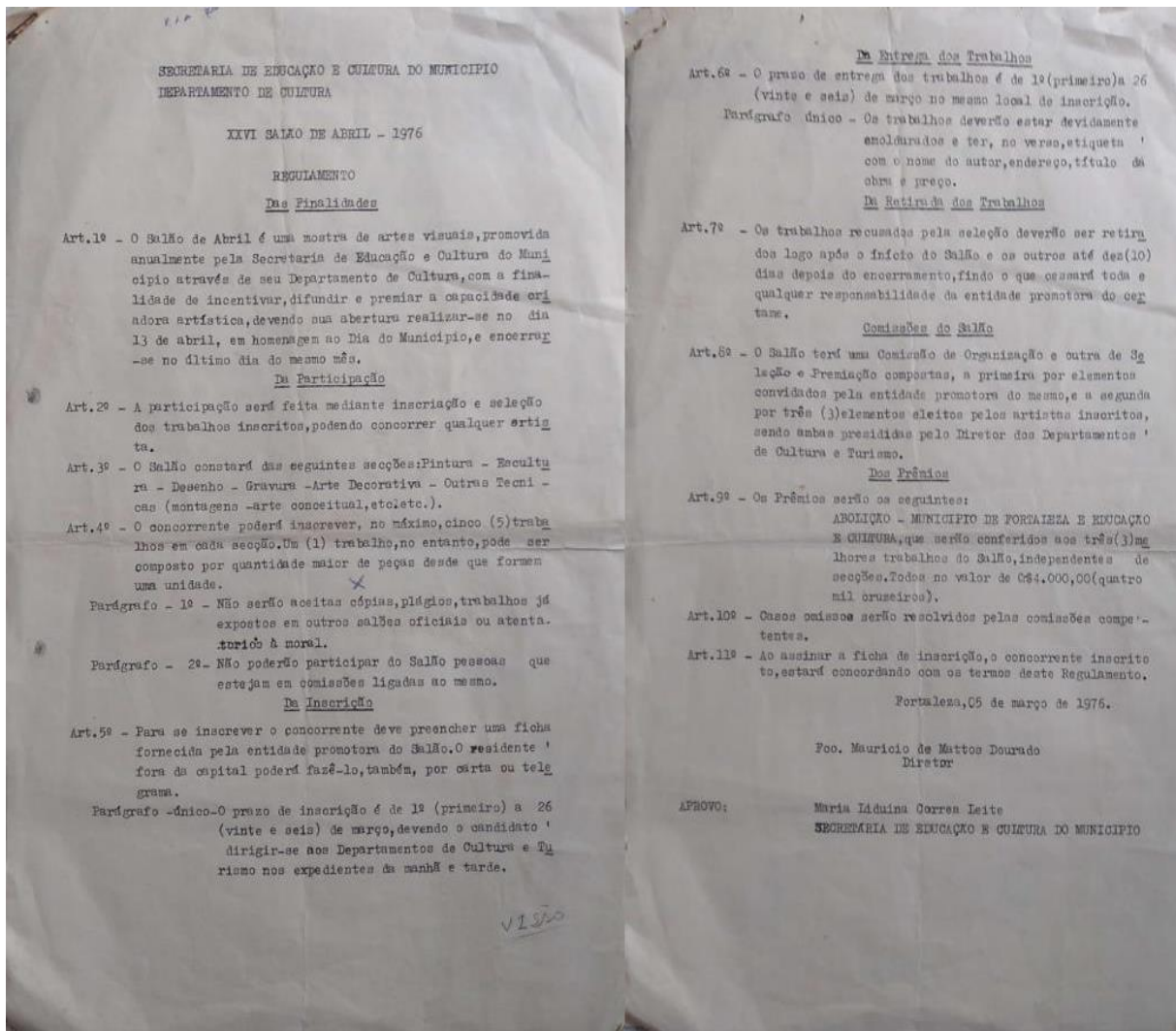
inscritos no Salão de Abril.

Figura 27 – Diplomas de participação no Salão de Abril



Fonte: Acervo pessoal

Figura 28 – Regulamento do Salão de Abril



Fonte: Acervo pessoal

No evento de 1976, concorri com duas obras, mas somente *A Espera* (Figura 29) foi aprovada. Essa obra fala da espera quase que interminável para chegar à luz, ao sol.

De certa forma, *A Espera* foi um marco na minha vida, pois foi por meio dessa obra que fiz parte do Salão de Abril de 1976, minha primeira experiência num evento desse porte. É um trabalho poético. Na ocasião, pedi que meu irmão pousasse para mim. Usei a cor azul como dominante, porque além de gostar muito do azul queria dar um toque surreal à obra – afinal, até onde sabia, ninguém tem a pele azul... Até hoje, guardo no meu acervo pessoal.

Figura 29 – A espera, 1977



Fonte: Acervo pessoal

Em 1977, inscrevi as obras *Claustrofobia I* e *Claustrofobia II* (Figura 30), que foram vendidas na época e das quais não tenho fotos. Essas obras retratavam meu universo e suas relevâncias consistiam em fazer, através das minhas experiências pessoais, uma conexão com o outro, no caso com o espectador.

Figura 30 – Exposição das obras *Claustrofobia I* e *Claustrofobia II*, de 1977

PINTURA	
1. DAISY MONTENEGRO GRIESER	1- Na Floresta 2- Minha Rua 3- Cae à Tarde 4- A Menina e o Farol 5- Minha Terra
2. ROBERTO JÚLIO DE CASTRO PINTO	1- Verdasco 2- Azul e Ouro 3- Ouro e Sepia 4- Anatomia da Cor I 5- Anatomia da cor II
3. JOSÉ DOMINGOS MARTINS	1- Muleta I 2- Muleta II 3- Muleta III
4. ARTUR GUEDES DA SILVA	1- A Sociedade 2- Amor Sagrado, Amor Profano
5. JORGE HAUSER RODRIGUES DE A. SHERLOCK	1- Palhaço I, II, III 2- Crucificação 3- Chicago 1953
6. AUDIFAX RIOS	1- Cangaço I 2- Cangaço II 3- Cangaço III 4- Cangaço IV 5- Cangaço V
7. FRANCISCA SOUTO RIBEIRO	1- Aprendiz Marinheiro
8. MARIA APARECIDA DA FONSECA LIMA	1- Claustrofobia I 2- Claustrofobia II
9. JOÃO JORGE	1- Canoa Quebrada "Fuso Horário"

Fonte: Catálogo Salão de Abril, 1977.

No Salão de Abril de 1976 e 1977, Heloisa Juaçaba fazia parte da curadoria e, no Salão de 1977, Daisy Montenegro Grieser também participou como expositora.

Recentemente, quando percebi esses fatos, senti-me muito lisonjeada, pois ambas são ícones das artes visuais no Ceará.

O Salão de Abril era um marco, sobretudo para alguém jovem como eu, sendo o Salão de Arte, por assim dizer, o mais importante da cidade de Fortaleza e um dos mais antigos do Brasil. Para o artista, era uma imersão no circuito artístico de Fortaleza, quiçá do Brasil. Não precisamos participar deste ou outro Salão para nos denominarmos artistas, contudo, de certa forma, para a venda de nossas obras, isto pode ser um passaporte para negociar arte. Falo como trabalhadora de arte, afinal, precisamos minimamente nos manter. De outra forma, buscamos outras vias para viver e fazer arte. O tempo alargou os horizontes e, de certa forma, podemos hoje fazer arte, mesmo ainda não tendo completamente nos livrado do muro chamado invisibilidade.

Observando os catálogos dos Salões nos quais participei e os de hoje (Catálogo Salão de Abril, 1976, 1977, 2018, 2019), nota-se a diferença entre a quantidade de artistas homens e artistas mulheres. Em 1976, participaram 65 artistas homens e 23 artistas mulheres. Em 1977, havia 80 artistas homens e 22 artistas mulheres. Nos Salões contemporâneos, de 2018 e 2019, observei uma diferença menos acentuada. Como mulheres, precisamos continuar a luta mais do que nunca.

Aquele momento foi histórico para mim, no Salão de Abril, com a obra *A Espera*, um trabalho figurativo inspirado talvez na minha própria espera de ser artista. Poder participar de uma mostra marcante na minha vida ficou na minha memória. O fazer arte é uma força crescente, ela reabastece nossos espíritos e mentes, vamos dizer o oxigênio, a missão de quem se sente movido a fazer. Não obstante, os obstáculos visíveis ou invisíveis, vamos adiante e talvez por isso mesmo.

Quando olho para trás, lembro do fio condutor da memória para Bosi (1973, p. 16): “[...] na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje as experiências do passado”. Não posso deixar de lembrar que, num passado um pouco mais distante, mas não muito, a participação feminina nesses eventos era mínima ou quase nenhuma, como mostram as fotos das Figuras 7 e 31.

Figura 31 – Salão de Abril, Fortaleza-CE, 1943



Fonte: Centro de Fortaleza⁹

Considero-me parda e sei que há uma grande distância entre mim, como artista do nordeste, e Adriana Varejão (pinturas e instalações), Beatriz Milhazes (pinturas e colagens), entre outras, até porque enfrento muitas dificuldades, além das grandes diferenças existentes entre as artistas mulheres da minha região, de restrito poder aquisitivo. Percebo que para as artistas com maior poder aquisitivo abrem-se melhores portas, embora elas também enfrentem outros obstáculos como a questão da invisibilidade, preconceito racial, dentre outros.

Também fiz exposição de Cartões de Natal (Figura 32), que foram todos vendidos. Pintar cartões, para mim, era uma forma de mostrar cartões diferenciados, individualizados, que seriam mais valiosos do que os impressos em quantidade e vendidos nas lojas. Além de me ajudar financeiramente, como falei antes, vender obras de artes de grande porte, telas, não é fácil, sobretudo para artistas desconhecidas. Então nos valemos de modalidades mais simples.

⁹ http://www.centrodefortaleza.com.br/Paginas/Destaques.php?titulo_resumo=Exposicao+historica+comemorativa. Acesso em: 02 set.2016.

Figura 32 – Cartões de Natal



Fonte: Acervo pessoal

Participei, algumas vezes, do Mulher Maio Mulher, evento que acontecia anualmente, com exposição das artistas cearenses. Era promovido pelo Jornal O Povo. O evento ocorria no Clube Náutico Atlético Cearense, tendo à frente Wânia Dummar, jornalista, esposa do diretor do jornal, na época, Demócrito Dummar. Era um importante evento porque era realizado por mulheres com várias formas de artes, poesia, pinturas, entre outras artes. Participei com poesias.

As diversas experiências em Arte me propiciaram vivências estéticas importantes. Ajudaram-me na minha autoexpressão. No entanto, foi com as artes visuais e a poesia que eu me lancei como artista, pesquisadora e encontrei força maior no plano pictórico e na poesia. Por outro lado, as dificuldades para entrar no circuito da arte ainda existem. Comigo, o que sempre pesou foi a questão econômica. Desde cedo, comecei a trabalhar para ajudar nas despesas da casa. Ainda adolescente, dava aula de reforço a uma menina que fazia o primário, hoje fundamental. Em uma escolinha infantil privada, dei aulas de religião.

Em 2002, recebi um convite da Fundação Bradesco para fazer uma oficina de pintura com os professores da Fundação (Figura 33). Na ocasião, mandavam-me buscar e deixar em casa. Fui remunerada pela oficina – algo a meu ver não tão comum. A experiência foi muito interessante para mim e me fez sentir alguém importante.

Figura 33 – Declaração da Fundação Bradesco



Fonte: Acervo pessoal

Durante muito tempo, dediquei-me a pintar, em aquarela, kits de cartões, agendas, cadernos, blocos em espiral, embalagens, dentre outros, como forma de me manter na arte e, ao mesmo tempo, complementar minha renda. Nesse material, vendido para pessoas físicas, lojas e escolas, o tema era principalmente floral (Figura 34).

Figura 34 – Material em aquarela



Fonte: Material Vendido

Um dia, retornei ao mundo da arte. Era 2011. Fui ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) em busca de resolver uma questão do meu filho caçula, Francisco Gustavo Chacon, como já narrei acima. Fiz vestibular

para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Fui aprovada e retornei ao sonho de ser uma artista plástica. Ao professor Gilmar, do IFCE, devo o incentivo para entrar no curso, e aos meus dois filhos, já crescidos, Francisco Gabriel Chacon e Francisco Gustavo Chacon, devo o apoio absoluto para continuar minha busca.

Durante a minha caminhada até a vida acadêmica, tive muitos obstáculos, mas sempre alcançando sucesso, porque, desde a mais tenra idade, sonhava com a Escola de Belas Artes, em Paris, que eu considerava o melhor lugar para o meu aprimoramento nas artes. Depois de anos, eu podia acalentar esse sonho, embora não fosse em Paris, mas em um Curso que me conduziria a construir conhecimentos mais profundos sobre a arte.

Eu já conhecia Nice Firmeza muito antes de entrar no IFCE. Algumas vezes, eu a visitava e a seu esposo, também artista, Estrigas Firmeza. Ia sempre à casa deles, frequentava o Mini Museu Firmeza, e levava alguns trabalhos para mostrar-lhes. Certa vez, em 2013, fui com meu filho Francisco Gustavo e saí de lá chateada, porque mostrei alguns trabalhos ao Estrigas e ele não aprovou. No caminho de casa, eu disse ao Gustavo que ia rasgar todos os trabalhos, mas, meu filho, querendo me apoiar, disse: “Não faça isso, mamãe”. Não rasguei. Depois refleti que não deveria agir assim, mas guardá-los para voltar a eles em outro momento.

Naquele mesmo ano de 2013, em junho, meu filho Francisco Gustavo sofreu um latrocínio e passou 25 dias em coma, falecendo no dia 17 de julho de 2013. Diante dessa morte trágica, prematura e dolorosa, tranquei meu curso por um semestre, pois não tinha condições de continuar. Contudo, no ano seguinte retornei, não mais como antes, pois, na minha alma, no meu coração e na minha mente, havia uma grande dor e a imagem de tudo que havia acontecido com meu filho. Mesmo assim, fui por mim, na tentativa de superar a minha grande dor e, sobretudo, por ele, que tanto me incentivou fazendo tudo comigo. Na ocasião em que fui aprovada, ele participou da minha matrícula, fazendo fotos, sorrindo, juntamente com meu outro filho, que continua me dando forças para isso, para eu continuar, apesar da dor.

Após concluir o Curso de Licenciatura em Artes Visuais no IFCE, em 2017, eu e uma amiga do Curso, Fátima Gomes Brasil, decidimos fazer uma coletiva, para a qual convidamos a amiga médica e artista plástica Fátima Azevedo, para participar. Enviamos o projeto *Guerreiras ou Artistas* para participar de exposição nos Correios, o qual foi aprovado (Figura 35), com repercussão na mídia cearense (Figura 36).

Figura 35 – Projeto *Guerreiras ou Artistas*



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 36 – Projeto *Guerreiras ou Artistas* na mídia



Fonte: Acervo Pessoal

Realizamos a Exposição segundo esse projeto, que surgiu a partir da minha pesquisa acerca da História da Arte Cearense, tendo como foco a presença feminina na SCAP. Nessa exposição, abordou-se a questão das Mulheres Artistas de Fortaleza, tendo como base a trajetória singular de Dayse Grieser, Nice Firmeza e Heloísa Juaçaba (Figura 37), que, apesar das dificuldades da época, superaram todos os obstáculos e se sobressaíram no cenário artístico, muito embora pouco referenciadas na história das artes.

Figura 37 – Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba



Fonte: Nice: Fonteles; Estrigas; Firmeza, 2014, p. 84; Heloísa: Portal da UFC

Foi muito significativa para mim a realização desse projeto, expondo em um espaço oficial e público. Vejo como uma maneira de reinauguração de mim mesma, pela volta aos estudos de arte, envolver-me com artistas de renome que me incentivaram a mostrar meus trabalhos depois de tantos anos afastada desse cenário.

Ao mesmo tempo em que estávamos expondo nos Correios, também fomos convidadas pelos administradores do North Shopping, para expor nossas obras na Exposição Marias, como uma homenagem às mulheres que se propõem a apresentar suas pinturas e produções literárias ao público cearense, ainda pouco envolvido com essas artes. Na Figura 38, apresento as fotos das idealizadoras e participantes dessa exposição – eu e elas.

Figura 38 – Idealizadoras e participantes da *Exposição Marias*



Fonte: Acervo pessoal

Assim, de forma coletiva, estávamos expondo em lugares diferentes e de acesso a muitas pessoas, principalmente no dia internacional da mulher, pois a temática principal dos meus trabalhos compreende “mulheres artistas”, que me instigam a dar continuidade à luta das mulheres cearenses a se envolverem com as artes.

No ano seguinte, participei de mais uma coletiva no Centro Cultural Belchior, onde realizamos a exposição intitulada Multiplicidades, e da qual também participaram as colegas Fátima Gomes e Milena Fernandes, que se dedicam, especialmente à pintura. Como sempre, as mulheres estiveram em pauta, porque, apesar de no século XX terem conquistado muitos espaços na sociedade, principalmente o direito ao voto, ainda sofrem discriminações e preconceitos que lhes são dirigidos, independentemente de suas raças e *status* sociais (Figura 39).

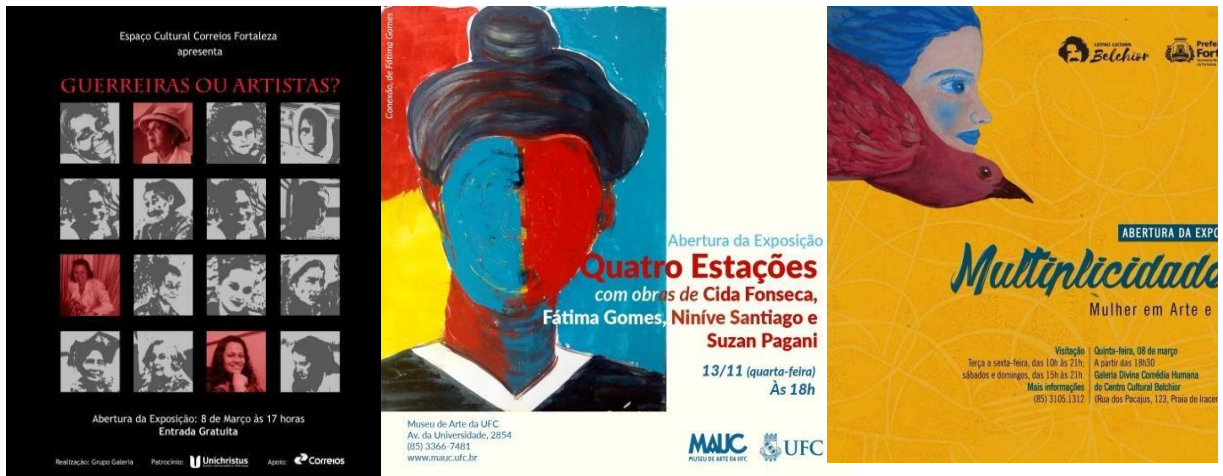
Figura 39 – Cartaz da exposição *Multiplicidades*



Fonte: Acervo pessoal

Desde 2017, as coletivas das quais participei abordaram as questões de visibilidade e igualdade para as mulheres, como é possível observar pelos títulos das exposições (Figura 40): *Guerreiras ou Artistas* (Espaço Cultural dos Correios), *Marias* (North Shopping), *Multiplicidades* (Espaço Cultural Belchior), *Quatro Estações* (Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará). É imprescindível que nos debruçemos sobre a história da arte para refletirmos e compreendermos a luta da mulher artista por apresentar suas produções sobre artes visuais e outras artes, em busca de romper barreiras, vencer preconceitos, resistir a tantas tempestades e vendavais, empoderando-se e ascendendo.

Figura 40 – Exposições sobre visibilidade, igualdade das mulheres



Fonte: Acervo pessoal

Apesar de trabalhar muito com óleo e acrílica, é com aquarela que me identifico na elaboração de minhas obras. Meu material está sempre a postos em uma mesa: minha paleta e meus pincéis, papéis. Tenho ainda algumas telas e um cavalete. Meu trabalho não tem um público específico, podendo estar em qualquer ambiente porque, como falei, através dele quero expressar a natureza e a vida.

Ser artista é ter 90% de sensibilidade aguçada e 10% de pesquisa ou o contrário?

É desenhar o que vem, quando vem... Criar ou recriar?
É andar na corda bamba da vida, do agora, em busca do equilíbrio?

Ser artista é sonhar com Pompidou, d'Orsay, com o velho Louvre ou MoMa?
Ou pintar na praia sem tela e sem pincel?
Expor ou fazer intervenção na paisagem?
Com sua antiga dor calejada em busca do sucesso, Da embriaguez momentânea...

Ser artista é escapar da loucura profetizada há muito pelos antigos ou modernos...
Que veem na arte a salvação da fúria do homem, engaiolado nas suas teorias,
Divagações do contemporâneo...

Ser artista...
Sou eu, é você que sobrevive
Apesar do desencanto, do desamor da Arte Concreta

(Cidinha Fonseca, não publicado)

Em 2017, participei de uma mostra no Espaço Cultural dos Correios com o título *Guerreiras ou Artistas*. Aqui trago as obras que mostrei na ocasião (Figuras 41

a 46). A escolha do título passou por se tratar, de certa forma, da minha volta às exposições, pois fazia bastante tempo que eu não participava de nenhuma exposição, e pelo fato de eu e minha amiga artista visual, Fátima Gomes, querermos indagar o que éramos afinal.

Nos meus trabalhos costumo falar da natureza, das minhas experiências, emoções, inspirações e sonhos. Na maioria das vezes, as figuras são femininas (Figura 41). Não sei se inconscientemente, quero tornar a mulher visível ou cada vez mais visível. Esta obra trata da unidade entre o homem e a natureza, somos parte dela.

Figura 41 – Sem Título. Aquarela sobre papel Canson



Fonte: Acervo Veridiana Fontenelle. Mostra *Guerreiras ou Artistas*.

O *Pássaro Azul* (Figura 42) trata-se de um pássaro chorando por conta da eminente extinção da natureza e, por conseguinte, seu fim. Trata-se ainda sobre a angústia da natureza, a luta do agora para mudar o descaso, quanto à sua própria extinção.

Figura 42 – Pássaro Azul. Aquarela sobre papel Canson



Fonte: Acervo Professora Antonia. Mostra *Guerreias ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

O trabalho apresentado na Figura 43 foi inspiração a partir da ideia de que o amanhecer é um milagre. A natureza é minha inspiração de todos os dias. Que ela permaneça, não obstante o descaso de muitos.

Figura 43 – Bom Dia. Aquarela sobre papel Canson



Fonte: Acervo de Heliane Pimentel de Castro. Mostra *Guerreiras ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

O trabalho *Maternidade* (Figura 44), no qual pintei uma mulher sem cabeça, tem um grande significado para mim. Queria representar todas as mães e a importância da amamentação, independentes de cor, *status*, religião. O manto ou lenço adornado de flores representa o grande e puro amor das mães para com seus filhos. Como mãe, fui adepta da amamentação, amamentei os meus filhos por saber de tal importância.

Figura 44 – Maternidade



Fonte: Acervo Heleninha Macedo. Mostra *Guerreiras ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

Menina no cavalo (Figura 45) trata-se de uma releitura de um trabalho do meu filho Gustavo feita aos 4 anos de idade. Fiz essa releitura como uma homenagem ao meu filho amado, que já não está conosco e sim na eternidade.

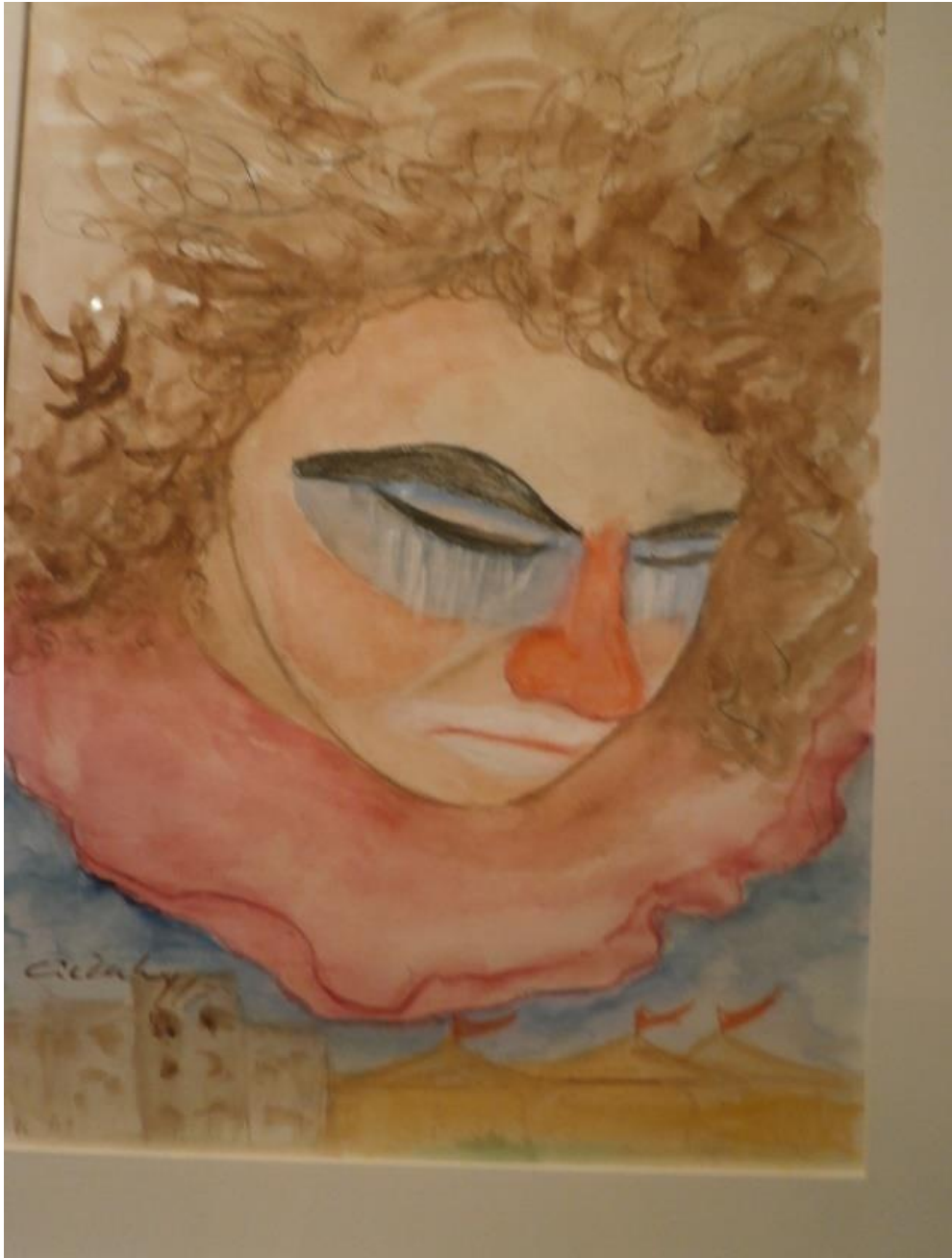
Figura 45 – Menina no cavalo. Aquarela sobre papel Canson



Fonte: Acervo pessoal. Mostra *Guerreiras ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

Houve um tempo na graduação que fiquei enamorada por um colega, que, além de artista visual, era palhaço. Ele se fazia de apaixonado por mim, creio por brincadeira, e eu, talvez por minha carência afetiva, me deixei apaixonar. Claro que nunca me envolvi com ele. Era algo platônico, mas daí me inspirou para realizar o palhaço (Figura 46). Ele nunca soube disso. Além dessa aquarela, ainda escrevi uma poesia irônica sobre o palhaço.

Figura 46 – Palhaço. Aquarela sobre papel Canson



Fonte: Acervo Rubens e Paula Lenz Costa Lima. Mostra *Guerreiras ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

A aquarela apresentada na Figura 47 é muito o meu sonho de voar como Ícaro. Por isso, há tantos pássaros ao redor de mim, além do cabelo solto e o olhar perscrutador, buscando o conhecimento.

Figura 47 – Sem Título



Fonte: Acervo Gabriel Chacon. Mostra *Guerreiras ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

Quis eternizar as *Flores do Campo* na aquarela apresentada na Figura 48. Gosto delas, pois fazem parte do meu jardim interior. Assim, percebo: temos um jardim secreto, onde semeamos, plantamos flores, rosas, girassóis e margaridas, para oferecer ou não a quem encontramos no nosso caminhar.

Figura 48 – Flores do Campo

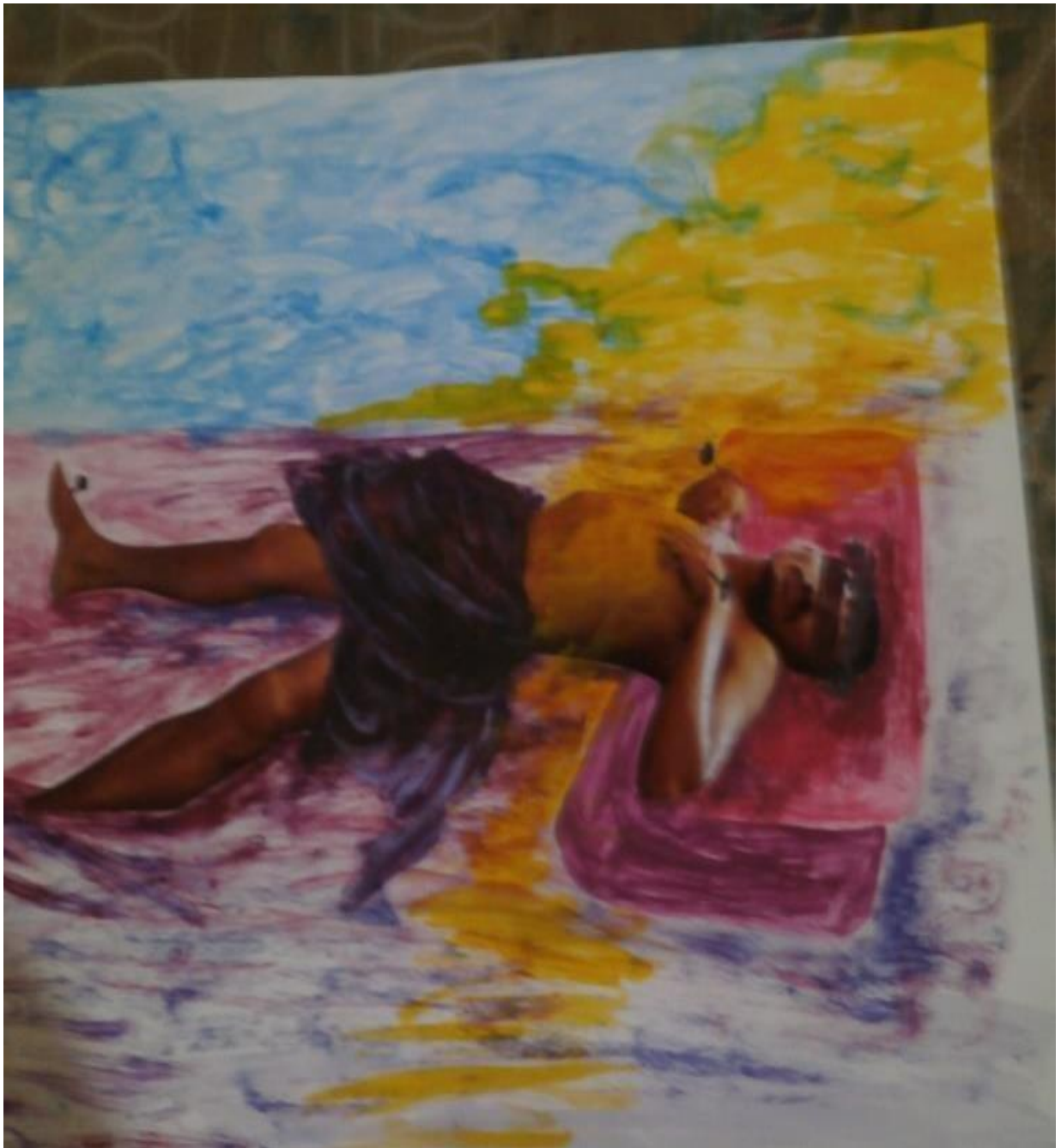


Fonte: Acervo pessoal. Mostra *Guerreiras ou Artistas*. Espaço Cultural dos Correios (2017)

Particpei de outras exposições com outras obras e outras técnicas, ou simplesmente pintei outras coisas. Apresento algumas a seguir.

Refletindo sobre as pessoas em situação de rua, que passam invisíveis por nós, muitas vezes quis trazê-las para mais perto, de algum modo, para sentirmos sua dor, desconforto do nada ter (Figura 49).

Figura 49 – Sem Teto. Arte Híbrida: fotografia e pintura



Fonte: Acervo pessoal. 68º Salão de Abril Sequestrado (2017)

Azul é minha cor preferida, por isso a mulher azul da Figura 50. Yves Klein tem toda a minha admiração por seu azul .

Figura 50 – Mulher Azul. Acrílica sobre madeira



Fonte: Acervo Noemia Alves. Mostra *Multiplicidades* no Centro Cultural Belchior

Mulher e Pássaro Vermelho (Figura 51) quis mostrar a potência da mulher. O pássaro vermelho é essa potência expandida .

Figura 51 – Mulher e Pássaro Vermelho. Técnica: Acrílica sobre madeira.



Fonte: Acervo Heleninha Macedo. Mostra *Multiplicidades* no Centro Cultural Belchior

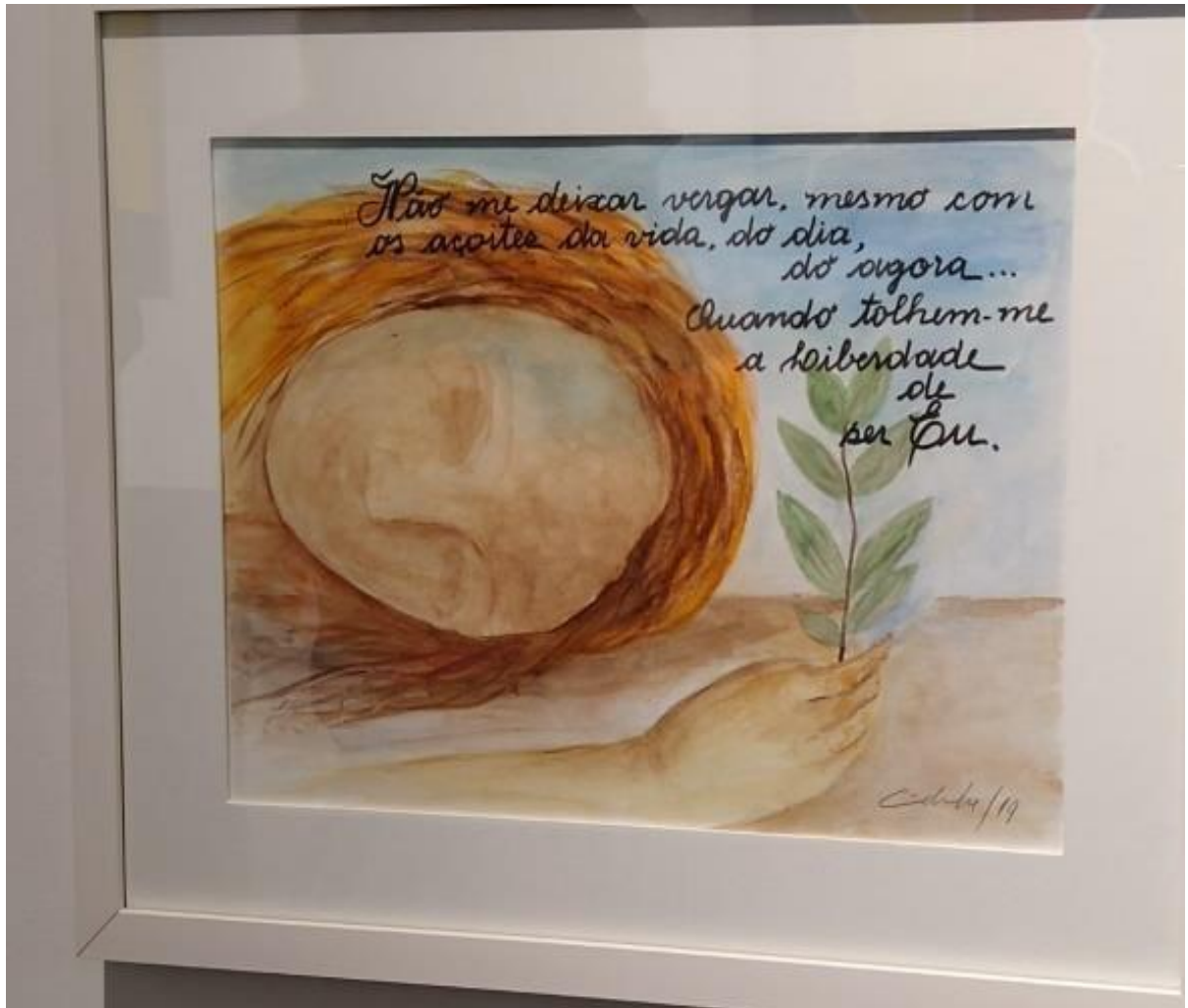
Minhas netas, muito queridas e amadas por mim, foram retratadas na pintura da Figura 52. Quis pintá-las para dizer o quanto eu as amo.

Figura 52 – Manon e Koquito. Aquarela sobre papel Canson



No trabalho apresentado na Figura 53, quis trazer a dor interior de muitos que lutam pela liberdade, mesmo aparentemente sendo livres, mas não sendo, dos bravos que não se deixam tolher mesmo com os açoites da vida. Nele, coloquei uma poesia.

Figura 53 – Sem Título. Aquarela e Poesia sobre papel Canson



Fonte: Acervo Lia Parente.

Em “Mulher e Pássaros”, Figura 54, quero trazer os anseios da natureza humana através dos pássaros: voar. Mais uma afirmação do meu desejo de voar, ir as píncaros do saber, aprendendo dia a dia.

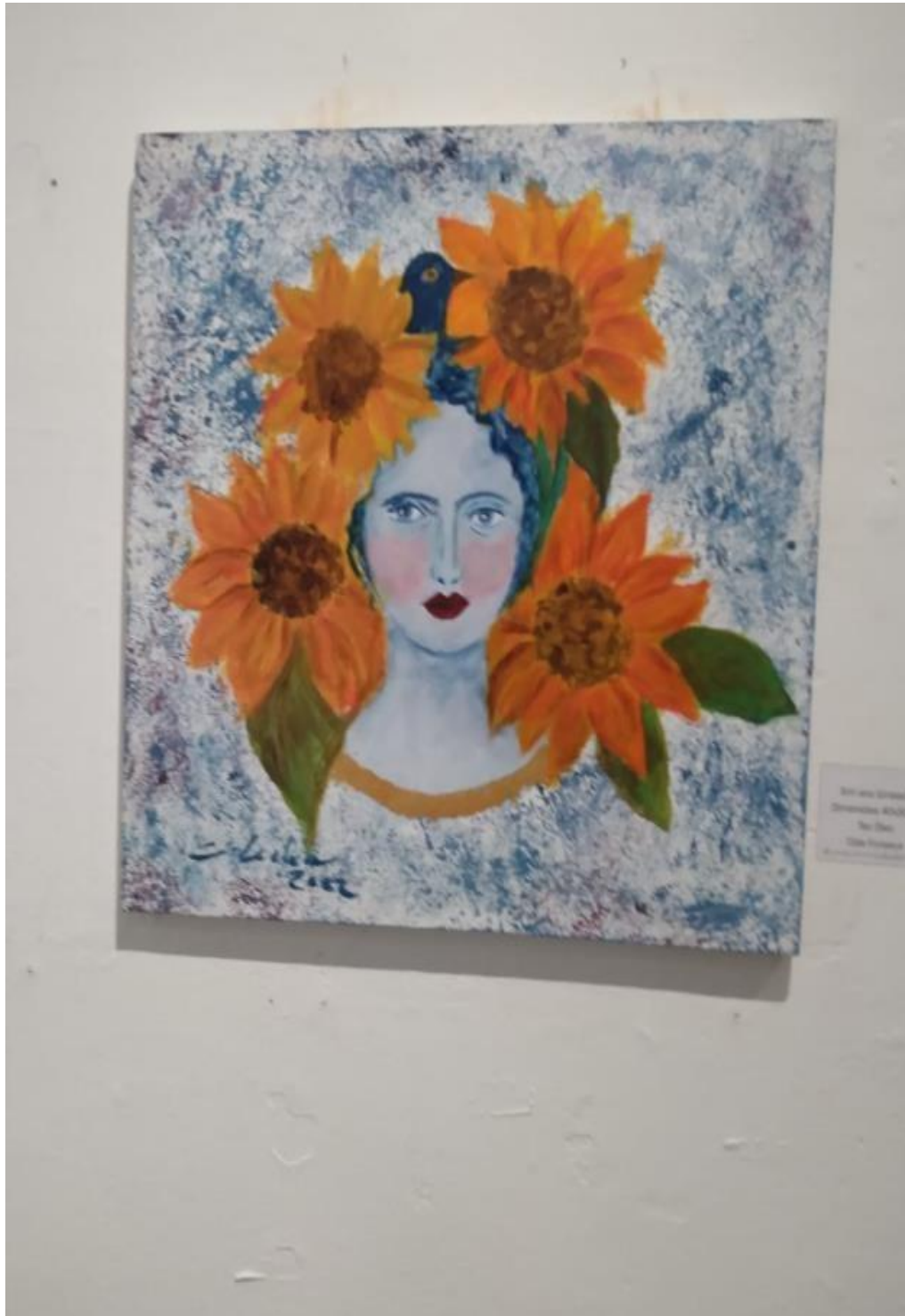
Figura 54 – Mulher e Pássaros. Figurativo: acrílica sobre tela



Fonte: Acervo Pessoal.

Toda beleza da mulher e da natureza procuro traduzir através do trabalho da Figura 55. Nessa obra, mais uma vez, é a beleza da natureza me trazendo inspiração; todo amor pela natureza.

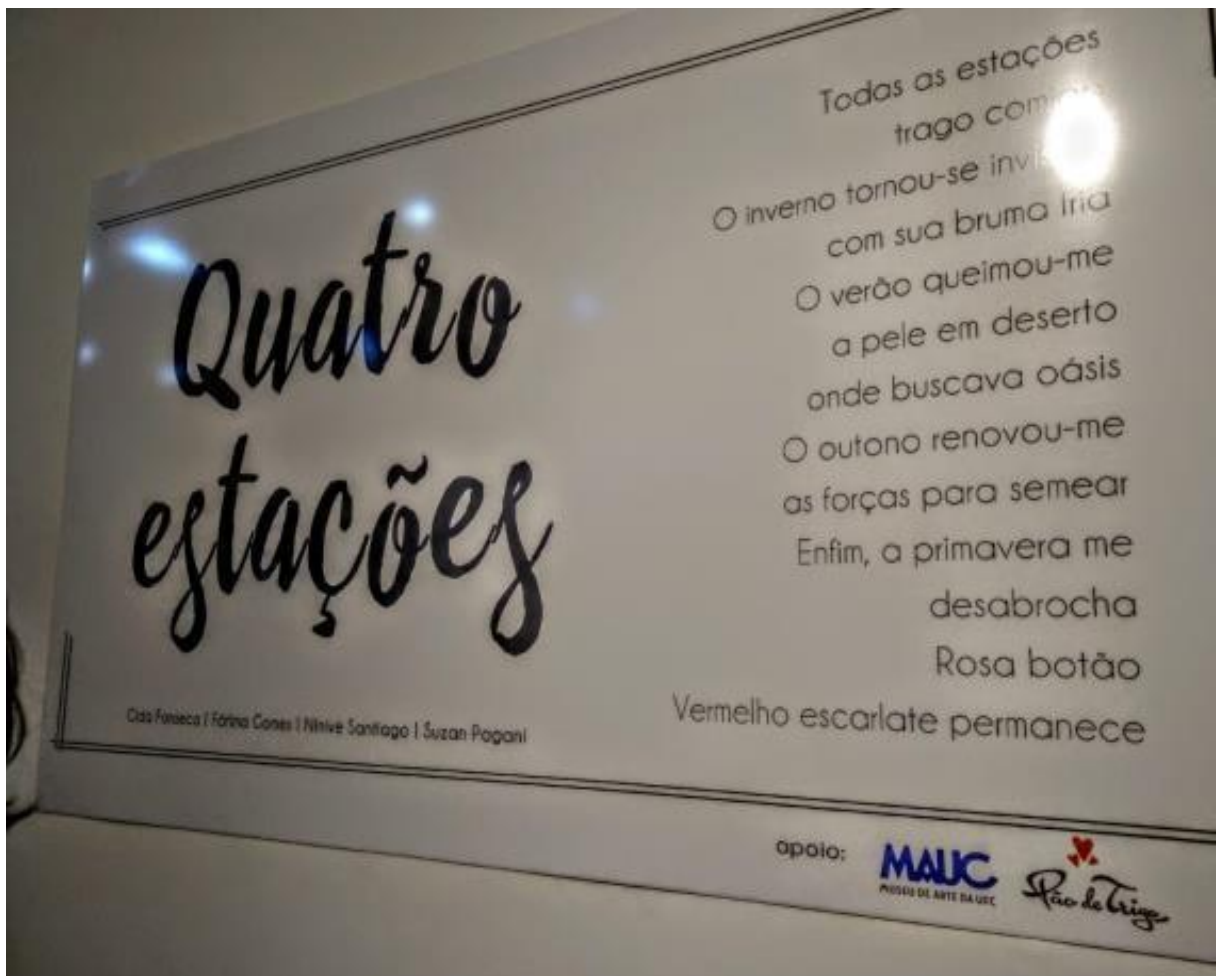
Figura 55 – Mulher com Girassóis. Figurativo acrílica sobre tela



Fonte: Acervo Cleide Arruda.

Em 2019, eu e Fátima Gomes, parceira nas artes, mandamos ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC) um projeto coletivo denominado *Quatro Estações*, o qual foi aceito. Muito me alegrou por poder participar de um evento na Universidade Federal do Ceará, a mais conceituada do nosso estado. Enviei para essa exposição algumas pinturas e poesias, entre as quais incluí a que dei o mesmo nome do Projeto Quatro Estações (Figura 56).

Figura 56 – Cartaz do Projeto *Quatro Estações*



Fonte: Projeto Quatro Estações, exposição no museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, 2019

'4 ESTAÇÕES' por quê?

QUATRO ESTAÇÕES
Todas as estações
Trago comigo.
O inverno tornou-me invisível
com sua bruma fria.
O verão queimou-me a pele

em deserto
 onde buscava oásis.
 O outono renovou-me
 as forças para semear.
 Enfim, a primavera
 me desabrocha ...
 Rosa botão
 Vermelho escarlate
 Permanece.

(Cidinha Fonseca)

Em 08 de março de 2022, no Teatro José de Alencar, através da Galeria Ramos Cotoco, eu e Fátima Gomes realizamos a exposição ESPELHO, ESPELHO MEU, POR QUE NÃO POSSO SER EU? (Figura 57).

Figura 57 – Cartaz da Exposição *Espelho, Espelho Meu*



Fonte: Acervo pessoal

Ao nos vermos no espelho, é preciso reconhecemos e olharmos para dentro de nós mesmos e identificarmos a imagem que vemos (Figura 58). Somos mulheres, seres potentes, que, ao nos empoderarmos, arrancamos a imagem refletida

dentro da sociedade em meio a tantas exigências, discriminações, violências, preconceitos de gênero, raças, situação social, assédios e desvalorização? Partimos dessas indagações para criar o projeto da exposição.

Figura 58 – Eu e Meu Espelho, Espelho Meu



ESPELHO, ESPELHO MEU

Espeelho, Espeelho meu...
 Espeelho, Espeelho meu,
 Por que não posso ser eu?
 Desde os tempos imemoriais
 Luto silenciosamente.
 Pelo que mais quero: ser Eu.

(Cidinha Fonseca)

Fonte: Acervo pessoal

É imprescindível que nos debrucemos sobre a história da arte para refletirmos e compreendermos a luta das mulheres por apresentar suas produções sobre as artes visuais e outras artes, em busca de romper barreiras, vencer preconceitos, resistir a tantas tempestades e vendavais e empoderar-se, ascendendo como a primavera. Assim como nas 4 estações, é preciso recolher-se, semear, florescer, para depois colher os frutos do trabalho.

Também enviei, para essa exposição, o pequeno verso da Figura 23, apresentada na parte I deste trabalho, que representa para mim o sofrimento daquela ou daquele andarilho que vagueia pelas ruas, sem lar e sem destino, mas carregado de sonhos, por isso, de pé. Vale dizer que o músico Marcos Fonseca musicou o poema e participou do festival XMPB SESC/Banco do Brasil, ficando em 2º lugar, sendo gravado em CD. A Figura 23 representa os pés cansados desse viandante.

Após 4 anos da conclusão do Curso de Graduação, tentei ingressar no Curso de Mestrado em Artes, e passei. Recebi o resultado da minha aprovação já adoecida pelo Coronavírus, em razão do qual precisei ser internada por 30 dias, no

Hospital São José. Não foi fácil. Presenciei muitas dores e mortes de companheiras de enfermagem, além de também sofrer, pensando que não iria resistir e preocupada com o meu filho Gabriel e sua família.

Entretanto, mantive o pensamento positivo, pensando que iria sair curada e fazer o Mestrado em Artes. Assim, rezei a Deus pedindo a cura, além de contar com uma corrente de orações e boas energias emitidas por meus parentes, amigos e amigas. Finalmente, tive alta e aqui estou, sã e salva, na luta para aprender a cada dia e partilhar com todos. Confesso, porém, que a realização desse sonho não está sendo fácil, mas vamos adiante, sem perder a Esperança:

ESPERANÇA

Há uma chama em mim
 Chamada Esperança que teima em brilhar
 sem apagar-se mesmo diante das minhas
 tempestades interiores que são rios de lágrimas...
 A invadir meu ser.
 A Esperança arrasta-me não me deixando afogar,
 teimosa esperança me faz sobreviver
 mesmo quando pareço não querer.

(Cidinha Fonseca)

Gosto de expressar meus sentimentos nas pinturas que faço, nas poesias e textos que escrevo, pois isso é, para mim, como dizem Deleuze e Guattari:

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula até num devir-imperceptível (Deleuze; Guattari, 2011, p. 11).

3.2 Em busca de 'um lugar ao sol'... na literatura

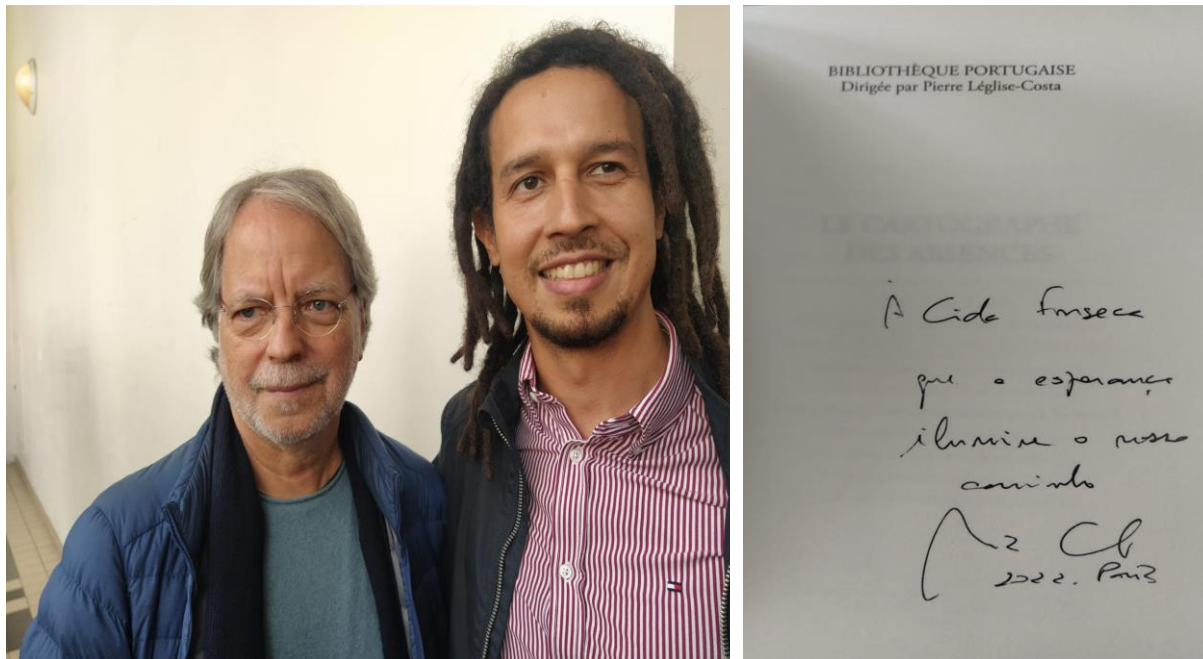
A poesia faz parte de mim desde sempre. Gosto de escrever, pois me alivia a alma e me faz viajar por mundos que não conheço. A imaginação me faz explorar, desbravar até conhecê-los literalmente ou pelos olhos de outros.

Na verdade, a literatura foi e é de grande importância na minha vida. Muitas poetisas e poetas são de grande inspiração em minha poesia desde sempre. Lendo-os é como absorver o espírito da poesia, da literatura. Muitos e muitas poetas e escritores e escritoras foram e são ainda fontes de inspiração para mim. Dentre eles,

posso citar Cecília Meireles, Rainer Maria Rilke, Adélia Prado, Carlos Drummond de Andrade, Emily Dickinson, Paulo Leminski, Ana Cristina Cesar, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Charles Baudelaire, Hilda Hilst, Paulo Leminski, Cora Coralina, Manuel Bandeira, Virginia Woolf, Clarice Lispector, Mia Couto dentre outros e outras.

Sabendo do meu apreço por esses autores, certa vez, meu filho Gabriel, que mora em Paris, esteve em um evento em que Mia Couto lançava seu livro *Le Cartographe des absences* (2022). Ele o comprou e comprou e pediu que fizesse dedicatória para mim (Figura 59).

Figura 59 – Dedicatória de Mia Couto no livro *Vozes Anotecidas*



Fonte: Acervo pessoal.

Sabemos que, como as artistas das artes visuais, as escritoras e poetisas também sofreram por serem mulheres: viviam em calabouços, por assim dizer, muitas precisaram usar pseudônimos masculinos para publicar suas obras. Quantos absurdos já vivemos pelo simples fato de sermos mulheres nas artes. Ainda bem que cheguei depois. Bem jovem, escrevi a peça *A Gaiola* e levei ao Teatro de Bolso da Emcetur ao Juazeiro do Norte, interior do Ceará. Depois, escrevi meu primeiro livro, *Em Silêncio*, em parceria com minha amiga poetisa Marisa Biasoli (Fonseca; Biasoli, 1981). Na sequência, escrevi *Síntese de Mim* (Fonseca, 1986). Continuo a escrever. Observando os meus escritos, desde então, vejo a diferença, a evolução da escrita

através das poesias.

Desde cedo gostava de escrever. Também escrevia um diário, que se chamava *Caramelo*, uma alusão ao diário Kitty, de Anne Frank.

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 1944. Minha querida Kitty,
Parece um pesadelo que continua durante muito tempo depois que acordo. Eu o vejo quase todas as horas do dia e, mesmo assim, não posso estar com ele, não posso deixar os outros perceberem, e tenho de fingir alegria, mesmo com dor no coração (Frank, 2017, p. 224).

Após ler o *Diário de Anne Frank*, senti-me convidada a escrever sobre meu dia, meus sonhos e tantas coisas que vivenciei. Sobre o nome Caramelo, não lembro porque escolhi, talvez por gostar de caramelo. A história de Anne Frank é muito forte, todo o sofrimento causado a ela pelo nazismo. Imitá-la, de alguma forma, era importante para mim.

Cito aqui um trecho do meu diário que achei significativo:

Oi, Caramelo, eu vi a pobreza, senti ela bem perto de mim, roçando em mim. Ela era esquelética, triste, suja, angustiada, foi no meio-dia que eu a vi, na hora do almoço. No seu prato não tinha quase nada, exceto uns caroços de feijão malcozidos, com farinha grossa, acho que era um resto de farinha velha. Ela comia com raiva, com gosto, com desespero, com ironia, com alegria por ter aquele pouco de feijão, para saciar sua fome terrível e insaciável, com tristeza de só ter aquele pouco de feijão, enquanto muitos têm mais do que feijão, tem bife batatinhas. Eu vi a pobreza.

Não me lembro porque escrevi isso, ou em quais circunstâncias. Nessa ocasião, conforme data no diário, eu tinha 17 anos. Era 15 de junho de 1973.

Quando era adolescente, lia literatura, como o *Diário de Anne Frank*, mas gostava também da leitura de revistas em quadrinhos, como *Tio Patinhas*, *Pato Donald* e outras. Certo dia, meu pai pôs fim a muitas revistas, porque eu não queria fazer outra coisa, a não ser lê-las – o que me deixou bastante triste, pois a literatura e a arte, de modo geral, estavam definidas no meu DNA e faziam parte da minha estrutura sociogênica, descrita por Callon (2010) como:

Um conjunto de valores que, tendo participado de uma maneira ou de outra, no mais das vezes de maneira modesta, à concepção, à elaboração e à adaptação da inovação, se veem partilhar um mesmo destino, pertencer ao mesmo mundo, suas ações, seus projetos foram progressivamente ajustados, coordenados. Tais redes mesclam humanos e não humanos e é isso que faz sua força e robustez (Callon, 2010, p. 71-72).

A literatura entrou muito forte em minha vida, a partir dos poemas que escrevia em todos os cadernos que eu tivesse e, mais formalmente, quando eu e uma amiga resolvemos publicar em parceria nosso primeiro livro. Eu e Marisa Biasoli

tínhamos muitas afinidades e uma delas era escrever poesias.

Marisa Biasoli era uma amiga poetisa, presente de Deus, como todos os amigos que tenho. As afinidades pela poesia nos aproximaram ainda mais, para assim realizar um sonho: publicar nosso primeiro livro juntas. Depois dessa realização, continuamos na escrita, mas individualmente.

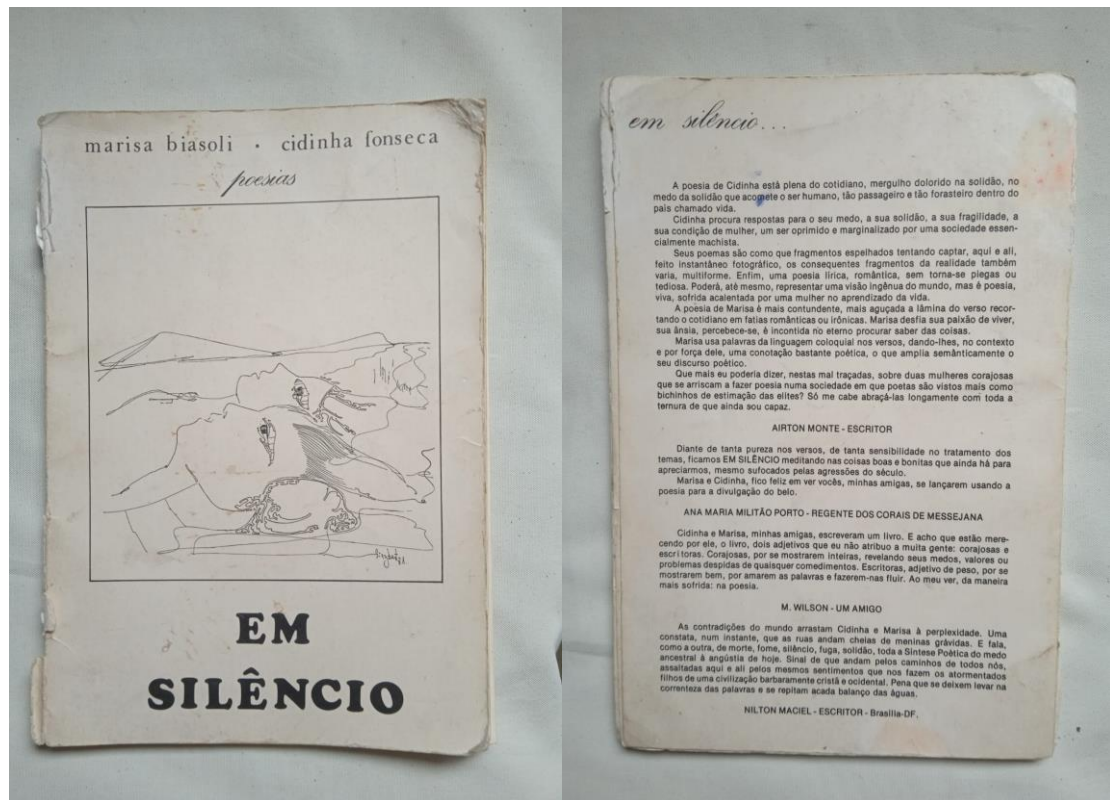
A ideia do livro surgiu de um bate papo na praia. Como já há muito tempo escrevíamos, resolvemos juntar nossos trabalhos e lançar a nossa primeira obra literária. Após uma conversa séria, empenhamo-nos na edição de nossos trabalhos. O passo seguinte foi reunir os poemas e enviar para alguém que realmente tivesse o poder de selecioná-los. Não seria outra pessoa senão o professor Moreira Campos, escritor, contista, poeta também. Ele fez a seleção de nossas poesias. Depois partimos para edição.

Então, formamos a parceria: juntamos nossas poesias e publicamos, em 1981, o livro *Em Silêncio*, pela Editora e Gráfica Tipogresso (Figura 60). O livro foi ilustrado por Siegberto Franklin, grande artista e amigo (já falecido), e prefaciado pelo grande poeta Jader de Carvalho (também falecido), com comentários na contracapa postados pelo escritor Airton Monte (falecido), pela regente dos Corais de Messejana, Ana Maria Militão Porto, pelo amigo Mário Wilson e, também, pelo escritor Nilton Maciel. Nós amávamos a poesia e tudo era motivo para transformar em versos, pois, como diz Maturana (2001), todos os humanos “[...] são poetas da vida cotidiana”:

Nós humanos, vivemos experiências estéticas em todos os domínios relacionais nos quais lidamos. É devido ao fundamento biológico da experiência estética, bem como ao fato de que tudo o que vemos como seres humanos pertence à nossa existência relacional, que a arte se entrelaça em nossa existência social e nosso presente tecnológico em qualquer época (Maturana, 2001, p. 195).

Lançamos o primeiro livro em Fortaleza, no Clube Náutico Atlético Cearense, e apresentado pelo escritor e professor Carlos D’Alge (Figura 61).

Figura 60 – Livro *Em Silêncio*



Fonte: Acervo pessoal

Figura 61 – Lançamento do livro *Em Silêncio*, 1981

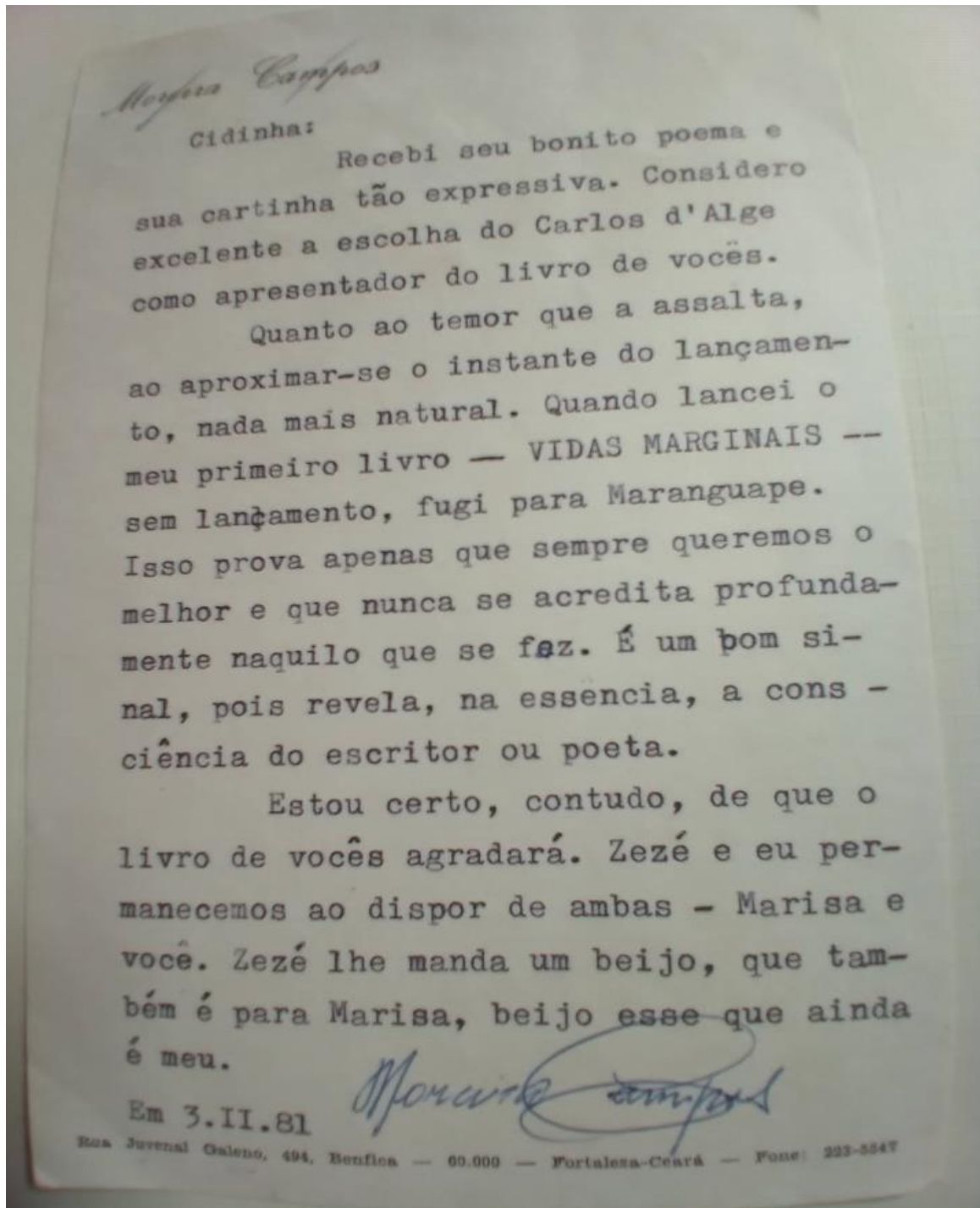


Fonte: Acervo pessoal

De grande importância para nós foi o apoio do também grande escritor Moreira Campos, cujas palavras encorajadoras de sua gentil carta ainda ecoam no

meu coração (Figura 62). Depois fomos convidadas a lançar o livro na Casa do Ceará, em Brasília, DF, onde aconteciam eventos de muitos artistas cearenses.

Figura 62 – Carta de Moreira Campos

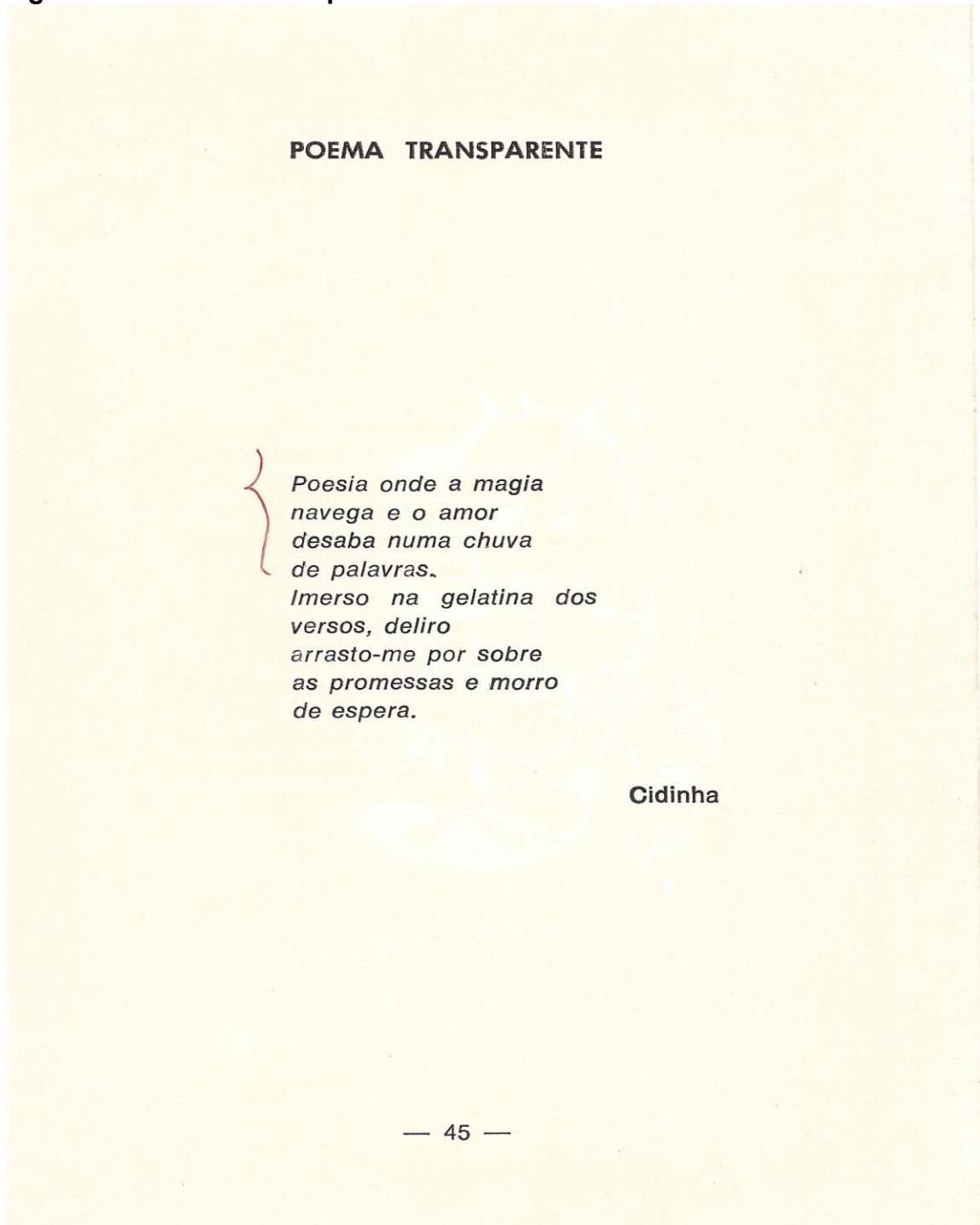


Fonte: Acervo pessoal

Nesse livro, apresento 16 poesias. O *Poema Transparente* (Figura 63) é o meu preferido desse livro porque traz a minha fome de escrever poesia. Literalmente,

quando numa chuva de palavras, trago minhas emoções.

Figura 63 – Poema Transparente



Fonte: Fonseca; Biasoli, 1981.

Em 1984, por motivos pessoais, fui morar em Macapá, DF. Na época, consegui emprego na Escola de Arte Cândido Portinari (Figura 64). Achava que ia morar lá – senão a vida toda – por muito tempo. Contudo, acabei voltando para

Fortaleza. Foi um período muito curto, diga-se de passagem, relâmpago, até, mas não poderia deixar de mencionar aqui, pois foi marcante para mim essa pequena experiência. O que me levou a ser professora naquela escola de arte foi eu ser artista, pois, na época, eu ainda não era graduada em licenciatura de Artes Visuais. Foi o fato de eu fazer arte. Foram quatro meses importantes na minha vida: eu, fora da minha cidade natal, lecionando arte. Hoje, a escola pertence ao Estado, e Macapá deixou de ser território para ser estado.

Figura 64 – Registro da Carteira de Trabalho

18

CONTRATO DE TRABALHO 15

Empregador Prefeitura Municipal de Macapá - Cont. 002/84

Rua Al. F.A.B. N° 840

Município Macapá Est. T.F.A

Esp. do estabelecimento Emp. Pública

Cargo Professora

C.B.O. nº

Data admissão 01 de Abril de 19 84

Registro nº Fis/Ficha

Remuneração especificada R\$ 50.256,00 (cinquenta mil, duzentos e cinquenta e seis reais)

Maria Vitoria de Sousa
Diretora do Serviço de Pessoal
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.
CPF 010 251 341 - 07

1º

2º

Data saída 30 de Nov. 84 de 19 84

JOSE LIMA MARQUES
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.
1º

2º

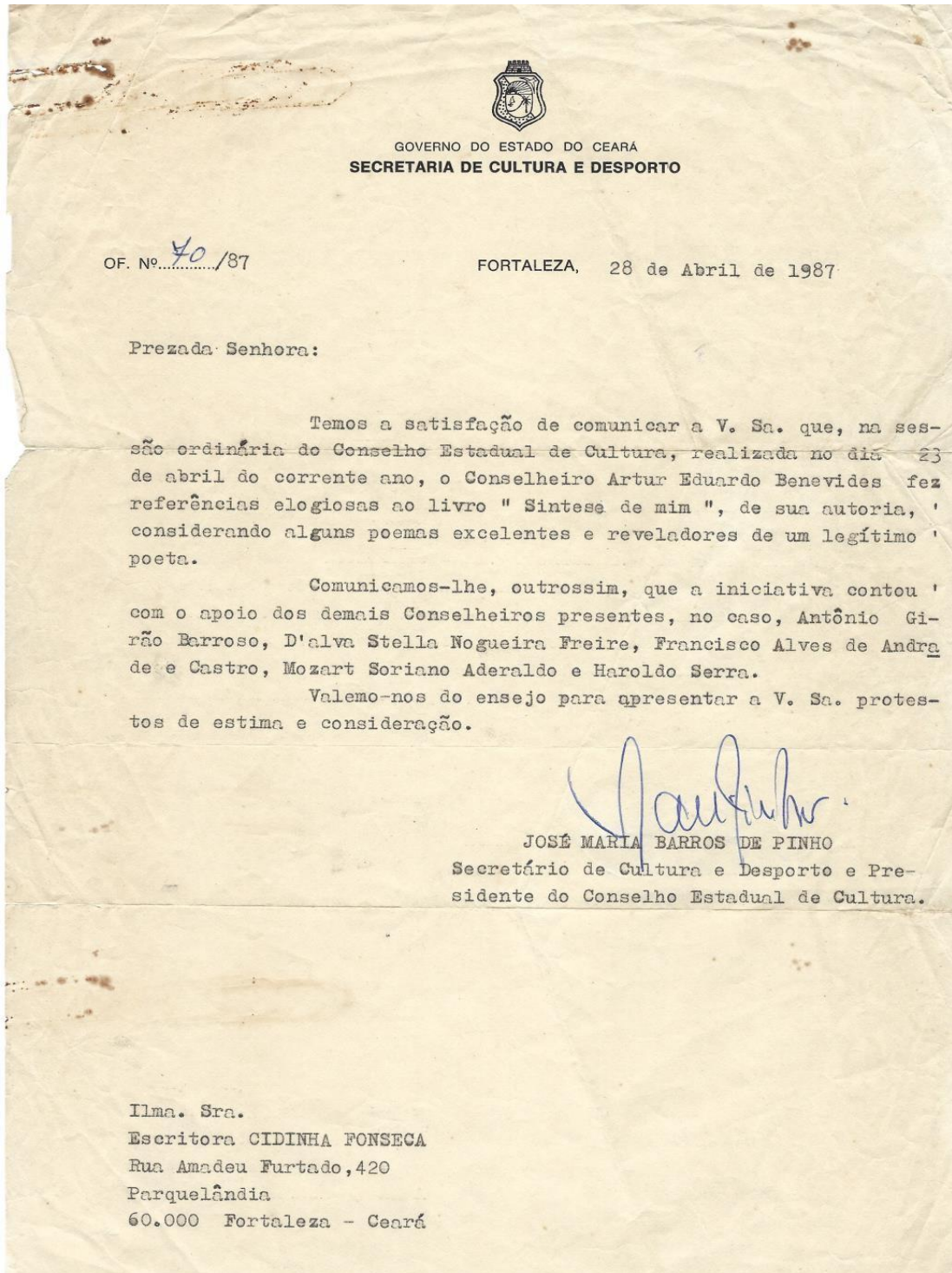
CPF 028 832 792 - 08

Fonte: Acervo pessoal

Continuei escrevendo e organizei um livro individualmente, inscrevendo-me no Edital da Secretaria de Cultura e Desporto. Meu livro de poesias foi aprovado

(Figura 65), para minha alegria.

Figura 65 – Carta de aprovação para impressão do livro *Síntese de mim*

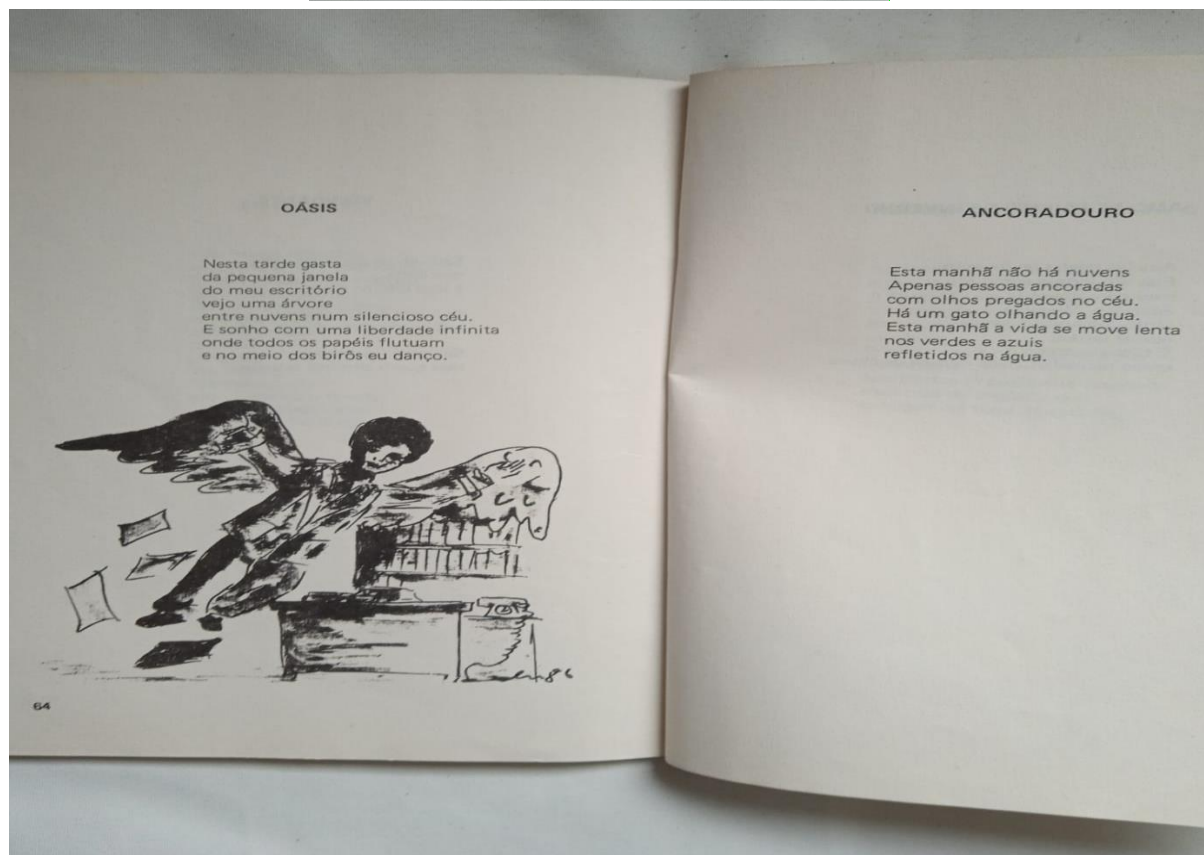
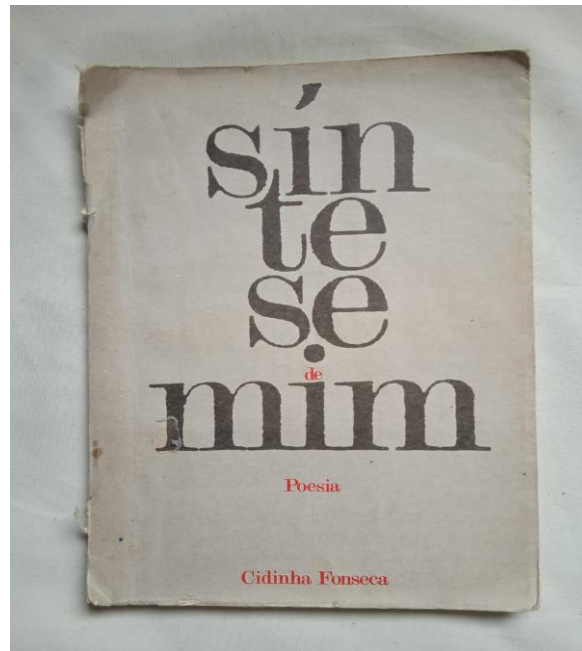


Fonte: Acervo pessoal

O livro foi editado em 1986, com o título *Síntese de Mim*. A capa foi elaborada pelo arquiteto Mário Roque. As ilustrações são minhas. A foto da

contracapa foi realizada pelo fotógrafo e escritor Nirton Venâncio. E o prefácio foi escrito pelo grande poeta cearense Francisco Carvalho (Figura 66).

Figura 66 – Livro *Síntese de Mim*



Fonte: Acervo pessoal

Era tudo maravilhoso!!!

O lançamento aconteceu no Clube Náutico Atlético Cearense e apresentado pelo príncipe dos poetas cearense, Artur Eduardo Benevides, num evento muito concorrido (Figura 67).

Figura 67 – Lançamento do livro *Síntese de mim*, 1986



Fonte: Acervo pessoal

Em 1987, Sinésio Cabral, professor de língua portuguesa, poeta e trovador de vastos recursos, publicou uma crítica elogiosa ao meu livro no então Jornal Tribuna do Ceará, com data de 08 de maio (Figura 68). Senti-me muito feliz e honrada com as palavras generosas de alguém que leu com cuidado cada poesia, cada estrofe, cada ponto da minha alma.

Figura 68 – Cidinha Fonseca em auto-retrato, de Sinésio Cabral

Cidinha Fonseca em auto - retrato

Sinésio Cabral

Lemos, com indizível prazer, o livro solo de Cidinha Fonseca – “Síntese de mim” (poesia, capa e gravuras da autora, orelhas de Régine Limaverde e de Márcio Catunda, palavras iniciais do grande poeta Francisco Carvalho, foto de Cidinha na contracapa, Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1986, 79 páginas).

Maria Aparecida da Fonseca Lima (Cidinha Fonseca) nasceu em Fortaleza, a 8 de julho, sob o signo de Câncer, e reside nesta Capital onde é funcionária pública. Além de poetisa, é artista plástica, nas horas de lazer. Tem participado de festivais. Quase sempre merece prêmios. Sabe dividir o tempo entre o lar, o trabalho e a poesia, com a mesma doçura e sutileza de atitudes, num sorriso espontâneo e autêntico, em plena atividade profissional. Realizou, a quatro mãos, com Marisa Biasoli, “Em Silêncio” (Poesias), 1931, Anuncia “Ancoradouro”, no prelo.

O livro e Cidinha, de corpo e alma, em 58 grandes poemas de forma livre, pequenos, ante os olhos do leitor, antes de lidos em profundidade. Não se trata, aqui, como se vê, de um paradoxo nem de um raciocínio antitético. Mas os poemas são assim mesmo: incomensuráveis, por dentro, e microscópicos, por fora. É o predomínio da idéia sobre a forma; da essência sobre os fragmentos das coisas; dos instantes eternos sobre

as contingências da vida; do espírito de cada verso sobre a aparência material das palavras, nas estrofes e nos poemas. Em “Bodas” – o poema inicial-, a nostalgia da autora se oculta numa pergunta (“A quem darei meu coração?”), talvez mais uma apóstrofe que uma pergunta de efeito puramente retórico, muito freqüente na oratória. O lirismo transbordá, de quando em quando, na solidão da poetisa (... “sempre que amei/estive assustadoramente só”); na confissão espontânea do seu íntimo (“Sou doçura, perfumes/ e rendas”); no seu desencanto por tudo (“Minhas palavras.../ Elas passam perdidas/ como um sopro de brisa.”). E note-se aqui, o emprego dos pontos de reticência, suspendendo intencionalmente a frase. É a linguagem afeiva trazida por Cidinha para o poema. Ela planta como afirma, em linguagem figurada: “jardins intermináveis/ onde estendo meu corpo e/meu pranto no final das tardes”. Fala, também, em “Mulheres fatigadas”, das que “Amam com o pensamento/ e bordam com mãos calejadas/desenhos na vida dos homens.” Em “Amor”, parece coloquial o emprego da hipócale: “Chegarei silencioso e leve/ numa segunda-feira preguiçosa. “Preguiçosa não estava a segunda-feira, nas quem chegou “silencioso e leve”. Houve a subordinação a um termo do atributo que deveria subordinar-se a

outro. A espera de alguém faz a poetisa mergulhar, em “Manhãs frias”, sob o influxo de erotismo, através desses versos: “Sinto não ter tua presença/ nem o resplandecer do teu orgasmo”. Preocupa-se, outrossim, com “a angústia do amor”, a deixar Júlia, possivelmente sem paz. Sente, por outro ângulo, os “sonhos perderem seus destinos.” Faz menção expressa, em “Amar”, ao “labirinto da masturbação/ do tûmulo das pessoas sós”, ainda sob o impacto do erotismo, para concluir assim: “Serei frio e calor/ amando e trancando teu corpo.” “Lembranças”, “Mágica”, “Te recordo amor”, “Movimento”, “Transfiguração”, “Passaram-se os dias...”, “Meu coração”, “Apolo”... bem refletem o mundo interior de Cidinha. Em “Te recordo amor”, há sintaxe irregular de colocação e ausência de vírgula, antes de vocativo – características formais da primeira fase do Modernismo (1922/1930). Também deixa ela transparecer, nos demais poemas, desde “Carta” até “Iluminado”, pedaços da sua alma inquieta e sonhadora, ao defrontar-se com a realidade de paisagens sociais diferentes, no mundo exterior. Observamos, ao longo da obra, vislumbres de encantamentos, e resquícios de desencantos, por parte da autora, em meio à solidão. “Dizem que a criança que trago comigo/ (ênfatiza Cidinha o prognóstico) “me fará menos só!”.

Conheci o professor Sinésio Cabral na Agência Central dos Correios, onde eu trabalhava. Lembro muito dele. Quando ele ia aos correios, conversávamos sobre poesia, literatura. Boas conversas! Dei a ele o meu livro. Ele leu e gostou a ponto de escrever a respeito e publicar no jornal. Serei grata a vida inteira por isso.

Em 2020, soube que o poeta e escritor gaúcho, radicado em João Pessoa, na Paraíba, escreveu várias páginas na sua revista eletrônica MALLARSÉRIES – Filosofree, um artigo intitulado “Cidinha Fonseca e o pudor de falar alto” (Figura 69).

Figura 69 – Cidinha Fonseca e o pudor de falar alto, de Lau Siqueira



06/05/2020
4 weeks ago

MALLARSÉRIES - Filosofree: Cidinha Fonseca e o pudor de falar alto | mallarmargens
MALLARSÉRIES - Filosofree: Cidinha Fonseca e o pudor de falar alto

o pensamento livre

LAU SIQUEIRA

[https://1.bp.blogspot.com/--X-Pwx7cj3k/Xo_GaDoQZTI/AAAAAAAAHmo/eN0BdVaV11E2sZYOT026HfP_HfVGQHrtQCLcBGAsYHQ/s1600/filosofree.jpg]

A poesia brasileira e, especialmente a poesia brasileira de autoria feminina, tem conquistado importantes espaços de visibilidade nos últimos tempos. As portas abertas são uma conquista das lutas por igualdade que sustentam o feminismo. Nos últimos tempos fizeram barulho no cenário nacional através de movimentos como Mulherio das Letras e em antologias como “Biafêmeas”. A turbulência é grande. O tempo todo aparecem poetas extremamente talentosas. Algumas, aliás, muito jovens. Nem sempre foi assim. Não falo dos tempos em que as mulheres escreviam com pseudônimo masculino. Não falo apenas da subtração feminina no patriarcalismo literário nas últimas décadas. Falo das relações mais recentes, pois a Literatura sempre guardou expressões de machismo e racismo. Nota-se que as coisas vão mudando aos poucos. Lentamente, até, mas as mudanças são irreversíveis. Falo, principalmente, das últimas décadas.

www.mallarmargens.com/2020/04/mallarséries-filosofree-cidinha-fonseca.html?m=1

1/7

Fonte: Siqueira, 2020.

No artigo, ele começa falando das conquistas importantes que nós mulheres temos alcançado nos últimos tempos. Cita alguns movimentos, como o Mulherio das Letras, e algumas antologias, a exemplo de *Blasfêmeas*. Destaca minha ousadia em derramar em meus poemas sentidos e sentimentos captados pela minha audição, visão, tato, paladar, e apresenta sete dos meus poemas (Figura 70).

Figura 70 – Comentários de Lau Siqueira sobre o livro *Síntese de Mim*

06/05/2020 MALLARSÉRIES - Filósofen: Cidinha Fonseca e o pudor de falar alto | mallarmargens

uma caminhada incerta na literatura do Século XXI. A poesia de Cidinha nos mostra o quanto estamos juntos, abraçados nessa nau turbulenta, nesse pequeno hiato de tempo. Somos o bloco sonoro de uma única voz reveladora da nossa percepção sobre o mundo. O que revela uma poesia como a desta poeta cearense, são os sentidos: audição, visão, tato, paladar. Tudo muito vivo. Tudo esparramado em versos que não tem pudores para unir a pulsação da vida com a linguagem. Até porque não existe nada mais vivo que a linguagem. Eis, portanto, uma poeta que não tem medo de sentir. O livro tem 80 páginas e foi publicado pela gráfica oficial do Ceará, através da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará.

Fonte: Siqueira, 2020.

Reproduzo a seguir os poemas destacados por Lau Siqueira (Figura 71):

Figura 71 – Poemas destacados por Lau Siqueira do livro *Síntese de Mim*

MULHERES FATIGADAS	JÚLIA
<p>As pequenas mulheres fatigadas de braços finos de olhos pesarosos também amam. Amam com o pensamento e bordam com mãos calejadas desenhos na vida dos homens.</p>	<p>Essa voz invisível que te leva a noite misturando o real e o irreal das coisas é o fogo da terra que clama.</p> <p>Mais tarde, Júlia, virá o mar com seus perigos. Os rios e seus pescadores. Quem sabe a angústia do amor. E não terás paz, isto é certo.</p>

AMAR

Te amarei por inteiro.
Escapando do labirinto da masturbação.
do túmulo das pessoas sós.

Amarei e dançarei com meus sentidos,
realizando e desmanchando as
coisas em todos os tempos.

Serei frio e calor
amando e trancando teu corpo.

VIANDANTE

Sou um pouco deste vidro
que corta
e joga a fome no ar.

Sou esta nudez medrosa
que se contorce de frio e chora.

Sou aflito, sem casa
mas quero alcançar estrelas.

APOLO

Jazes no meu pensamento.
Acho que te fiz divino.
Penso em caminhar no teu rio de sonhos.
Invadir possíveis caminhos secretos
arrancar as cortinas do teu universo
as ferrugens dos teus abismos
devorar toda tua nostalgia.
Depois descansar nos degraus
da tua sepultura.

LEMBRANÇAS

Não vejo lágrimas dentro dos teus olhos.
Vejo estrelas levantarem-se trazendo noite.
E sinto a solidão ondulando
fluindo imagens de antigos sonhos
há uma grande tristeza no teu infinito.

CREPÚSCULO

Sou fiel ao crepúsculo
todos os dias abro a cortina
da minha janela.
Planto-me em frente ao horizonte
e sozinho
coração saltando
debaixo da minha roupa gasta
eu o espero.

Fonte: Siqueira, 2020.

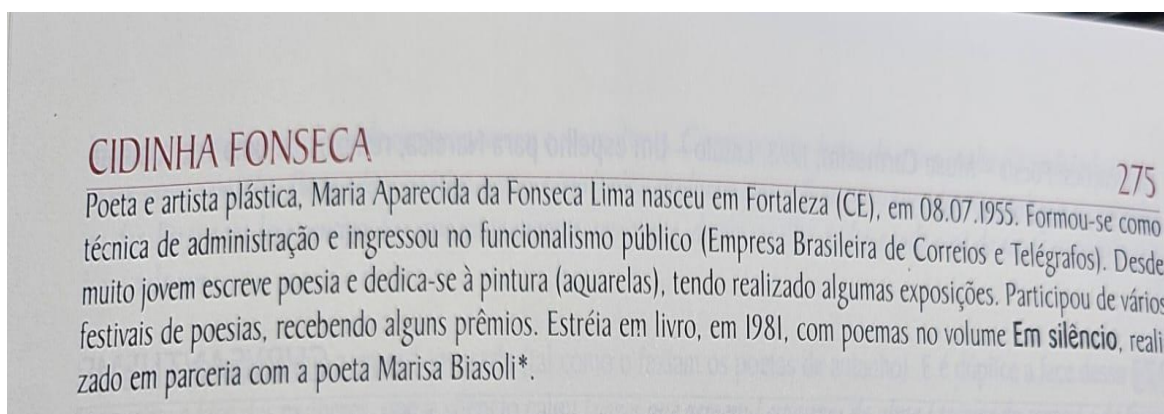
Para este livro, escrevi muitas poesias, mas foram publicadas, ao final, 79. A que mais aprecio é o “Viandante”, porque traduz os que vivem à margem, mas ainda sonham.

Depois do lançamento do livro, recolhi-me, saindo da “cena artística” por estar casada e querer evitar desconfortos no seio familiar. Muito embora continuasse

escrevendo poesias, não mais publiquei. Passei a pintar cartões para minhas amigas e amigos, sem mais participar de atividades artísticas e literárias, apenas acompanhando o que meus amigos artistas realizavam.

Não sei precisar a data, mas, certo dia, recebi uma carta que dizia da minha participação no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, fruto de exaustivas pesquisas e dedicado trabalho da escritora e professora Nelly Novaes Coelho (Figura 72). Este fato me deixou bastante lisonjeada e feliz por estar entre nomes potentes da literatura.

Figura 72 – Cidinha Fonseca no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras



Fonte: Coelho, 2002.

Recentemente, no grupo Teia, participei do E-book com outras e outros companheiros do grupo, o que muito me alegrou. Contudo, tenho material para – quem sabe – publicar outro livro um dia desses. Irei à luta para isso.

A literatura tem sido minha fiel companheira ao longo da jornada da minha vida, uma trama de palavras que se entrelaçam com nuances de minhas experiências e emoções. Recentemente, venho inserindo poesia, algumas vezes, na minha pintura – o que cabe perfeitamente. Cada livro que lancei, em parceria ou individual, foi uma porta aberta para outros mundos, uma fuga para liberdade e expressão. Mais do que nunca, neste tempo, a poesia emerge como uma voz ressonante ecoando os anseios, as alegrias e os desafios da nossa era. Em meio ao ritmo acelerado da vida atual, a poesia oferece refúgio, um espaço de contemplação cujas palavras dançam livres, desafiando as convenções, revelando verdades ocultas. Assim, minha jornada literária, além de ser uma forma de arte, atua como agente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao explorar as complexas redes de criação e o papel das memórias em minha pesquisa, mergulhei nas profundezas do processo artístico e da formação de identidade, para dizer do meu objetivo que é trazer à baila o meu percurso artístico para desvendar as redes de criação da minha obra como um todo.

É nítido que fazem parte da base das minhas redes, dos processos envolvidos nas minhas várias obras, o entrelaçamento entre mim e minha mãe, num primeiro momento e, posteriormente, as artistas scapianas, Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba, ícones da arte cearense. Suas influências no meu percurso, a luta delas e nossas, desde sempre, pela visibilidade das mulheres artistas, apesar da maioria ainda não atingiram o patamar ideal. Vemos literalmente, através de mostras, exposições aqui no Nordeste e provavelmente no mundo a fora, que as mulheres artistas ainda estão aquém nas estatísticas nas áreas das artes. Vemos essa discrepância entre a visibilidade de artistas homens e artistas mulheres.

Além da pintura, trago também o meu lado na literatura e na performance, que fazem parte de mim, mostrando que a/o artista pode passear sem pudor por todas as formas de artes, muito embora se aprofunde em uma ou outra.

A narração do meu percurso artístico trouxe as minhas memórias como lentes nessa jornada de pesquisa e autoconhecimento. Foi de grande significado para mim este relato, pois trouxe à luz resultados surpreendentes sobre minha própria arte, que eu própria não tinha ideia. Este trabalho me deu a oportunidade de me aproximar de mim mesma enquanto artista, de entender o meu percurso, de ver a minha rede de criação, totalmente inacabada.

As obras de Nice Firmeza e de Heloisa Juaçaba influenciaram meu trabalho na questão da pintura figurativa. Contudo, essas artistas com seu legado de luta e arte me inspiraram a lutar por um lugar ao Sol no circuito artístico, não só por mim mesma, mas por outras mulheres artistas que existem e lutam sistematicamente para mudar o já estabelecido há muito tempo. Nice Firmeza nos deixou um grande legado com sua arte poética, presente em voga com suas pinturas, bordados, diferentes multimídias, contribuindo com a contemporaneidade na arte. Heloisa Juaçaba, com sua arte poética, mas também concreta, inspira-nos incansavelmente a buscar evoluir a partir de nossas experiências individuais e comuns.

Pensando e escrevendo estas memórias, me vejo de alguma forma uma

mulher artista, de forma não tão potente quanto elas, mas artista. Busco me despir das vestes de fazedora de arte que constrói instintivamente sem buscar o conhecimento, para me vestir das vestes de artista que faz e diz por que é arte ou onde há arte. Observo o – senão longo – quase longo caminho que percorri e faço da evolução da arte em mim mesma uma mulher decolonial, transgressora, em busca da visibilidade minha e de muitas outras mulheres. Artistas ou não, buscamos o direito da diferença de outro pensamento e fala. Eu poderia ser decolonial, pois saio da lógica de um pensamento único, busco a pluralidade onde há riqueza de ideias e vida, como diz Walsh:

O decolonial denota[...] um caminho de luta contínua no qual podemos identificar, visibilizar e incentivar “lugares” de exterioridade e construções alternativas (Walsh, 2009, p.14-15).

As redes de criação artística revelaram-se como um aspecto essencial para minha dissertação, por proporcionar uma riqueza de fonte inesgotável de inspiração. Artistas como Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba, bem como minha mãe, destacam a importância das conexões humanas na construção de minha própria linguagem visual. Cada interação, seja artística com colegas artistas, professores, ou minha mãe, deixaram uma marca indelével em meu trabalho, moldando minha identidade artística e minha compreensão do mundo.

As memórias, por sua vez, revelaram-se como fios. No futuro, espero que esta dissertação inspire outros, outras artistas a explorar suas próprias redes de criação e memórias, enriquecendo assim o panorama da arte contemporânea. Acredito que podemos enriquecer a arte com interconexão de influências e memórias, pois a criação artística é um processo contínuo de evolução, alimentado por experiências, conexões e memórias. Sendo assim, creio que, de algum modo, posso contribuir com esta minha pesquisa autobiográfica. Poderá ser um lembrete de que a arte é uma expressão da experiência humana em toda a sua diversidade e profundidade, e que o nosso percurso artístico está intrinsecamente ligado às redes de criação que moldam nossas vidas e nosso mundo.

Como escritora, poetisa e artista plástica considero minhas memórias relevantes para a problematização sobre a história da arte no Ceará e sobre a luta das mulheres cearenses para serem aceitas como artistas, cujas obras podem e devem ser apreciadas em museus e exposições. Penso que, de certa forma, também tenho um legado que contribui para a riqueza cultural do Ceará.

Entendo também que este trabalho contribui para os estudos sobre a compreensão a respeito do processo criativo, uma vez que parte desse processo é explicitado pela própria artista, no caso eu, e não deduzido pelos seus rascunhos, anotações, copiões, dentre outros.

A narrativa do meu percurso artístico se enriqueceu de forma profunda com a contribuição do legado deixado por Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba. Que elas sejam inspiração para outros!!! Que minha pesquisa e *insights* possam inspirar outras, outros e outras a explorar a interseção entre minhas memórias e a arte de Nice Firmeza e Heloisa Juaçaba. Que estas memórias possam de fato ampliar o conhecimento sobre as redes de criação.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. O **Espaço Biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- BOSI, E. **Memórias e Sociedade**: Lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz Ltda, 1973.
- CALLON, M. Performativity, misfires and politics. **Journal of Cultural Economy**, v. 3, n. 2, p.163-169, 2010.
- CATÁLOGO SALÃO DE ABRIL, 1976. Disponível em: <https://www.salaodeabril.com.br/docs/catalogos/Catalogo+salao+de+abril+1976.pdf> . Acesso em: 04 ago. 2022.
- CATÁLOGO SALÃO DE ABRIL, 1977. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/9285/catalogo+salao+de+abril+1978.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2022.
- CATÁLOGO SALÃO DE ABRIL, 2018. Disponível em: <https://www.salaodeabril.com.br/docs/catalogos/Catalogo+salao+de+abril+2018.pdf> . Acesso em: 04 ago. 2022.
- CATÁLOGO SALÃO DE ABRIL, 2019. Disponível em: <https://www.salaodeabril.com.br/docs/catalogos/Catalogo+salao+de+abril+2019.pdf> . Acesso em: 04 ago. 2022.
- COELHO, N. N. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Editora Escrituras, 2002.
- COMO ser artista, segundo Georgia O’Keeff. **Arte|Ref**, 27 de agosto de 2021. Disponível em: <https://arteref.com/opiniao/como-ser-artista-segundo-georgia-okeeffe/>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- COSTA, S. A. A. O meio artístico cearense em meados do século XX. *In*: Encontro de História da Arte, 5., 2009, Campinas. **Anais [...]**, Unicamp: IFCH/UNICAMP, 2009, p. 82-85.
- COUTO, M. **Le Cartographe des absences**. Traduit par Elisabeth Monteiro Rodrigues. Paris: Éditions Métailié, 2022.
- D’ONOFRIO, S. **Teoria do Texto**: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs capitalismo e esquizofrenia 2**. v. 1, São Paulo: Editora 34, 2011.
- ESTRIGAS, E. **A Fase Renovadora da Arte Cearense**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.
- ESTRIGAS, E. **Artes plásticas no Ceará**: síntese histórica: contribuição à história da arte do Ceará. Brasil, EUFC: Núcleo de Documentação Cultural, 1992.

ESTRIGAS, E.; CARVALHO, G.; BARRETO, Z. **As artes de Zenon Barreto: traços cores e formas**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2012.

ESTRIGAS, E.; JORDANA, F.; MUNIZ, J. **O Salão de Abril: 1943-2009**. 2. ed. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria: La Barca, 2009.

FONSECA, C. **Síntese de Mim: poesia**. Fortaleza: Secretária de Cultura e Desporto, 1986

FONSECA, C.; BIASOLI, M. **Em Silêncio**. Fortaleza: Editora Tipogresso, 1981.

FONTELES, B.; ESTRIGAS, E.; FIRMEZA, N. **NicEstrigas: arte e afeto**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014.

FRANK, A. **O Diário de Anne Frank**. 42. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

GUTIÉRREZ, A.; MARQUES, K.; AMORIM, L. H. Tessituras para Nice Firmeza: três olhares sobre a artista. **Jornal O POVO**, edição impressa. Vida & Arte, 16 de julho de 2021. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2021/07/16/tessituras-para-nice-firmeza--tres-olhares-sobre-a-artista.html>. Acesso em: 21 out.2022.

LIMA, M. A. F. **Mulheres scapianas: uma abordagem do ponto de vista histórico da presença feminina na arte cearense**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Instituto Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, G. A. **Calidoscópio: experiências de artistas-professores como eixo para uma história do ensino de artes plásticas em Fortaleza**. 2008. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MANYÉ, P. Homenagem a Heloísa Juaçaba. *In*: **Unifor Plástica**. Fortaleza: Editorial XVI UNIFOR, 2009.

MATURANA, H.R. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MELIM, R. **Performance nas Artes Visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

O QUE foram os parangolés? **Arte|Ref**, 17 de março de 2023. Disponível em: <https://arteref.com/arte-contemporanea/o-que-foram-os-parangoles/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

PAULA, J. Cor, corpo e imaterial: Yves Klein. **Arte|Ref**, 10 de novembro de 2016. Disponível em: <https://arteref.com/arte/cor-corpo-e-imaterial-yves-klein/>. Acesso em:

07 ago. 2023.

PAULA, J. Curiosidades: O que você sabe sobre a Arte Figurativa? **Arte|Ref**, abril 19, 2017. Disponível em: <https://arteref.com/arte/curiosidades-o-que-voce-sabe-sobre-a-arte-figurativa/>. Acesso em: 15 set. 2023.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROCHA, M. J. M. O Tempo, a Memória e a Arte. **Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Porto, s. 1, v. VII-VIII, p. 351-360, 2008-2009.

ROLIM, H. Um encontro do passado em favor do hoje ou da figura à sensibilidade pura. In: SANTOS, N. A. C. (Org.) **O inventário de uma obra**. 1 ed. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2012, p. 21-24.

SALES, I. Nos cem anos de Nice Firmeza, entrevista recupera o pioneirismo da pintora e sua trajetória na Scap. **Diário do Nordeste**, 18 de julho de 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/nos-cem-anos-de-nice-firmeza-entrevista-recupera-o-pioneirismo-da-pintora-e-sua-trajetoria-na-scap-1.3110111>. Acesso em: 21/ out. 2022.

SALLES, C. A. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. 2 ed. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2004.

SALLES, C. A. **Redes de criação**: construção da obra de arte. Editora Horizonte, 2006. (Versão de Registro na Biblioteca Nacional 359. 234).

SANTOS, N. A. C. (Org.), **O inventário de uma obra**. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2012.

SILVA, A. S. A Casa Raimundo Cela e as artes visuais no Ceará (1960–1980). In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-PE, 12., 2018, Recife. Anais [...], Recife: UFPE, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/1535565882_ARQUIVO_TextocompletoAnpuhPe.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

SILVA, A. S. **A Casa Raimundo Cela e O Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará**: transformações e permanências no campo da arte (1967-1989). 2020. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SILVA, A.S. As políticas públicas de cultura e as artes no Ceará: a criação e consolidação do centro de artes visuais – Casa Raimundo Cela. **Clio**: Revista de Pesquisa Histórica, [S. l.], v. 2, n. 43, p. 313-328, 2016.

SILVA, A. S. Heloísa Juaçaba, geração Raimundo Cela, e as políticas de cultura para artes no Ceará. In: XI ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL, Ficção e poder: oralidade, imagem e escrita. Nordeste. **Anais** [...]. UFC, maio de 2017. Disponível em https://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494038508_ARQUIVO_TextoERHO.pdf. Acesso em: 21 jun. 2023.

SIQUEIRA, L. Cidinha Fonseca e o pudor de falar alto. *In*: SIQUEIRA, L. **Blog MALLARSERIES-Filofree**, 2020. Disponível em: www.mallarmargens.com/2020/04/mallarseries-filosofree-cidinha-fonseca.html?m=1. Acesso em: 20 abr. 2023.

SOCIEDADE Cearense de Artes Plásticas (SCAP). *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao16892/sociedade-cearense-de-artes-plasticas-scap>. Acesso em: 27 set. 2023.

TEIXEIRA, B. P. A Casa de Cultura Raimundo Cella na formação de um ator e professor de teatro. *In*: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS - SINECGEO, 3., 2014, Fortaleza. **Anais [...]**, Fortaleza: [s. n.], 2014. p. 1367-1379.

TEIXEIRA, B. P. **Casa de Cultura Raimundo Cella**: espaço de formação de uma geração do teatro fortalezense (1975-1989). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

TRÉZ, J. G. 100 anos de Nice Firmeza: elaborações do legado da artista no contemporâneo. **Jornal O POVO**, edição impressa. Vida & Arte, 16 de julho de 2021. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaearte/2021/07/16/100-anos-de-nice-firmeza--elaboracoes-do-legado-da-artista-no-contemporaneo.html>. Acesso em: 21 out. 2022.

TRIGO, L. **A grande feira**: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TUDO pode ser considerado arte? **Arte|Ref**, 05 de setembro de 2022. Disponível em <https://arteref.com/arte-contemporanea/tudo-pode-ser-considerado-arte/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

VARELLA, P. Não foi Duchamp quem criou o “ready made”. **Arte|Ref**, 17 de março de 2020. Disponível em <https://arteref.com/arte/curiosidades/nao-foi-duchamp-quem-criou-o-ready-made/> Acesso em: 20 abr. 2023.

WALSH, C. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Ediciones Abya-Yala, 2009.

WÖLFFLIN, H. **Conceitos fundamentais da história da arte**: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. 4. ed., Tradução de João Azenha Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZAMBONI, S. **A Pesquisa em Arte**: um paralelo entre arte e ciência. 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

ZIMMERMANN, J. M. Autobiografia: as mutações de um fértil gênero. **Revista Thema**, v.17, n.2, p.532-544, 2020.